



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

AMANDA PAES LANDIM SILVA

**“DO RIACHO PARA O LADO DE LÁ É QUEIMADINHA E PARA O LADO DE CÁ
É GARÇA”: A formação de Queimadinha Vêa, em São Raimundo Nonato-PI, na
perspectiva da Arqueologia do Presente**

SÃO RAIMUNDO NONATO PI

2023

AMANDA PAES LANDIM SILVA

**“DO RIACHO PARA O LADO DE LÁ É QUEIMADINHA E PARA O LADO DE CÁ
É GARÇA”: A formação de Queimadinha Vêa, em São Raimundo Nonato-PI, na
perspectiva da Arqueologia do Presente**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Serra da Capivara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Elias Canaan Mageste

SÃO RAIMUNDO NONATO- PI

2023

	Silva, Amanda Paes Landim
S586r	“Do riacho para o lado de lá é queimadinha e para o lado de cá é garça”: a formação de Queimadinha Vêa em São Raimundo Nonato na perspectiva da arqueologia do presente / Amanda Paes Landim Silva. – São Raimundo Nonato - PI, 2023. 225 f.: il. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2023. Orientador: Prof. Dr. Leandro Elias Canaan Mageste. 1. Identidade comunitária. 2. Memória cultural. 3. Arqueologia do presente. 4. Cultura material. I. Mageste, Leandro Elias Canaan. II. Título. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco. CDD 930.1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Amanda Paes Landim Silva

**“DO RIACHO PARA O LADO DE LÁ É QUEIMADINHA E PARA O LADO DE
CÁ É GARÇA”: A formação de Queimadinha Vêa, em São Raimundo Nonato-PI,
na perspectiva da Arqueologia do Presente**

Dissertação apresentada à Universidade Federal
do Vale do São Francisco-UNIVASF, Campus
Serra da Capivara, como requisito para a
obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Aprovada em: 26 de setembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 LEANDRO ELIAS CANAAN MAGESTE
Data: 06/10/2023 15:03:56 (UTC-03)
Verifique em: <https://validar.br.gov.br>

Prof. Dr. Leandro Elias Canaan Mageste - UNIVASF – Orientador

Documento assinado digitalmente
 VIVIANE MARIA CAVALCANTI DE CASTRO
Data: 06/10/2023 15:03:17 (UTC-03)
Verifique em: <https://validar.br.gov.br>

Profa. Dra. Viviane Maria Cavalcanti de Castro – UFPE

Documento assinado digitalmente
 ALENCAR DE MIRANDA AMARAL
Data: 06/10/2023 15:03:11 (UTC-03)
Verifique em: <https://validar.br.gov.br>

Prof. Dr. Alencar Miranda Amaral – UNIVASF

Documento assinado digitalmente
 BRUNO VITOR DE FARIAS VIEIRA
Data: 06/10/2023 15:03:12 (UTC-03)
Verifique em: <https://validar.br.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Vitor Farias Vieira - UNIVASF

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para concretizar essa pesquisa. Que apesar dos obstáculos encontrados ao longo da realização desse trabalho, não permitiu que eu desanimasse.

Ao meu orientador Leandro Elias Canaan Mageste, por seus ensinamentos e paciência na execução desse trabalho. Muito mais que orientador, foi meu conselheiro e amigo, pois esteve sempre disposto a me ajudar. Obrigada também, pela confiança depositada em mim, e por me manter motivada durante todo o processo.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí (FAPEPI), pelo apoio financeiro a essa pesquisa, pois me ajudou bastante a concretiza-la.

Aos meus familiares, em especial minha mãe Aurení Paes Landim Silva e meu pai Reginaldo Pereira, que além de me incentivarem a concluir o mestrado, me acompanharam nas visitas a comunidade.

Agradeço também, aos professores do mestrado pelos ensinamentos que me permitiram amadurecer ao longo do curso, e pela paciência com a qual guiaram meu aprendizado.

Ao pessoal da “minha comunidade” (Queimadinha), por ter me recebido com tanto carinho e atenção, e por ter compartilhado comigo suas experiências e saberes locais. Obrigada de coração, a todos os colaboradores desse estudo!

Um agradecimento especial ao senhor Pe. Herculano de Negreiros, que compartilhou comigo suas pesquisas e descobertas, pois foram fundamentais para a concretização dessa investigação, desde o início se propôs a me ajudar. Muito obrigada!

Agradeço também a família Miranda, em especial a senhora Maria do Amparo Miranda Dias Wery, pela atenção que me deu no decorrer dessa pesquisa, pois a mesma é filha de dona Éster, que foi uma das primeiras moradoras da comunidade, e que hoje está com 101 anos de idade. Apesar das dificuldades, dona Maria do Amparo conversou comigo diversas vezes pelo whatsapp, já que não mora no município, e me ajudou bastante compartilhando comigo histórias e memórias relacionadas a localidade, além de muitas fotografias de sua família que enriqueceram este trabalho. Obrigada de coração!

Aos colegas de curso com quem convivi durante esse processo, pelas trocas de experiências e aprendizado. Em especial Andreiza e Marisa que estiveram comigo durante todo o processo, muito mais que colegas de turma, se mostraram boas amigas. São, portanto, essas memórias boas e esse carinho que permanece em meu coração e que tenho levado para a vida. Obrigada Meninas!

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento desta pesquisa, enriquecendo meu processo de aprendizado. Obrigada!

RESUMO

No presente trabalho, tenho por objetivo analisar e entender os processos de formação das fazendas da Comunidade Garça e Queimadinha, ambas localizadas na zona Rural do município de São Raimundo Nonato-PI, entrelaçando a relação entre a cultura material e memória. Desse modo, pretendi caracterizar esses espaços a partir das narrativas associadas a esses locais e das materialidades envolvidas nesse contexto, utilizando como base para essa construção, as contribuições acerca da Arqueologia do Presente, que visa reunir elementos a partir de estudos arqueológicos focados em temporalidades mais recentes. Desse modo, pautei a metodologia dessa pesquisa por meio da Arqueologia Etnográfica. Nessa abordagem, se enquadram os levantamentos de campo e entrevistas, com a finalidade de trazer a própria comunidade para esta elaboração, destacando os atores que participaram da mesma. Nesse sentido, essa convivência com os moradores locais, trouxe a possibilidade de conhecer e caracterizar esses espaços a partir de memórias individuais e coletivas, que fazem parte da construção e produção de saberes deste território. Por fim pretendi contribuir com o quadro de pesquisas relacionados ao semiárido piauiense, sobretudo os aspectos relacionados ao cotidiano e da vida sertaneja.

Palavras-chave: arqueologia do presente; cultura material; memória; fazendas.

ABSTRACT

In this work, I aim to analyze and understand the formation processes of the farms of the Garça and Queimadinha Community, both located in the rural area of the municipality of São Raimundo Nonato-PI, intertwining the relationship between material culture and memory. In this way, I intended to characterize these spaces based on the narratives associated with these places and the materialities involved in this context, using as a basis for this construction, the contributions regarding the Archeology of the Present, which aims to bring together elements from archaeological studies focused on more temporalities. recent. Therefore, I guided the methodology of this research through Ethnographic Archeology. This approach includes field surveys and interviews, with the purpose of bringing the community itself into this development, highlighting the actors who participated in it. In this sense, this coexistence with local residents brought the possibility of knowing and characterizing these spaces based on individual and collective memories, which are part of the construction and production of knowledge in this territory. Finally, I intended to contribute to the research framework related to the semi-arid region of Piauí, especially aspects related to daily life and country life.

Keywords: archeology of the presente; material culture; memory; farms.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Conversa com o pessoal da comunidade.	48
Figura 2- Reunião com o pessoal da comunidade.	49
Figura 3- Prospecção nos locais.	50
Figura 4- Caminhada na Fazenda do Martin.	50
Figura 5- Visita ao riacho da comunidade.....	51
Figura 6- Colaborador pegando lenha.	51
Figura 7- Visita a Fazenda Monte Claro.	52
Figura 8- Colaborador mostrando a cacimba.	52
Figura 9- Colaborador plantando feijão.....	54
Figura 10- Morador da comunidade capinando.....	54
Figura 11- Pessoal pescando no riacho.....	54
Figura 12- Colaborador cozinhando.	55
Figura 13- mapa com os dois caminhos existentes no sertão do Piauí com destino à Bahia no século XVII.....	58
Figura 14- Sede da Fazenda Genipapo.	67
Figura 15- Mapa com as localizações das Comunidades Garça e Queimadinha.	70
Figura 16- Conversa com Pe. Herculano.....	73
Figura 17- Árvore genealógica.	75
Figura 18- Seu Chicão.	77
Figura 19- Laudo da família Negreiros.	78
Figura 20- Mandato de avaliação.	79
Figura 21- Árvore genealógica da família Negreiros.	80
Figura 22- Seu Francisco.....	81
Figura 23- Árvore genealógica da família Miranda.	82
Figura 24- Seu Zé Miranda.....	83
Figura 25- Dona Ester e seu irmão Lourival.	83
Figura 26- Conversa com dona Hanorata.	84
Figura 27- Frei Manecas.....	86
Figura 28- Passagem (riacho da comunidade).....	88
Figura 29- Localização das primeiras moradias.	91
Figura 30- Localização das fazendas.....	92
Figura 31- Ruínas da casa do Manoel Egino.	94

Figura 32- Forquilha e tijolo.....	96
Figura 33- Vidros.....	96
Figura 34- Fragmentos de pote.....	97
Figura 35- Telhas artesanais.....	97
Figura 36- Ruínas da casa do Zé Miranda.....	100
Figura 37- Paisagem do local.....	101
Figura 38- Barril.....	101
Figura 39- Cuia.....	102
Figura 40- Conversa com dona Ana Miranda.....	103
Figura 41- Conversa com seu Pereirão.....	105
Figura 42- Umbuzeiro.....	106
Figura 43- Vestígios da janela dessa propriedade.....	107
Figura 44- Parte do piso da residência.....	108
Figura 45- Vestígios do telhado.....	108
Figura 46- Torno de rede.....	109
Figura 47- Time de futebol da Queimadinha.....	110
Figura 48- Barraca de madeira.....	110
Figura 49- Chiqueiro.....	111
Figura 50- Residência de seu Chicão.....	112
Figura 51- Sala de seu Chicão.....	113
Figura 52- Quarto de seu Chicão.....	113
Figura 53- Barril.....	113
Figura 54- Quarto da “bagunça”.....	114
Figura 55- Seu Raimundinho.....	114
Figura 56- Pilão.....	115
Figura 57- Fogão à lenha.....	115
Figura 58- Imbuzeiro de seu Chicão.....	116
Figura 59- Lavatório.....	116
Figura 60- Girau.....	117
Figura 61- Recipiente de madeira.....	117
Figura 62- Casa do Manezin.....	119
Figura 63- Fragmentos de pote.....	120
Figura 64- Fragmento de Louça.....	120
Figura 65- Lamparina.....	120

Figura 66- Fragmento de Caldeirão.....	121
Figura 67- Seu Martin Negreiros.....	122
Figura 68- Fragmento de parede.....	124
Figura 69- Mourão.....	125
Figura 70- Forquilha.....	125
Figura 71- Estaca de Madeira.....	126
Figura 72- Dona Alcione.	127
Figura 73- Pote da Fazenda.	128
Figura 74- Mala de seu Martin.	128
Figura 75- Cisterna quadrada.	129
Figura 76- Cisterna redonda.	131
Figura 77- Seu Carlino e Dona Marlene.....	132
Figura 78- Máquina agrícola “Perna de Grilo”.....	133
Figura 79- Colaborador Plantando feijão.	133
Figura 80- Colaborador capinando sua roça.....	134
Figura 81- Fragmento de louça.....	135
Figura 82- Fragmento de pote.	135
Figura 83- Moeda.	135
Figura 84- Ferro a brasa.....	136
Figura 85- Curral presente na antiga fazenda.....	137
Figura 86- Fazenda do Doutor Caio.	138
Figura 87- Curral da Fazenda Doutor Caio.	139
Figura 88- Conversa com seu Solimar.	140
Figura 89- Casa de seu Solimar.....	141
Figura 90- Conversa com Seu Gracino.....	142
Figura 91- Riacho do Doutor Caio.	144
Figura 92- Fornalha (forno artesanal).....	145
Figura 93- Área de descarte.....	145
Figura 94- Cisterna do Doutor Caio.	146
Figura 95- Área da Fazenda Zé Chica.	148
Figura 96- Casa do Manoel (onde ficava a fazenda Zé Chica).	149
Figura 97- Antiga casa sede da Fazenda Zé Chica.....	150
Figura 98- Sede da antiga fazenda.....	151
Figura 99- Cocheira de cimento.	152

Figura 100- Dona Ana mostrando a roda da casa de farinha.....	153
Figura 101- Dona Ana e seu Manoel mostrando o aió.	154
Figura 102- Sede da Fazenda Monte Claro.	155
Figura 103- Paisagem da Fazenda Monte Claro.....	156
Figura 104- Plantação de milho.....	157
Figura 105- Seu Dinavan carregando rações.....	157
Figura 106- Espaços que compõem a Fazenda Monte Claro I.	158
Figura 107- Espaços que compõem a Fazenda Monte Claro II.....	159
Figura 108- Espaços que compõem a Fazenda Monte Claro III.	159
Figura 109- Espaços que compõem a Fazenda Monte Claro IV.	159
Figura 110- Espaços que compõem a Fazenda Monte Claro V.	160
Figura 111- Seu Dinavan mostrando seu cavalo.	161
Figura 112- Gados da raça LA.	162
Figura 113- Cachorro boiadeiro.	163
Figura 114- Momentos de lazer na barragem da fazenda.....	164
Figura 115- Lazer na barragem da fazenda Monte Claro.....	164

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A ARQUEOLOGIA DO PRESENTE: HISTÓRICO, ABORDAGENS E DIREÇÕES	19
2.1	Um olhar sobre a Arqueologia do Presente: Aportes Teóricos.....	19
2.1.1	Abordagens Arqueológicas de Contextos Rurais.....	27
2.1.2	Dos lugares as histórias: Paisagem e Memória	30
3	DA ETNOARQUEOLOGIA Á ARQUEOLOGIA ETNOGRAFICA: INTERFACES ENTRE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA.....	35
3.1	Arqueologia Etnográfica: Conceitos, práticas e aplicações.....	38
3.2	Aproximações entre Arqueologia Etnográfica e os modos de vida em Queimadinha Véa: Teorias e métodos aplicados nesta pesquisa	42
4	TERRAS, FAZENDAS E GADO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ÁREA DE PESQUISA	56
4.1	Vínculos com a terra e a organização das fazendas no Piauí	56
4.2	São Raimundo Nonato e sua relação com as primeiras fazendas da região	63
4.3	“Antigamente o povo perguntava”: Queimadinha de quem? Entrelaçando Histórias e Memórias na comunidade	68
5	ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: MORADIAS E FAZENDAS EM QUEIMADINHA VÉA	90
5.1	Casa do Manoel Eginó	92
5.1.1	Casa do Zé Miranda (Posteriormente Fazenda Gerson Batista).....	98
5.1.2	Casa do Chicão.....	111
5.1.3	Casa do Manezin	118
5.1.4	Fazenda Martin Negreiros	121
5.1.5	Fazenda Doutor Caio.....	137
5.1.6	Fazenda Zé Chica	147
5.1.7	Fazenda Monte Claro	154
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	166
	REFERÊNCIAS.....	170
	ANEXO I - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	180
	ANEXO II - DOCUMENTOS ACESSADOS	194
	ANEXO III - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	198

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, tenho como intuito estudar arqueologicamente o processo de formação da comunidade de Queimadinha Véa, atualmente comunidade Garça e Queimadinha. A área está localizada no estado do Piauí, na zona rural do município de São Raimundo Nonato, a cerca de 10 km do centro urbano. Nessa empreitada, busquei entender, a constituição da localidade, através dos estudos de cultura material e memória. Nesse sentido, foquei na identificação e interpretação das fazendas e suas estruturas, entendendo as narrativas com as quais se relacionam, bem como seus vínculos com a fixação de populações camponesas, especificamente vaqueiros e agricultores, na região. Para esta investigação, o trabalho apoia-se nas premissas da Arqueologia do Presente, na medida em que busca perceber de forma crítica, as conexões entre lugares, memórias, coisas e pessoas.

Para fins de contextualização, a ocupação das terras do Piauí ocorreu na segunda metade do século XVII, e se iniciou pela costa leste e sul do território, as margens dos rios Piauí, Canindé, Paraim e Gurguéia. Dessa forma, essa ocupação resultou da expansão da pecuária, que ali encontrou várias condições favoráveis ao seu desenvolvimento. Destacavam-se nas terras piauienses: a disponibilidade de terras, que foram repartidas em grandes propriedades, quase todas servidas de cursos d'água e pastagens naturais permanentes; facilidades de instalações das fazendas e a criação de gado (Alves, 2003).

Com a grande proliferação das fazendas de gado pelo Piauí, o mesmo passou a ser considerado como uma das mais importantes zonas produtoras de gado. Neste caso, as fazendas localizadas nas margens dos rios destinavam-se ao mercado de Pernambuco, enquanto aquelas localizadas no cerrado do Sul do Piauí, destinavam-se ao de Salvador. Dessa maneira, assim como a economia, toda a organização socioespacial do Piauí, definia-se de acordo com a atividade criatória. Poucos eram aqueles, que no início do povoamento praticavam a agricultura, pois a atividade era considerada secundária pelos piauienses. Acrescenta-se a isso, o fato de que quase não havia terras destinadas ao cultivo, pois aquelas que apresentavam aptidão para tal eram ocupadas inteiramente para a pastagem do gado. Desenvolveu-se, dessa maneira, uma sociedade cujo modo de vida associava-se à dinâmica da pecuária (Alves, 2003).

Assim, o processo de ocupação da região, onde atualmente, localiza-se a microrregião de São Raimundo Nonato, estiveram fortemente influenciadas pela criação de gado, que impulsionou a instalação das primeiras fazendas no sertão, geralmente caracterizadas pelas grandes extensões de terras, sem demarcações que estabelecessem aos seus limites, onde em sua maioria criavam o gado solto pela caatinga (Mott, 2010).

Em relação ao contexto dessa pesquisa, a comunidade de Queimadinha Véa recebeu esse nome devido às diversas queimadas realizadas nessa área, principalmente nos locais de plantio. Em termos históricos, foi na década de 1920 que começam o desenvolvimento de muitas fazendas neste território. Durante essa época, algumas pessoas vindas de outras regiões da cidade começaram a se instalar na mesma, trabalhando principalmente nas roças, e na criação de animais. Dessa forma, o povoamento foi adensando-se, e algumas dessas propriedades foram compradas, outras ocupadas, por trabalhadores locais, pois são poucos os terrenos com documentação (Silva, 2019). Foi a partir de 1960 com a construção de muitas propriedades, que o território de Queimadinha Véa, se desmembrou constituindo assim as comunidades: Garça e Queimadinha, ambas localizadas bem próximas, justificando a realização de estudos arqueológicos sobre o assunto.

De todo modo, de acordo com as narrativas orais, foram delimitadas cerca de cinco fazendas (Silva, 2019). Tais propriedades, foram construídas por moradores da região e por pessoas que vinham de áreas próxima a cidade. Essas fazendas ficaram conhecidas popularmente por: Fazenda Gerson Batista, Fazenda Zé Chica, Fazenda do Martin, Fazenda do Doutor Caio, e Fazenda Monte Claro. Uma dessas primeiras propriedades, foi comprada em 04 de janeiro de 1964, pelo senhor Martin Negreiro Silva, vaqueiro que trabalhou por muitos anos na comunidade, e que através de seu trabalho conseguiu comprar um pedaço da terra e construiu sua própria fazenda. De acordo com narrativas orais sobre as fazendas, as mesmas eram caracterizadas como grandes propriedades nesse contexto regional devidas as grandes extensões de terras e possuíam entre 50 a 150 gados. Dessas fazendas, somente duas ainda permanecem em utilização na atualidade, compondo construções com diversas modificações recentes (Silva, 2019). Atualmente, as comunidades contam com cerca de 125 moradores, entre esses estão agricultores e vaqueiros, que vivem basicamente dos criatórios de animais, diárias de serviços, seguidos pelos benefícios do governo federal: Bolsa Família, Seguro Safra e aposentadorias.

Frente a esse cenário, realizei os seguintes questionamentos: qual o processo de formação histórica da comunidade, considerando o processo de construção das fazendas, e sua relação com a fixação de vaqueiros e agricultores? Como esse passado e essa materialidade aparecem no presente e são reelaborados/interpretados por meio da memória? Quais os significados são atribuídos para as materialidades pelos moradores de Queimadinha, considerando suas vivências na região? Para investigar esses problemas, busquei evidenciar as relações existentes entre essas fazendas, no tocante aos seus atores, bem como os processos de

formação que à configuram e sua atuação na composição de memórias sobre a história da comunidade.

Para investigação, busquei articular uma Arqueologia sensível para abordagem de contextos rurais, ou seja, uma Arqueologia do Sertanejo, conforme indicada por Souza (2015). A proposta apresenta uma abertura para intercessões com as provocações da Arqueologia do Presente e da Arqueologia Etnográfica, utilizando os conceitos de cultura material, paisagem e memória. Logo, meu objetivo foi o de perceber a relação entre essas fazendas e a comunidade, bem como a identificação da cultura material e os significados atribuídos a ela. Dessa forma, em relação as fazendas analisei a casa sede, e suas imediações, incluindo os caminhos que ligam uma fazenda a outra, as áreas de plantio e de tratamento de animais, bem como as estruturas, cercas e objetos. De acordo com o quadro teórico adotado, meu interesse esteve voltado para a identificação e mapeamento dessas fazendas; e por outro lado, evidenciar as narrativas produzidas sobre esse contexto, considerando as pessoas que vivem nesta comunidade.

Dessa maneira, minha motivação para a presente dissertação, residiu em trazer contribuições acerca da temática da Arqueologia do Sertanejo, demonstrando como as populações que vivem no semiárido, constroem e transformam suas histórias através das materialidades, que se tornam vetores para a construção de percepções sobre o passado e presente.

Nessa perspectiva o estudo aqui proposto, teve inspiração dos trabalhos de Rafael de Abreu e Souza (2017) que realizou suas pesquisas em comunidades sertanejas, com foco em entender essas populações através das relações com os objetos, espaços que essas comunidades habitam e constroem. O trabalho do pesquisador consistiu na construção de narrativas sobre os camponeses, atentando-se para a análise através da materialidade das casas de barro localizadas nos estados de Pernambuco, Piauí e Ceará. Na empreitada, o foco dado foram as características relacionadas ao consumo, mobilidade e a paisagem, adaptando assim metodologias e ferramentas através da Arqueologia do Presente, Campesinato, e da Ecologia Histórica para o entendimento e estudo dessas populações (Souza, 2017). Desse modo, esse estudo propõe uma perspectiva próxima a do autor, focada em entender os processos históricos que configuram a comunidade de Queimadinha Véa, estabelecidos a partir das formações das fazendas e a relação com seus atores.

Dessa forma, Souza (2017), afirma que a Arqueologia do Sertanejo nos traz a possibilidade de analisar e entender essas ocupações a partir de interesses comuns, destacando o diálogo estabelecidos cotidianamente entre as populações, frente as condições particulares do contexto onde estão inseridas. Sendo assim, a arqueologia pode propor novas interpretações,

com foco em contextos mais contemporâneos, através das construções e percepção de lugares de memória, que de certa forma fazem parte das vidas dessas pessoas que moram no campo, e estabelecem narrativas sobre os mesmos. O pesquisador ainda destaca que esse tipo de abordagem também leva em conta o campesinato, formam o que chamamos de ‘sertão’, pontuando a possibilidade de analisar sua materialidade, compreendendo as interações com o seu próprio meio, sem perder a especificidade do local estudado.

A partir disso, considerei as provocações abertas por pesquisa inicial que realizei, que teve como objetivo fazer uma análise sobre as conexões entre cultura material e memória social a partir da indumentária dos vaqueiros da Comunidade de Queimadinha (Silva, 2019). Naquela ocasião, busquei perceber de que forma as vestimentas participavam do processo de construção da memória da comunidade, e como a mesma se relacionava com as narrativas dos vaqueiros sobre o passado e sobre a vida no presente. Dessa forma, foram estabelecidas metodologias pautadas, em entrevistas, e na construção de uma ficha de análise para classificar os objetos (Silva, 2019).

A interface entre arqueologia e comunidade aplicada serviu para evidenciar de que forma os vaqueiros construíram, interpretam e narram as suas experiências no campo por meio da indumentária. O trabalho deixou explícito as lacunas em relação a história da localidade. Vale destacar também, que foi nesse contexto que surgiu o ponto de partida para investigar as fazendas, pois as mesmas eram referências que apareciam nas narrativas orais para falar do surgimento da comunidade. Logo, essas percepções foram relatadas por nossos colaboradores durante o processo de pesquisa, que solicitaram estudos nesse sentido, manifestando o desejo de conhecer mais do passado da comunidade e, ao mesmo tempo, participar desse processo de construção (Silva, 2019).

Assim, busquei por meio dessa dissertação, além de dar continuidades às pesquisas já realizadas na comunidade, entender melhor todo esse processo de construção e desenvolvimento de Queimadinha Vêa, considerando também as potencialidades de investigar as conexões entre memória social e cultura material em contextos arqueológicos mais contemporâneos e do passado recente. Nesse sentido, cabe ressaltar também a minha proximidade com comunidade, como bisneta de um dos vaqueiros pertencentes a mesma. Nasci e cresci observando as pessoas do campo realizarem seus trabalhos para adquirir o sustento de sua família, relacionadas também com o processo de criação de saberes e valores que integram uma determinada comunidade. Nesse momento, para lidar com esse contexto me aproximei de alguns arqueólogos sociais latino-americanos, que incorporam essa identificação com o contexto de pesquisa como algo potencialmente transformador. Isto porque torna mais explícito

o comprometimento social do arqueólogo junto as suas comunidades, na medida em que os estudiosos se veem ligados ao passado que estão interpretando (Benevides, 2011, p. 174).

Nesse sentido, minha pesquisa se enquadra na linha de investigação sobre: Arqueologia, Comunidades Tradicionais, e Gestão do Patrimônio Cultural. Pois visa, o entendimento das comunidades a partir de estudos da arqueologia relacionados com as reflexões sobre o patrimônio cultural e arqueológico, e suas transformações ao longo do tempo. Assim, o intuito dessa perspectiva foi entender as relações sociais e os significados que caracterizam as comunidades e os saberes tradicionais, relacionados com a dinâmica regional em que as mesmas estão inseridas.

Dentre os meus objetivos estão o geral, que consiste em analisar e entender o processo de formação das fazendas da comunidade de Queimadinha, a partir das evidências arqueológicas e da relação entre cultura material e memória.

Já os específicos consistem em:

- Evidenciar, as narrativas sobre as fazendas, desde o processo de formação das mesmas, até seus usos e funções junto à comunidade.
- Produzir o mapeamento dessas fazendas, no intuito de caracterizar e observar materialmente as transformações que caracterizam a área.
- Registrar a história da comunidade considerando diferentes pontos de vistas, ao registrar as narrativas invocadas pela materialidade e relacionadas com diversas trajetórias de vida.
- Refletir sobre as conexões entre os processos de produção da memória social e os significados atribuídos a cultura material nos quadros da Arqueologia do Sertanejo.

Nesse viés, essa dissertação foi composta por quatro capítulos. No primeiro capítulo, trouxe as reflexões teóricas que se aproximam desse universo de pesquisa, destacando reflexões para o contexto estudado. Nesse primeiro momento, procurei englobar o histórico e os conceitos da Arqueologia do Presente, tentando propor um entendimento maior e aprofundado sobre o que venha ser a mesma e como tem sido abordada nos contextos atuais. Nesse sentido, conversei também com os conceitos de memória e cultura material que se conectam com as questões que abarco nesse estudo.

Já o segundo capítulo, consistiu no levantamento de métodos para esse estudo, a partir da relação entre Arqueologia Etnográfica e as investigações em comunidades rurais. Logo, eu trouxe reflexões sobre o desenvolvimento do termo “Arqueologia Etnográfica”, destacando principalmente os autores e as pesquisas que vem sendo desenvolvidas a partir desse método e

como estão sendo aplicadas em cada contexto. Em seguida, procurei descrever toda a prática e o trabalho de campo desenvolvido nessa comunidade, bem como apresentar e refletir sobre suas histórias e modos de vida locais.

No terceiro capítulo, postulei e selecionei autores que trabalharam em suas pesquisas com o contexto histórico da região e que se articulam com questões que abordo nessa pesquisa. Abordei, um pouco da história da formação das comunidades Garça e Queimadinha que se formaram a partir do território de Queimadinha Véa. Já o quarto e último capítulo, visei caracterizar e apresentar as narrativas sobre fazendas, a partir de um viés do presente. Dessa maneira, são expostas as narrativas sobre esses locais, os objetos evidenciados durante o campo e as histórias e memórias que os rodeiam e que de certa forma, caracterizam essa comunidade enquanto um local fortemente influenciado pela cultura sertaneja e suas relações com o semiárido.

2 A ARQUEOLOGIA DO PRESENTE: HISTÓRICO, ABORDAGENS E DIREÇÕES

Arqueologia do Presente começou a se desenvolver como um subcampo da Arqueologia Histórica, começando a ter um impacto distintivo e significativo tanto em âmbitos teóricos quanto metodológicos. Nesse sentido, a mesma vem buscando maneiras de lidar com fenômenos sociomateriais, contemporâneas, emergentes e com questões que englobam interesses econômicos, políticos, social e ecológico, tanto contemporâneos quanto futuros. Nessa conjuntura, a mesma desponta como um campo capaz de transformar a forma como a arqueologia vinha sendo operada até então, focada em contextos distantes temporalmente do pesquisador. Logo, essas novas formas de olhar para os contextos estudados ganham outras proporções, trazendo outras abordagens para dentro do fazer arqueológico, abarcando assim os estudos das coisas arqueológicas e culturas de todas as sociedades e de todas as épocas. (Harrison, 2018). Dessa forma, neste capítulo busco explicar sobre os conceitos de Arqueologia do Presente e abordagens rurais, memória e cultura material para o entendimento das histórias e memórias em Queimadinha Vêa. Logo, busquei sistematizar ideias de alguns autores que desenvolveram pesquisas nesse âmbito.

2.1 Um olhar sobre a Arqueologia do Presente: Aportes Teóricos

Um dos motes da Arqueologia do Presente é a tentativa de superar uma concepção de tempo linear, pautado na divisão artificial entre passado e presente. Logo, uma gama de pesquisadores comprometidos com a abordagem vem demonstrando a arbitrariedade dessas divisões temporais, considerando que as coisas e pessoas, ou passado e presente não estão separados ontologicamente, mas estão conectados (Thiesen; Costa, 2023). Tais premissas alinha-se com as críticas desferidas ao projeto intelectual da Modernidade¹, principalmente no tocante as suas formas de separar cultura e natureza; passado e presente e sujeito e objeto.

Nessa conjuntura, é possível questionar algumas das concepções tradicionais de arqueologia, quando fundamentadas nas premissas da Modernidade, estimulando a aplicação de olhares arqueológicos não somente para cultura material cristalizada em uma temporalidade

¹ De um ponto de vista sociológico, a Modernidade é uma forma de organização social que surgiu a partir do século XVIII, logo ela é um período de tempo que se caracteriza pela realidade social, cultural e econômica vigente ao mundo. Dessa maneira, a Modernidade está associada as transformações políticas e econômicas que marcou o desenvolvimento do capitalismo (GIDDENS, 1991).

profunda, como também para cultura material que participa de múltiplas temporalidades, nas interfaces entre memória e experiência. De fato, é possível elaborar uma arqueologia que não se apoie em tempo no ‘singular’, mas em tempos no “plural”, o que nos mostra que não existe passado, mas imaginar que o nosso presente é composto por múltiplos passados que existem sobrepostos no tempo e podem ser analisados e estudados por diferentes perspectivas (Santos Rodriguez, 2019; González-Ruibal, 2012).

Os estudos arqueológicos relacionados ao presente e ao passado recente se fortaleceram a partir do início do século XX. Logo uma série de arqueólogos, passou a chamar de Arqueologia do Presente um conjunto de abordagens, perspectivas e temáticas que convergiram com propostas dos anos 1970, 1980 e 1990, oriundas dos estudos de cultura material, etnoarqueologia, arqueologia comportamental, arqueologia histórica, que têm em comum, a aplicação da arqueologia ao estudo das materialidades consideradas recentes ou cronologicamente contemporâneos, em associação com processos de construção de memórias sociais (Abreu, 2019).

De acordo com Harrison (2018), podemos destacar para a década de 1970, os trabalhos de Redman (1973), Salwen (1973), e Leone (1973). Essas investigações surgiram a partir de outras pesquisas já desenvolvidas por Schiffer e Ratje, na Universidade de Tucson, e na Universidade do Havaí, ambas localizadas nos EUA. Tais pesquisadores realizaram estudos em comunidades que usavam tecnologias tradicionais em ambientes contemporâneos, envolvidos em analisar e descrever sociedades modernas e industrializadas.

Esses interesses, por contextos do passado recente e da contemporaneidade ganhou outras preocupações teóricas na década de 1980, através dos estudos Pós-Processualistas. Nesse sentido, principalmente sob influência da abordagem defendida por Ian Hodder, foram apresentadas perspectivas críticas relacionadas as formas de como a arqueologia vinha sendo operada, principalmente dentro do âmbito da chamada Nova Arqueologia. Para o Pós-Processualismo, esses trabalhos realizados estavam sendo baseados apenas em descrição, analogias e classificação, deixando de lado os aspectos sociais, como por exemplo os significados que são atribuídos por meio desse passado. Logo, essas discussões e reflexões são colocados em prática dentro desse movimento com o intuito de transformar de maneira radical os estudos arqueológicos que estavam sendo feitos nesse período (Hodder, 2003).

Com o surgimento do Pós-Processualismo, desencadeia novos avanços em relação as pesquisas que vinham sendo desenvolvidas e com o olhar direcionado ao presente. É então nessa fase, que começa a preocupação da arqueologia em abarcar algumas questões tais como: significados simbólicos, representação ideológicas das relações sociais, reapropriações, poder

e contextos relacionados a práticas de consumo, identidade, versatilidade dos artefatos, discurso social/material, resistências, processos de construção de memória social, usos e significados (Orser Júnior, 2000).

De acordo com Harrison (2018), nesse período são destacados dois estudos relevantes que deram início a uma série de outras pesquisas voltadas para estudos recentes. O primeiro, foi realizado por Hodder (1987), que fez uma investigação do significado social expressa pela cultura material utilizando gravatas-borboletas em uma fábrica de ração de animais domésticos. Nessa análise o pesquisador percebeu essa materialidade como um instrumento ativo na construção e estabelecimentos dessas relações. O outro estudo, consistiu em uma análise feita por Shanks e Tilley (1992) sobre o design de latas de cervejas suecas e inglesas. Os investigadores, destacaram através dessas observações as questões de variabilidades de transformações técnicas que estariam ligadas as próprias formas sociais de produção desses materiais, destacando como isso se relaciona com o capitalismo e como age sobre as pessoas (Harrison, 2018).

Além dos estudos pós-processuais específicos de cultura material contemporânea, outro aspecto importante do Pós-Processualismo no desenvolvimento da arqueologia do Presente, foi o modo como ele alterou o olhar arqueológico sobre o próprio processo de “fazer” arqueologia, atentando-se para um engajamento crítico, com a produção do passado no presente (Harrison, 2018). Dessa maneira, os estudiosos buscaram demonstrar como a arqueologia, em termos teóricos e metodológicos, se torna um instrumento relevante para se pensar como esse presente é ativado, considerando que se constitui de múltiplos passados.

Com isso, a proposta desencadeada pelos arqueólogos Pós-Processualistas pressupõe a arqueologia a uma aproximação com questões sociais que permitem o desenvolvimento de variadas linhas de pesquisas no âmbito arqueológico, abordando assim temáticas antes negligenciadas pelos pesquisadores. Além disso, essas novas teorias têm permitido lançar novas histórias, considerando que não existe verdades únicas e sim construções dos mais variados pontos de vista (Santos, 2021).

Portanto, é no sob o escopo das teorias e metodologias advindas do Pós-Processualismo, nos quais foram destacados os “estudos de cultura material moderna”, que se estabeleceu algumas das premissas que tem orientado as abordagens de Arqueologia do Presente. Tais investigações começaram a abordar diferentes temáticas e perspectivas, a arqueologia industrial foi uma das primeiras arqueologias do passado recente a aparecer, seguida por outras pesquisas relacionadas com estudos de arquitetura doméstica e consumo. Com o desenvolvimento do campo, atrela-se também as perspectivas críticas da Modernidade, conforme demonstram os

trabalhos de Harrison e Schofield (2010), Olsen e Peturdottir (2014), González-Ruibal (2008), Souza (2013, 2017, 2019), e tantos outros que têm caminhado por esta seara.

Uma publicação emblemática nesse sentido foi o livro intitulado: *Archaeologies of the Contemporary Past*, dos autores Victor Buchli e Gavin Lucas. Tal obra condensa artigos de temáticas contemporâneas e oferece uma vasta gama de possibilidades de estudos do presente. A obra sinaliza para os temas que se tornaram preponderantes nesse campo de investigação, como consumo e consumismo, memória, patrimônio, violência, guerra, repressão, entre outros. Dessa maneira, é uma obra cuja a função está voltada para apresentar os diferentes temas, discussões, e interesses acadêmicos que vem surgindo nos últimos tempos (Buchli; Lucas, 2001)

Para todos os efeitos, as iniciativas mencionadas nos incentivam a olhar para a materialidade no contemporâneo com a possibilidade de perceber os significados que são atribuídos a cultura material, como que as “coisas” agem sobre as pessoas, como ela participa das relações sociais, e como que são construídas essas relações. Logo uma Arqueologia do Presente é uma Arqueologia de nós mesmos (González-Ruibal, 2008).

Dentro desse contexto, a Arqueologia do Presente chegou a possuir outras denominações como Arqueologia do Passado Recente (Thiesen, 2013), Arqueologia do Passado Contemporâneo (Tramasoli, 2017), e Arqueologia do tempo Presente (González-Ruibal, 2008). Sob essas denominações Harrison (2018) explica, que devemos denominá-la de Arqueologia do Presente, pois ela não tem como foco “fazer histórias para trás”, mas sim explicar como posição temporal em que os futuros são construídos. Nesse viés, a mesma se torna um espaço construídos a partir de perspectivas do presente que visam o desenvolvimento do discurso material no presente.

Logo, González-Ruibal (2012) vai dizer que a expressão ‘Arqueologia do Presente’ é um fruto que se origina a partir do estopim de uma série de mudanças ocorridas no campo arqueológico desde o começo do século XXI. Ainda de acordo com o pesquisador, essas novas formas de olhar para tais contextos, visam solidificar novas posturas em defesa de uma arqueologia como ciência multi-temporal, pública, participativa, política, reflexiva e crítica. Nas palavras de González-Ruibal (2009) a Arqueologia do Presente estuda as sociedades atuais por meio da metodologia e da teoria arqueológica, sem a preocupação de gerar analogias voltadas para o entendimento de padrões passados. A mesma, é uma forma de arqueologia atual, menos colonial e mais comprometida com a ampliação do olhar arqueológico, ou seja, estuda as sociedades não modernas e capitalistas, visando a compreensão dos contextos históricos e seus problemas políticos no presente. Para o autor, trata-se de uma arqueologia que busca

resgatar e ampliar a sensibilidade ao material, analisando as relações históricas entre pessoas e as coisas.

Estudos do presente vêm sendo abordados nesse campo no intuito de transformá-la em uma disciplina mais crítica e engajada com aspectos políticos. Deste modo, tal configuração tem permitido realizar reflexões acerca dos efeitos políticos das práticas arqueológicas no contexto contemporâneo, reconhecendo como participam da formação de discursos sobre o passado e o presente. Essa mudança epistemológica tem influenciado nas concepções da Arqueologia enquanto ciência social.

Já no contexto social Latino-Americano, essas questões relacionadas com as interfaces entre arqueologia, temporalidades e política estavam sendo discutidas antes mesmo das provocações pós-processualistas. Isto é, nos cenários que tiveram adesão da abordagem conhecida como Arqueologia Social Latino Americana influenciada pelas teorias da pós-modernidade e reestruturada por teorias pós-coloniais e abordagens decoloniais que a tornaram muito próxima de uma Arqueologia do Presente (Benavides; Loiola; Lemke; Ratts, 2011).

Dessa maneira a Arqueologia Social Latino Americana, juntamente com a Arqueologia do Presente, rejeitam interpretações positivistas, reconhecendo que a arqueologia deve ser instrumento político e social de emancipação do colonialismo e da colonialidade. Nesse pensamento, os arqueólogos visam uma disciplina engajadas com aspectos políticos (Benavides; Loiola; Lemke; Ratts, 2011). Um dos objetivos centrais colocados pelos arqueólogos latinos-americanos era a questão de a arqueologia estar comprometida com questões relacionadas com a produção do passado como um elemento de transformações políticas. Logo, incorporar essas questões tem sido uma das pautas de lutas colocados por muitos arqueólogos a fim de não contribuir para o aumento da desigualdade e nem da exploração dos povos (Benavides; Loiola; Lemke; Ratts, 2011).

O olhar crítico introduzido por intelectuais e comunidades oriundas de locais marcados historicamente pela colonização, tem catalisado a Arqueologia do Presente no sentido de romper com a visão hegemônica de mundo derivadas de narrativas eurocêntricas, propondo dar espaço a grupos ou pessoas que foram silenciadas por muito tempo nas pesquisas, valorizando assim suas manifestações e saberes. Dessa forma, trata-se de uma convicção que desprende de uma lógica única de se pensar o mundo, abrindo assim para introduzir a pluralidade e novas vozes, trazendo a abertura para a inserção do pensamento do outro. Assim, a Modernidade foi responsável pela invenção de certos sentidos de mundo e de tempo, que podem ser desafiados por abordagens arqueológicas abertas para múltiplas temporalidades (Quijano, 2005).

Em vista disso, a Arqueologia do Presente tem buscado essa conexão com o pensamento decolonial, inovando na maneira de pensar e de se fazer arqueologia através de vários estudos que tem abarcado tais teorias. Nesse segmento, a Arqueologia do Presente tem sido uma ferramenta essencial no desenvolvimento destas questões, pois a mesma visa abarcar também essa forma de introduzir as comunidades estudadas a partir da chamada Arqueologia Etnográfica, pois tem incluído novos olhares para os contextos a partir dos pontos de vista das próprias comunidades estudadas, destacando também a preocupação e conexão dos pesquisadores com as comunidades (Benavides; Loiola; Lemke; Ratts, 2011).

Com os resultados dessas pesquisas, suas aplicações têm sido direcionadas para diversas áreas como: Arqueologia urbana, Arqueologia do Lixo, Arqueologias Decoloniais, afetivas, etc, que vem sendo utilizadas, compartilhadas e divulgadas para a sociedade. Portanto, a Arqueologia do Presente pode ser compreendida como um instrumento capaz de abarcar suas “Várias Vozes”, no qual diferentes pessoas ou grupos sociais participam dos mesmos e dos processos de construção das suas próprias histórias. No meio acadêmico no qual faço parte, boa parte dos trabalhos realizados tem explanado essas novas formas de olhar para os contextos, pois estão sendo destacadas propostas que se conectam com histórias de vidas, afetividades, memórias e as mais diversas relações sociais (Mageste; Amaral, 2021).

Nessa interface, a Arqueologia da Presente proposta também se aproxima das ideias de Gnecco (2012), que defendeu uma Arqueologia Relacional que tem como objetivo a interação com a comunidade e um olhar crítico a respeito dos contextos estudados, para tal pesquisador esses fatores são cruciais para o avanço das pesquisas arqueológicas. A Arqueologia Relacional traz preocupações em comum com o campo da Arqueologia Pública, pois também objetiva um conjunto de reflexões e ações que objetiva a nossa forma de produzir conhecimento e perceber de que forma as nossas pesquisas afetam a sociedade e como estão sendo apresentadas ao público. Nesse caso, necessita-se da compreensão e da participação da própria comunidade no intuito de produzir um conhecimento coletivo que incorpore questões como a memória e o patrimônio arqueológico.

Nos trabalhos de Arqueologia do Presente desenvolvidos, os interesses costumam ser direcionados para investigações relacionados ao patrimônio e comunidades, destacando que a memória tem sido um aporte essencial, uma vez que flexibiliza fronteiras entre passado e presente. Relacionados a esse processo, é possível perceber a produção de estudos voltados para as relações sociais ligadas a reelaborações e representações identitárias (Mello; Castro, 2016).

Trazendo essas discussões para a nossa realidade, essa Arqueologia do Presente tem sido muito utilizada nos trabalhos realizados recentemente em nosso meio acadêmico

destacando principalmente a importância da atuação e do papel dos arqueólogos enquanto agentes sociais. Essas novas concepções têm apontado a Arqueologia como uma área de pesquisa relacionada com o diálogo e com o compromisso social capaz de chegar a qualquer pessoa, ou grupo, sem discriminação de crença, classe social, ou gênero.

Posso mencionar nesse espaço alguns exemplos que tem me inspiraram no desenvolvimento da pesquisa, abrindo possibilidades para aplicação de uma abordagem de Arqueologia do Presente. Macedo (2021), desenvolveu uma pesquisa com a Comunidade de São Braz do Piauí, onde a autora teve como objetivo propor um diálogo entre as narrativas dos moradores locais sobre os artefatos arqueológicos e as variadas epistemologias que são produzidos sobre eles. Logo, a mesma procurou refletir sobre a relação dessas pessoas com seus patrimônios arqueológicos, considerando também seus significados e importância no presente. Dessa forma, a pesquisadora propôs um estudo baseado em perspectivas decoloniais e formuladas a partir da América Latina, trazendo também reflexões acerca da Arqueologia Pública no intuito de produzir saberes e compartilhar experiências.

Já os pesquisadores Mageste e Amaral (2022), realizaram uma pesquisa no Sudeste e Sudoeste do Piauí, no intuito de apresentar de maneira ampla as perspectivas arqueológicas de pesquisas que vem sendo desenvolvidas a partir da interface entre ciência e afeto. Buscaram refletir, sobre a produção de conhecimento a partir das interações que foram constituídas no semiárido. Foram abordados trabalhos realizados na década de 1970 com a criação do Parque Serra da Capivara, bem como investigações mais recentes, realizadas por docentes e discentes do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). É, portanto nesse estudo, que o termo Arqueologia Pública do Presente aparece pela primeira vez, desdobrada de perspectivas críticas e mais recentes para abarcar novos contextos.

Sobre essas novas pesquisadas realizadas pela arqueologia, o pesquisador González-Ruibal (2008), ressalta que essa Arqueologia do Presente, está em uma forma privilegiada para abordar de forma inovadora e crítica as preocupações cruciais, como a retórica, a materialidade, a política e também a memória. Além disso, a mesma também pode contribuir para problematizar definições de herança e tempo. Seu foco tem sido com questões de relevância atual, produzindo diálogos com outras disciplinas, concentrando-se também nos esforços políticos desenvolvidos a partir de uma arqueologia comunitária, envolvendo um público mais amplo, e fazendo com que as pessoas possam refletir criticamente sobre seus contextos e produzir narrativas sobre eles.

Realizando essa pesquisa eu percebi que de fato não é fácil falar de nós mesmos. Não é simples tentar analisar os nossos próprios contextos ou as memórias vivas que vivenciamos diariamente em nosso cotidiano. Costumo dizer que fazer arqueologia nos traz uma gama de emoções que por vezes não conseguimos controlar, porque escava camadas profundas de nossa subjetividade, em contextos que estamos intimamente envolvidos, porque estou tentando contar a história de minha família, ou seja, a minha própria história. Nesse ponto, concordo com o pesquisador González-Ruibal (2008), quando ele diz que a Arqueologia faz parte da emoção, do envolvimento íntimo, do trauma, e dos mais variados sentimentos e afetos existentes.

Logo, estudar as fazendas da Comunidade de Queimadinha sobre um viés da Arqueologia do Presente, amplia a maneira de conhecer esses espaços e as relações que se estabeleceram no decorrer do tempo, destacando aspectos que influenciam e contribuem para a prática de uma arqueologia mais reflexiva, e que busca resgatar as relações sociais, a participação e o diálogo entre as pessoas que ocupam esse mesmo ambiente, e que contribuem para a produção de cultura material, memórias, e suas histórias. Ademais, essas reflexões permitem refletir sobre o papel de nós arqueólogos enquanto agentes sociais, ampliando diálogos sobre a sociedade. Essa nova forma de olhar para os contextos arqueológicos vem transformando essa arqueologia, pois essas reflexões permitem realizar discussões a partir de contextos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Outras direções que a Arqueologia do Presente tem tomado nos últimos tempos é estudar e procurar entender os modos de vidas de populações sertanejas através de seus espaços, histórias e cotidianos. Nesse sentido, a mesma busca identificar algumas perspectivas arqueológica a partir de teorias e metodologias próprias para o estudo de territórios, identidades, suas relações com noções de ruralidades, e grupos sociais. Logo, um de seus objetivos tem sido buscar essa aproximação existentes entre espaços e as coisas que os compõem a partir de um olhar do presente, e das próprias pessoas que os transformam.

No tópico abaixo, procurei sistematizar alguns autores e teorias que tem norteado essas investigações em contextos rurais e no tempo presente, onde são destacadas ferramentas metodológicas para os estudos nessas comunidades. Esses tipos de abordagens objetivam identificar e colaborar com a construção de territórios e suas relações sociais, bem como construir de forma colaborativa suas histórias e narrativas. Logo, é necessário conhecer a riqueza e a diversidade de pessoas e povos que moram no campo, suas culturas e identidades na busca por valorizar seus trabalhos e suas lutas históricas que permeiam através do conhecimento e da produção de saberes locais.

2.1.1 Abordagens Arqueológicas de Contextos Rurais

A Arqueologia vem trazendo novas formas de olhar para esses contextos, como por exemplo compreender como se articulam as pessoas e seus territórios, ou seja, grupos e comunidades que compõem o espaço rural contemporâneo. Nesse sentido, a Arqueologia das Populações se desdobrou a partir das provocações da Arqueologia do Presente no intuito de procurar estudar e compreender essas relações a partir das materialidades e seus discursos no presente. Pesquisadores como Carlos Magno Guimarães, Nascimento e Veloso (2007), já havia desenvolvido pesquisas que contemplavam temáticas inseridas nesse campo, como por exemplos: campesinato, quilombos, escravidão, e estudos de fazendas. Porém, outros pesquisadores têm dado um novo viés a essas investigações, revolucionando essas abordagens através de estudos mais recentes que tem envolvido as comunidades sertanejas sobre os assuntos.

Deste modo, as primeiras análises relacionadas com essa temática foram intensificadas por Guimarães, Nascimento e Veloso (2007). Os autores trouxeram algumas reflexões acerca das potencialidades da arqueologia para o estudo do campesinato. Por sua vez, identificaram e classificaram vestígios arqueológicos de sítios camponeses, fazendo também a descrição de suas estruturas, tanto do ponto de vista estrutural quanto funcional, para o entendimento e organização dos mesmos. Cabe destacar também, que esses trabalhos eram voltados para a observação de atividades produtivas voltadas especificadamente para o mercado colonial, imperial ou republicano, apresentando assim especificidades conforme os contextos nos quais se desenvolveram.

Com isso, essas investigações ganharam outras proporções, sendo abordadas por outros pesquisadores desse tema, tais como: Souza (2015) que trabalhou com algumas populações sertanejas do Nordeste na construção de narrativas para o entendimento das práticas de consumo e seus espaços de moradias, Vieira (2017), buscou compreender e construir a história da Fazenda São Victor no Piauí a partir das memórias e histórias locais, já Amaral (2019) procurou analisar a produção Oleira da região Agreste de Pernambuco a partir de um viés da etnoarqueologia. Deste modo, tais autores começaram a trazer as formas de vida e o cotidiano vivenciados pelas famílias camponesas através dos estudos de cultura material, aliada com as memórias e suas narrativas sobre os assuntos. Outra forma interessante que vem sendo englobada nessa perspectiva, está na maneira como essas investigações vem sendo conduzidas, através de uma Arqueologia que traz consigo questões críticas e políticas relevantes para englobar esses contextos através de estudos do presente.

A partir disso, com a construção e amadurecimento da arqueologia outros trabalhos ganharam visibilidade. Autores como Amaral (2019), ressalta que as pesquisas realizadas com as populações sertanejas têm como objetivo colaborar para a legitimação de discursos de populações historicamente marginalizadas. Logo, esse tipo de arqueologia visa compreender as relações desses indivíduos com a sua cultura material, abrangendo também seus saberes locais, seu meio, e paisagem. Dessa maneira, é entender essas populações através de um novo olhar, destacando suas memórias que dialogam diretamente com seus cotidianos, remetendo, portanto, o dia a dia dessas pessoas e suas identidades.

Nos trabalhos de Souza (2013), o autor tem destacado a cultura material sertaneja, relações de memórias e com o próprio ambiente em que essas populações estão inseridas. Logo, seus objetivos têm sido problematizar através de suas pesquisas discursos mais abertos e que possam contribuir de alguma forma para a produção de narrativas de grupos que antes eram silenciados e deixado de lados nas pesquisas. Nesse viés, o pesquisador tem demonstrado de maneira relevante as práticas cotidianas, consumo, e identidades dessas pessoas, rompendo assim com visões deterministas.

Nessa mesma perspectiva, Souza (2013) vai dizer que uma Arqueologia das Populações Sertanejas é uma Arqueologia do Presente, pautada nos contextos materiais que englobam os séculos XX e XVI. Logo a mesma tem sido abordada a partir de outros campos de estudos como: Arqueologia Histórica e Etnoarqueologia. Dessa maneira, essas investigações realizadas têm sido guiadas por noções mais críticas e envolvidas com questões políticas, que visam a valorização e o conhecimento do patrimônio cultural, sendo também mais aberta no reconhecimento de seu papel político e engajada para trabalhar com contextos mais recentes, contribuindo para a caracterização dos modos de vida locais.

Trabalhos como do Pesquisador Vieira (2017), traz a possibilidade de entender melhor esse universo. Logo o estudo do autor foi realizado na Fazenda São Victor-PI, e consistiu em trazer uma discussão sobre a inserção do contexto arqueologia e escravidão no Sudeste do Piauí, conectando essas discussões com o público, destacando memórias, e a história local. A materialidade representada pela fazenda e seus vestígios é vista não só como testemunha de um passado, mas evidência que se configura na experiência da comunidade no presente. O mesmo, caracterizou os espaços envolvidos nesse contexto, bem como a localização do lugar e o convívio com os diversos atores que estabeleceram naquele local.

Outro trabalho relacionado com as populações sertanejas, foi realizado por Hebert Moura Rego (2013), no estado de Pernambuco. O autor, apresenta a importância dos estudos arqueológicos das sociedades sertanejas através de uma análise etnoarqueológica das panelas

de barros utilizadas por essas populações. Logo, o pesquisador procurou compreender essas peças por meio dos espaços em que as mesmas eram utilizadas, e das memórias gustativas. O trabalho do estudioso contribuiu para entender histórias e esses lugares por intermédio do ponto de vistas das próprias pessoas e do olhar do presente.

Dessa maneira, na arqueologia muitos dos trabalhos desenvolvidos nessa temática sentiram a necessidade de desenvolver discursos que aborde as populações sertanejas do semiárido nordestino de maneira mais ampla, dentro de suas especificidades, relações simbólicas, valorização do espaço, capacidade criativa e inventiva, além de abranger sua economia e relações sociais (Amaral, 2019). Essas investigações têm contribuído para a reconstrução de histórias locais, onde esses grupos são agentes e tenham voz. Portanto, são estudos que fazem parte de perspectivas descolonizadas, multivocais, e inclusivas que valorizam o patrimônio cultural e regional.

Posso citar aqui, alguns dos trabalhos que vem sendo realizados pelos discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), que vem sendo realizados com perspectivas que englobam tais temáticas e a conexão com o presente:

Martin (2018), realizou uma pesquisa que teve como objetivo a compreensão das técnicas de produção dos Artefatos vinculados as atividades dos vaqueiros da comunidade Boqueirão, / Buriti do Rei, Oeiras-PI. O estudo trouxe contribuições para a análise do universo sertanejo, o vaqueiro, que é um representante desta comunidade, bem como da cultura popular nordestina.

Silva (2021), realizou um estudo acerca das indumentárias junina da quadrilha Brilho do Sol, na cidade de São Raimundo Nonato-PI. Seu objetivo esteve voltado para a compreensão das mudanças ocorridas em tais vestimentas ao longo dos anos. Logo o autor buscou enfatizar as narrativas das pessoas envolvidas nessa prática a partir dos conceitos de Cultura Material, Memória Social e Patrimônio Cultural. A partir disso, optou por metodologias pautadas em levantamentos bibliográficos, entrevistas semiestruturadas, e levantamentos de campo. Dessa forma, o estudo possibilitou a reflexão e compreensão sobre o contexto cultural do São João em território nordestino.

González-Ruibal (2014), enfatiza o enriquecimento dessas pesquisas através dos dados arqueológicos e dos fenômenos históricos. Para ele, é algo que vai muito além do coronelismo, seca, cangaço, ou êxodo rural. São pesquisas que evidenciam e destacam práticas que buscam compreender mais a fundo essas populações, são seus cotidianos, memórias, histórias, que de certa maneira os caracterizam. Nesse sentido, através dessa pesquisa busco trazer essas reflexões acerca dos cotidianos dessas comunidades sertanejas através de suas histórias e

saberes locais. Dessa maneira, entender as histórias que permeiam esses espaços, se faz necessário para a construção de narrativas, afetividades, buscando uma maior interação e compartilhamento de vivências, experiências e cotidianos com as comunidades e o público na produção do conhecimento arqueológico através dessa interação, promovendo também a preservação do patrimônio.

2.1.2 Dos lugares as histórias: Paisagem e Memória

A aproximação com os moradores da comunidade de Queimadinha Vêa e o dia a dia do campo me permitiu diversos contatos e experiências com os diversos interlocutores que participam desse espaço. Dessa forma, o objetivo desse tópico é fornecer um arcabouço teórico sobre os conceitos de memória, cultura material e paisagem que permearam o entendimento dos processos históricos que se configuraram na formação desse território. Em termos contextuais, os estudos sobre memória surgem na história a partir dos anos 30, desencadeando alguns movimentos, nesses deslocamentos houve uma modificação na conjuntura acadêmica da historiografia tradicional, por meio de propostas de novas fontes e metodologias para essas investigações. Dessa maneira, foi a partir de uma mudança gradual na historiografia, e de um rompimento com a história tradicional, permitiu-se dessa maneira que o estudo fosse revelado por outras ciências, que não a história (Martins, 2007). Ao longo do século XX assistiu-se inúmeros debates sobre o assunto, configurando as mais variadas tendências e perspectivas sobre os estudos de memória. A partir daí outras ciências fornecem as investigações sobre esses assuntos sendo reconhecidos também dentro dos campos da Arqueologia, Antropologia, Sociologia, adentrando assim no meio acadêmico (Martins, 2007).

Logo, os estudos sobre memória vêm desencadeando novas formas de olhar para o passado e o presente, com o propósito de resgatar conhecimentos e saberes tradicionais de um determinado grupo ou comunidade. Em vista disso, nos trabalhos arqueológicos, a memória tem sido uma ferramenta fundamental para o entendimento dos aspectos sociais da vida das pessoas. Nesse sentido, muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas a partir dos estudos sobre coisas arqueológicas, e traz uma gama de possibilidades de construção e produção do próprio conhecimento. Por isso, ela muitas vezes é mediada e conduzida a partir de experiências do presente, que tem nos direcionado a pensar as diversas abordagens para os contextos que estamos lidando. Assim, as memórias nos afetam de alguma maneira, e tem nos inspirados a desenvolver trabalhos acadêmicos fazendo conexões entre o passado e o presente (Dyke, 2019).

Dessa forma, algumas pesquisas foram realizadas por discentes da UNIVASF a partir dessa relação existente entre: memória, materialidades e paisagens. Desataco a seguir algumas dessas pesquisas com intuito de demonstrar a relevância de tais temas e sua importância como parte do patrimônio de comunidades locais, além de suas contribuições para o sudeste do Piauí:

Assis (2021) realizou um trabalho com os colaboradores de comunidades pertencentes ao município de Jurema-PI. Dessa forma, o autor buscou conectar as comunidades com seus patrimônios a partir de teorias e metodologias advindas da Arqueologia Pública, abordando a memória e seu patrimônio material e imaterial como pontos de partida para entender de que maneira o mesmo participam de modo ativo das histórias dessas pessoas. Cabe ressaltar também, que o pesquisador era pertencente de uma dessas comunidades, pois possuía vínculos familiares. Logo, essa pesquisa mostrou como as arqueologias afetivas vem ganhando espaço no meio acadêmico, transformando assim a maneira como fazemos arqueologia, onde o próprio pesquisador se torna o próprio objeto de pesquisa e passa ampliar esse olhar, para entender e registrar esses lugares de memórias que de certa maneira, faz parte de sua trajetória de vida e de outras pessoas.

Oliveira (2018) efetuou um estudo sobre os lugares de memória de Brejo Santo, no Ceará, além dos levantamentos desses locais, a pesquisadora produziu uma carta arqueológica no qual pôde documentar e registrar esses locais, no intuito de apresentar esses patrimônios para a população residente. Dessa maneira, utilizou-se como base teórica para tal compreensão os estudos de memórias aliados a uma perspectiva do presente, na qual foi possível identificar 30 locais, sendo esses compostos por sítios arqueológicos, casarões, entre outros.

Outros trabalhos semelhantes com essa perspectiva foram realizados por Sousa (2019), a pesquisadora também trabalhou com sua comunidade, destacando principalmente o patrimônio cultural da localidade Sítio do Mocó. Dessa maneira, a autora propôs uma análise dos ex-votos depositados na Toca do Cruzeiro que fica localizada na referente comunidade. Logo, seu objetivo foi trazer e construir narrativas sobre os mesmos através dos significados atribuídos a eles por meio dos moradores locais. Dessa maneira, essa pesquisa contribuiu para a valorização da cultura e das práticas religiosas mantidas por essa comunidade.

Nesse viés, na arqueologia por exemplo, essas discussões têm se deparado com as relações existentes entre as mais diversas materialidades e os significados atribuído as coisas por meio da memória. Nessa conjuntura, muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas a partir dessas perspectivas com o intuito de compreender melhor essa relação existente entre ambas a partir de vivências e experiências que se misturam com suas histórias sobre os mais diversos lugares. Para Jacques (2013), esses contextos dizem respeito não só a vida das pessoas que

produziram e utilizaram no passado, mas possuem significados para diferentes pessoas que fazem parte hoje desses locais. Portanto, é através de uma arqueologia mais reflexiva que é possível dar diferentes sentidos e direções aos estudos desenvolvidos.

Além disso, de acordo com Nora e Aun Khoury (1993), os lugares se constituem a partir de uma construção histórica, pois os sujeitos os tornam pontos de referências. Logo, na concepção do autor, esses lugares que se constituem a partir da memória, não se concretizam apenas no aspecto material da palavra, mas também em uma concepção simbólica e funcional. No que se refere lugares materiais, ele explica que a memória social pode ser aprendida pelos afetos e sentidos. Com relação a serem vistos como funcionais, ele destaca que os mesmos possuem a função de consolidar as memórias coletivas. Já o caráter simbólico, o autor afirma que são lugares que possuem significância para tais sujeitos que deles fazem parte. Portanto, são locais carregados de memórias, histórias e identidades.

Maurice Halbwachs é um autor de inúmeros conceitos e reformulações sobre memória nos estudos sociais, e em diversas áreas do conhecimento. Sendo destacadas principalmente os questionamentos sobre o caráter conflitivo e reflexivo da memória. Dessa maneira, esses impulsos têm favorecido e estimulado a compreensão sobre os estudos da memória em comunidades. Para o pesquisador, trata-se da recriação de identidades e relações sociais que os caracterizam através da memória coletiva, e das interpretações dos lugares de memória, que o mesmo passou a chamar de sementes de rememoração. Essas sementes, podem permanecer em um lado abstrato, pode ainda formar-se em imagem e como tal permanecer, ou finalmente, pode tornar-se em uma lembrança viva. Estes destinos dependem da ausência ou da presença de outros que se constituem como grupos de referência (Halbwachs, 2003). Dessa forma, esse grupo de referência é o grupo na qual o indivíduo faz parte, portanto a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida em um contexto social, como é o caso do contexto dessa pesquisa onde relações sociais se fazem presentes, seja por meio do trabalho nessas fazendas ou pelas “coisas” que os caracterizam.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória torna-se um ponto de partida para se falar e pensar os espaços e os lugares que ocupamos, os entrelaçamentos sociais, tendo como referência o tempo, envolvendo todos os grupos e indivíduos que compartilham o mesmo território. Dentre esses, as imagens espaciais, a paisagem e todas as coisas ocupam um papel na memória coletiva. Sendo assim, a memória também se adapta à transformação das coisas materiais e recebe a marca do grupo. Na comunidade de Queimadinha, essas conexões ficam evidentes nas narrativas dos colaboradores, quando ressaltam que as fazendas foram responsáveis pela transformação dos espaços e a formação da própria comunidade, reforçados

com aspectos originados das profissões de vaqueiros, camponeses, e agricultores e lavradores que existiam e ainda se faz presente nessa comunidade, nas quais foram a base central na formação e desenvolvimento desta localidade.

Já na visão de Bossi (1987), a memória é um instrumento fundamental para construir a crônica do cotidiano, atuam como testemunhas para construir o passado que está vivo na mente das pessoas. Dessa forma, é por meio dela que se podem registrar fatos marcantes ou lugares que se concretizaram a partir de experiências vividas e pela construção de saberes. Logo, a mesma se faz necessária para entender as narrativas que contam sobre lugares, comunidades, etapas da vida, como é o caso dessa pesquisa.

Nesse viés, Izquierdo (1998) destaca que a memória é nosso senso histórico e nossa identidade pessoal. Logo, ela é uma ferramenta capaz de reelaborar o passado através das representações, de acordo com a experiência de cada um. Nessa concepção, estudar a apropriação do passado e a construção das memórias delineia a construção de futuros possíveis, compreendendo que o presente, nesse processo, conduz ao entendimento do passado e a construção do futuro, estes que por sua vez propícia as respostas as aspirações do presente. Nesse sentido, é estabelecida a força da construção de memórias sociais, transformadas em estratégias políticas (Enne, 2004).

Dentro dessa discussão, a paisagem é algo que também faz parte da memória pois a mesma se configura através dessa relação com os espaços. Em vista disso, essas conexões são reunidas através do material e do imaterial que se concretiza por meio das pessoas e suas relações com os lugares e afetividades. Assim, Gomes (2001) enfatiza que entender a paisagem enquanto memória é buscar um sentido identitário do sujeito, onde essa relação é mediatizada, a partir de construções sociais que se vinculam com as atividades cotidianas.

Do mesmo modo, nessas fazendas objetos de estudos dessa pesquisa, as memórias e as paisagens se misturam na construção desses lugares através das experiências e dos modos de vidas locais. Nesse momento, o espaço torna-se um lugar recortado afetivamente, ou seja, o lugar é um processo de construção de cada um de nós, onde podemos identificar trajetórias de vida. Isso fica ainda mais explícito nas palavras de Meneses (2002), “a paisagem pode ser entendida como um lugar construído ao longo da vida das pessoas, considerando também suas formas de vidas, as relações existentes entre elas e a natureza”. Dessa forma, a paisagem seria a história dessas populações e as memórias que ali se estabelecem.

A partir disso, Ingold (2015) vai dizer que a noção de paisagem é pensada a partir de inúmeros processos que se configuram na passagem do tempo, na forma de registros, e nas atividades desenvolvidas por diferentes seres, incluindo nessa conjuntura, seres humanos,

animais, plantas, assim como ciclos geológicos e atmosféricos. Dessa maneira, as paisagens estão intimamente ligadas a temporalidades e as memórias; são também histórias que nos dão um arcabouço para poder contar as mais variadas versões a partir delas, e dos mais variados pontos de vistas. Portanto para o pesquisador, perceber o sentido de paisagem corresponde a um “ato de memória, relacionada ao engajamento e a circulação em um ambiente impregnado de passado”.

Nessa linha de pensamento de Ingold, o autor demonstra que a paisagem está intimamente ligada também a memória, e nos explica como as coisas se misturam entre o passado e o presente. Logo, a materialidade também é importante, não apenas por nos fazer refletir sobre essa relação entre pessoas e objetos, mas também por nos fazer pensar sobre o mundo em que vivemos, para o pesquisador o que existe são “coisas”. Dessa forma, ele tenta romper com os limites entre natureza e cultura, e impõe o nosso olhar para dar atenção para as diversas “coisas” que estão presentes ao nosso redor. Portanto, existe uma conexão onde estão presentes múltiplas participações que não se restringe apenas “humana”, mas também os diferentes seres existentes. Se nós pensarmos dessa forma, abandonamos a ideia de dividir as coisas, e passamos compreender que o passado e o presente estão conectados (Ingold, 2012).

Desse modo, a memória me ajudou na compreensão dos elementos de organização espacial das fazendas, bem como ressaltar as práticas cotidianas mantidas por essa comunidade. Ao mesmo tempo pode fornecer referenciais para refletir sobre apropriação, controle, usos e atribuições dos significados possivelmente relacionados com a produção de um território, demarcado com as formações das fazendas e assentamentos dos camponeses. Dentro dessas abordagens e utilizando esses conceitos, minha proposta é entender como as coisas arqueológicas, as memórias dessas fazendas de Queimadinha Véa, fazem parte de suas histórias, e são evocadas no presente. Logo, busquei destacar as narrativas associadas a esses elementos através de conversas com os moradores da comunidade, a fim de fornecer elementos para o entendimento das relações entre esses espaços e com o modo de vida das pessoas que moram no campo.

3 DA ETNOARQUEOLOGIA À ARQUEOLOGIA ETNOGRAFICA: INTERFACES ENTRE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA

Esse capítulo tem como intuito fomentar as reflexões sobre o que venha ser a chamada Arqueologia Etnográfica dentro do campo arqueológico. Destacando seus métodos para o entendimento dos contextos presentes e das relações das pessoas com as coisas. Dessa maneira, a arqueologia etnográfica é um subcampo da arqueologia que está voltado para os estudos dos patrimônios arqueológicos, enfatizando a relação das pessoas com a produção de saberes locais. Logo, seu desenvolvimento se deu como uma forma de trabalhar coletivamente envolvendo o pesquisador e o público na reconfiguração de uma arqueologia mais aberta para se pensar os contextos etnográficos e suas relações com patrimônio, memórias e materialidades. Nesse sentido, a Arqueologia Etnográfica nessa pesquisa objetivou investigar as diferentes formas e usos do território de Queimadinha véa enfatizando a relação entre as coisas arqueológicas, e as paisagens no seu entorno. Essa proposta se situou entre os campos da antropologia e arqueologia, compreendendo os significados e os contextos sociais para diferentes públicos em relação aos contextos arqueológicos.

A interface entre arqueologia e práticas etnográficas atravessam a formatação desses campos desde o século XIX, ganhando contornos mais sólidos a partir de 1950. Os arqueólogos iniciaram pesquisas com sociedades industriais para abordar questões que antropólogos costumavam ignorar, como por exemplo os trânsitos da materialidade e questões que envolviam: abandono, tecnologia, estilo, subsistência. Mais adiante, a proximidade com a etnografia foi institucionalizada a partir dos movimentos da Nova Arqueologia e Arqueologia Processual, na década de 1960, recebendo o nome de Etnoarqueologia. Um dos objetivos fundamentais desse paradigma era fazer com que a Arqueologia fosse uma disciplina mais científica e quantitativa, ou seja a missão da etnoarqueologia nesse contexto era a de oferecer “teorias de médio alcance” (González-Ruibal, 2009). Para os processualistas, o objetivo maior da arqueologia, a luz de certo positivismo, seria o de contribuir para o estabelecimento de leis gerais sobre o comportamento humano. A postura passou a ser criticada por outras teorias que balizaram a Arqueologia no final dos anos 1970 com o intuito de reformulá-la e abranger novas maneiras de pensar e produzir o conhecimento arqueológico (Johnson, 2000; Gamble, 2011).

A partir de 1980, sob influência de ideias pós-coloniais, movimentos étnicos e sociais, foram formalizados enfrentamentos com os vieses positivistas da Nova Arqueologia (Lanata *et al.*, 2004). Sob atuação de pesquisadores como Ian Hodder, foi possível se aproximar de

diferentes teorias pós-estruturalistas no âmbito das ciências sociais, contribuir para a inserção de novas perspectivas e contextos de interesse para a disciplina. Além disso, carregou para o campo investigativo um olhar mais engajado com questões críticas e políticas, ressaltando a necessidade de aliança entre arqueólogos e a luta de povos tradicionais pelo seu próprio passado e seu direito a memória (Hodder, 2003). Foi, portanto, nesse cenário, que a interface com o trabalho etnográfico foi ressignificada dentro de uma perspectiva hermenêutica, problematizando a convivência do pesquisador com pessoas e coisas em um contexto vivo e no tempo presente (Eremites, 2003).

Ian Hodder (2003) explica que por Arqueologia Pós-Processual entende um conjunto de perspectivas teóricas e epistemológicas baseado em uma crítica a Arqueologia Processual. Logo essas posições podem ser descritas como interpretativas e autorreflexivas, em oposição a ênfase da Arqueologia Processual que tem um objetivo positivista de descobrir leis gerais sobre o comportamento humano. Nesse viés, o termo “Pós” neste movimento intelectual foi acrescentado diante da necessidade de ser incluídos uma diversidade de visões que marcam este campo do conhecimento após o Processualismo. Dessa forma, para os arqueólogos pós-processualistas inspirados por Hodder, a maneira como a Arqueologia produz ciência está profundamente influenciado pelo contexto da época em que nós estamos inseridos, onde canalizamos as nossas próprias preocupações sociais. Além disso, é no contexto dessas transformações políticas, históricas e sociais que podemos perceber o mundo de forma mais aberta e crítica, cruzado por diferentes movimentos sociais e suas expectativas em relação ao passado, presente e seus projetos de futuro.

A partir dessas reflexões, foram incorporados novos temas e problemas à pesquisa etnoarqueológica. Seu objetivo passou a ser o estudo e a compreensão dos aspectos simbólicos da relação das pessoas com o mundo material, e das dimensões não funcionais da cultura material dentro da rede de relações sociais (Politis, 2004). Nessa conjuntura, Tilley (1996) aponta que no Pós-Processualismo, os pesquisadores buscaram, a partir do paradigma etnoarqueológico entender melhor a complexidade das relações existentes entre produção material e os aspectos cognitivos, e ideológicos dos grupos sociais. Logo, o objetivo de utilizar os dados etnoarqueológicos para elaborar analogias ou teorias de médio alcance foi substituído pela tentativa de obter uma compreensão textual e específicas de fenômenos sociais.

Dentro dessas discussões, o termo Etnografia Arqueológica origina-se na etnoarqueologia, com o uso da etnografia por arqueólogos para auxiliar na interpretação de vestígios materiais do passado (Hamilakis, 2011). Logo, o autor ressalta que o termo possui outros sinônimos colocados por outros autores que desenvolveram pesquisas na área, como por

exemplo Castañeda e Mathes (2008) que a chama de Arqueologia Etnográfica e Zimmerman (2008) que denomina de Arqueologia Etno-Crítica. Nesse sentido, o autor escolheu chamar de Etnografia Arqueológica, mas enfatiza que todos esses nomes pressupõe o mesmo significado (Hamilakis, 2011).

Frente a esse cenário, a relação entre Arqueologia e Etnografia assumiu novos contornos, englobando assim novas perspectivas. Dessa forma, autores como Castañeda e Matthews (2008), lançaram um livro intitulado *Ethnographic Archaeologies: Reflections on Stakeholders and archaeological practices*, que reúne uma série de estudos voltados para o engajamentos e aplicações das abordagens etnográficas. Logo, na introdução desse livro, os autores ressaltam que a Arqueologia Etnográfica emergiu como um tipo específico de resposta aos dilemas contemporâneos da ciência arqueológica. Os autores, propõe um termo, que abrange um conjunto de métodos, objetivos, usos e racionalidades. São pesquisas e estudos que representam as diversas formas e meios para o engajamento crítico e político dentro do campo arqueológico, focalizando principalmente nas diferentes maneiras de se fazer arqueologia. Dessa maneira, a Arqueologia etnográfica é radicalmente diferente dos usos anteriores de etnografia que temperam a história da arqueologia (Castañeda, 2008).

De acordo com Silva (2017), nas últimas décadas, a Arqueologia vem transformando seu campo de estudo, abarcando novas teorias e metodologias para se pensar os contextos que estamos lidando. Inclusive, tenho vivenciado diariamente muitos trabalhos com propostas semelhantes a este, principalmente no meio acadêmico, que traz a prática etnográfica como uma fonte de pesquisa viável para a construção de narrativas e sentidos para a materialidade (Silva, 2017). Dessa forma, Analogia Etnográfica, Etnoarqueologia, Arqueologia Enográfica, Arqueologia do Presente, Etnografia Arqueológica e Etnografia da Arqueologia são algumas das denominações e os campos/subdisciplinas de investigação arqueológica que exemplificam tais transformações e este modo próprio de compreender os dados etnográficos e o que vem ser a prática etnográfica na arqueologia.

Portanto, dentre essas denominações escolhi trabalhar com a utilização do termo Arqueologia Etnográfica, pois visa utilizar métodos etnográficos no fazer arqueológico a fim de estudar o passado e os contextos sociais no presente. Nesse sentido, na realidade desse estudo acredito que esse viés proporcionou um envolvimento local com a comunidade que se assemelha a algumas técnicas propostas pela etnografia, como por exemplo: a observação participativa, o envolvimento do pesquisador com o grupo social, mostrando os modos de fazeres locais, debatendo questões relacionadas a modernidade, temporalidade e materialidade (Hamilakes, 2011).

Na Arqueologia Etnográfica a arqueologia é o sujeito da etnografia. Ou seja, são utilizados métodos etnográficos no fazer arqueológico a fim de estudar o passado e os contextos sociais presentes (Castañeda, 2008). Dessa forma, com a arqueologia aplicada nessa vertente é possível compreender as comunidades e seus patrimônios, sendo elas tradicionais ou não, mostrando como as pessoas podem participar desse processo de construção da própria arqueologia, tornando a história local relevante para todos (Fernandes, 2007).

3.1 Arqueologia Etnográfica: Conceitos, práticas e aplicações

A Arqueologia Etnográfica tem sido entendida como uma subdisciplina a serviço da arqueologia, encarregada de estudar as sociedades modernas e atuais para melhor entender os contextos arqueológicos. Dessa forma, o autor destaca que a Arqueologia do Presente aliada a Arqueologia Etnográfica está tratando de reverter alguns problemas epistemológicos na qual foi por muitas vezes colocada como estudo de culturas do passado. Trata-se de uma forma decolonial e comprometida em compreender culturas locais, e seus contextos históricos e políticos no presente por seus próprios termos, buscando engajamento social e colaboração. Nesse sentido, o estudioso tenta mostrar que devemos produzir arqueologias no tempo presente que nos permita compreender melhor as sociedades vivas, analisando assim as relações históricas entre pessoas e coisas. Para fazer isso, se faz necessário entender as comunidades em um contexto mais amplo (González-Ruibal, 2019).

Desde a década de 1990 até os dias atuais, aumentou consideravelmente o número de pesquisas que vem utilizando e discutindo a etnografia. Posso citar os trabalhos realizados por Eremites de Oliveira (2012, 2015 e 2016); Silva (2009), González-Ruibal (2008, 2009), e nos campos no qual se enquadram a Arqueologia Pública Bezerra (2011, 2012, 2013, 2014); Fernandes (2005), Otaviano (2019) e Macêdo (2021). A partir disso é possível observar que a relação entre Arqueologia e Etnografia está ganhando cada vez mais espaço nos trabalhos e publicações arqueológicas, o que tem fomentado reflexões sobre o papel da mesma nas investigações.

Neste contexto, posso citar alguns trabalhos com essa perspectiva e que se aproxima das questões que abordo nessa pesquisa:

Otaviano (2019), realizou um trabalho que teve como objetivo central investigar os sítios arqueológicos presentes no território indígena de Kapinawá-Pe, ressaltando principalmente os significados e a construção do próprio conhecimento dentro dessa

comunidade. Como método para esse estudo, a autora optou por abarcar as propostas realizadas através da Arqueologia Etnográfica juntamente com a Arqueologia Pública no intuito de trazer um conhecimento multivocal com a incorporação de múltiplas vozes, perspectivas e epistemologias.

Silva (2016), trabalhou com os grupos locais da Amazônia mais especificadamente da cidade de Calçoene que fica localizada no Amapá. Nesse prisma, a investigadora procurou discutir a relação entre Antropologia e Arqueologia no intuito de entender melhor essa relação dentro da dada comunidade. Logo, optou por trazer para esses estudos pessoas que moram nos arredores dos sítios arqueológicos para a percepção de memórias e construção de narrativas locais. Essa aproximação entre Arqueologia e Etnografia abriu acesso para introduzir os diferentes entendimentos sobre o passado e o presente, acerca dos vestígios arqueológicos. Dessa maneira, o estudo contribuiu para discutir e evidenciar os mais variados patrimônios.

Rocha (2017), em seu estudo procurou refletir sobre a relação entre Arqueologia e a comunidade de Carangola, Minas Gerais. Para essa concretização, a autora procurou pensar em uma Arqueologia Decolonizante em consonância com a Arqueologia Pública. Em termos práticos, essa abordagem ocorreu a partir dos métodos da Arqueologia Etnográfica. Com os dados obtidos durante essa pesquisa, foi possível compreender a atuação e o papel da Arqueologia no local, evidenciando as diferentes percepções das pessoas e a construção de narrativas a respeito das histórias locais.

Macêdo (2019), propôs um estudo na comunidade de São Braz do Piauí, onde procurou evidenciar as narrativas científicas e tradicionais a respeito do patrimônio arqueológico, a partir dos fundamentos da Arqueologia Pública e do Presente. Na empreitada, a autora realizou mapeamentos e ações envolvendo o patrimônio e comunidade nos quintais dos colaboradores. Essas atividades, foram realizadas através da Arqueologia Etnográfica no qual foi possível destacar as relações, significados e as construções sociais do local.

A partir dessa pequena amostra, na arqueologia etnográfica os trabalhos que estão sendo realizados têm mostrado como a arqueologia e suas práticas se relaciona com os contextos nos quais ela aborda. Por isso, a mesma tem buscado conectar as comunidades com seus patrimônios através de suas representações e pontos de vistas sobre o fazer arqueológico e as coisas arqueológicas. Ou seja, essa prática etnográfica é constituída da pesquisa arqueológica, e busca compreender o olhar para a materialidade e os diversos públicos envolvidos com o patrimônio (Silva, 2021).

Nesse viés, na arqueologia etnográfica, o passado e o presente estão interconectados na prática arqueológica. Em outras palavras, a mesma constrói múltiplos passados no presente,

transformando assim as coisas e as pessoas. Pode se dizer então, que o objetivo dessas arqueologias é promover diálogos e construir um conhecimento arqueológico multitemporal e intercultural. Logo, elas rompem com a noção de tempo linear e a separação entre ambos, e nos mostra que a arqueologia lida com pessoas e também com as coisas, afirmando assim a dimensão política e social da arqueologia (Silva, 2021).

Ao adotar essa postura, a Arqueologia tem utilizado os dados etnográficos em suas pesquisas, pois vem contribuindo de modo relevante para a construção e desenvolvimento do conhecimento arqueológico. Trata-se de uma prática que leva em consideração as histórias, convivências e as relações sociais que são construídas a partir da conexão entre pesquisadores e comunidades. Portanto, esses estudos a partir de uma perspectiva do presente têm fortalecido essa relação entre pessoas e coisas, em diferentes tempos e lugares. Nesse prisma, Ingold (2015) descreve toda essa questão como um trabalho de campo que busca descrever o outro a partir de um processo de observação e experimentação de seu cotidiano. Acredito que a partir dessas premissas esse estudo me proporcionou realizar reflexões acerca desse contexto ampliando meus horizontes de pesquisa para além dos campos acadêmicos.

Para Castañeda (2008), na Arqueologia Etnográfica, a prática etnográfica é algo construtivo, ou seja, busca o olhar para a prática arqueológica, suas materialidades e os diversos públicos envolvidos com o patrimônio. Dentre os trabalhos e pesquisas que vem sendo desenvolvidas nesse âmbito, posso citar o modo como a prática arqueológica impacta os locais nos quais ela se insere, sendo que se busca apreender as representações que pessoas, comunidades locais tem sobre a Arqueologia, o (a) arqueólogo(a), e as coisas arqueológicas. Dessa forma, são investigações que buscam compreender aspectos como: identidades, territórios, memórias, herança e os diversos patrimônios. São atividades que partem da premissa de que a materialidade sempre é apreendida de diferentes maneiras e pode adquirir diferentes significados (Castañeda, 2008).

É nessa perspectiva da Arqueologia Etnográfica que observei as materialidades e as coisas arqueológicas através de seus significados e narrativas na comunidade de Queimadinha. Dessa maneira, a Arqueologia Etnográfica foi definida como método por consistir em um campo transversal entre a antropologia e a arqueologia, cujo o objeto central são as coisas materiais em suas múltiplas temporalidades, as quais são construídas e interpretadas em narrativas que envolve a conexão entre os pesquisadores e o público (Rosa, 2021). Nessa pesquisa, a Arqueologia Etnográfica permitiu incorporar no trabalho questões políticas, éticas, epistemológicas e sociais que possibilitassem as próprias pessoas de contar suas histórias,

priorizando e valorizando seus significados e interpretações na construção e produção de saberes.

Yanis Hamilakis e Aris Anagnostopoulos (2018), definem a Arqueologia Etnográfica como multitemporal, ou seja, constitui-se de memórias que incorporam e projetam o tempo como coexistência ao invés de linearidade, onde as coisas podem ser vistas e descritas de diferentes maneiras e alternativas. Por esse motivo, a mesma é fundamentada no presente e cercada por diferentes histórias. Logo, para que isso aconteça é necessário que o pesquisador esteja em sintonia com a materialidade e temporalidades da vida social dos grupos envolvidos. Nesse âmbito, o autor ainda argumenta que ela é muito mais que uma prática ou um método, tornado uma temática transdisciplinar e transcultural que tem permitido múltiplos encontros.

Um ponto importante que Hamilakis (2011) destaca em um de seus textos sobre Etnografia Arqueológica, é que os instrumentos que contribuíram para sua ampliação, foram os desenvolvimentos acadêmicos, os surgimentos de abordagens críticas interpretativas ou Pós-Processuais em arqueologia, as Etnografias do Patrimônio e as Arqueologias do Presente. Para ele, o engajamento com as comunidades contemporâneas e as pessoas locais, adquire sua própria dinâmica e abriga uma potência transformadora que a torna mais aberta e que pode acontecer de diferentes formas e momentos, rompendo assim com a divisão entre sujeito e objeto.

Ainda de acordo com este autor, a Arqueologia Etnográfica tem o objetivo de demonstrar que os campos da Arqueologia e Antropologia podem se aproximar, tornando-se frutífero, como em um terreno fértil para o compartilhamento de vivências e saberes. É, portanto, nesse espaço, que são desenvolvidos encontros, conversas, diálogos, compromissos críticos entre acadêmicos e diversos públicos e atores sociais, onde a materialidade e temporalidade estão presentes nesse espaço transdisciplinar e transcultural. Dessa forma, é pensar muito além de um método, é reconhecer os efeitos de nossas pesquisas para essas pessoas (Hamilakis, 2011).

Sendo assim, cada pesquisa e objeto de estudo tem mostrado como a Arqueologia tem se destacado na quebra dessas barreiras, inovando principalmente na forma de lidar com nossos contextos, ativando diálogos que produzem narrativas para a produção do fazer arqueológico, onde levamos em consideração as sociedades como produtoras e construtoras de conhecimento. Experimentei a importância dessa comunicação nessa pesquisa, sobretudo nos aspectos que tenho relacionado a produção de cultura material e as narrativas associadas as mesmas. Dessa forma, a proposta que trago através dessa investigação é procurar entender essas relações a partir das histórias, modos de vidas e cotidianos nesse contexto particular no qual se insere

Queimadinha Vêa. Alinhada com Hamilakis (2011), busquei realizar essa pesquisa enfatizando o contexto social e cultural dos modos de saberes e fazeres em Queimadinha, tecendo histórias e memórias. Então, essa junção entre arqueologia e antropologia se faz necessário para o entendimento desses locais e as relações que são estabelecidas nesta comunidade.

Por fim, compreendo aqui que a Arqueologia Etnográfica nos faz refletir e buscar novas experiências de imersão e oportunidades de diálogos, através dos objetivos de nossas pesquisas, atuando assim no processo de descolonização da Arqueologia, onde compreendemos que as mais variadas histórias podem ser contadas a partir de experiências diversas. É importante ressaltar, que a Arqueologia Etnográfica consiste em um espaço aberto para a inserção e posicionamento do próprio pesquisador em relação ao seu objeto de estudo. Nesse caso, estou intimamente conectada nesse meio pois faço parte dessa comunidade por compartilhar da construção e produção de saberes nessa localidade.

3.2 Aproximações entre Arqueologia Etnográfica e os modos de vida em Queimadinha Vêa: Teorias e métodos aplicados nesta pesquisa

Para a realização dessa pesquisa, segui algumas etapas desenvolvidas ao longo de sua execução. Inicialmente trabalhei com o levantamento de revisões bibliográficas sobre assuntos, temas ou perspectivas que se assemelhasse com minha pesquisa, no intuito de obter um maior embasamento teórico para compreender todo esse processo de organização territorial do Piauí, e da comunidade de Queimadinha. De acordo com Lakatos e Marconi (2010) a pesquisa bibliográfica consta do levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, outros tipos de publicação, tendo assim como intento fornecer ao pesquisador um material para a análise e produção, conforme o tema estudado. Dessa maneira, os autores ressaltam que essas fontes de pesquisas podem ser classificadas em:

Fontes primárias: que correspondem as informações do próprio pesquisador sobre o assunto abordado. Destacam-se: artigos, teses, anais, dissertações e periódicos.

Fontes secundárias: podem ser chamadas de bibliografias complementares, que tem por objetivo facilitar o entendimento de alguns assuntos. Exemplos: dicionários, enciclopédias, bancos de dados, e livros.

Fontes terciárias: são classificadas como guia das demais fontes citadas. Exemplos: catálogos de bibliotecas, e revisões de literatura, entre outros.

A princípio no primeiro capítulo dessa dissertação, procurei sistematizar as informações e reflexões a partir de autores que traziam os conceitos de Arqueologia do Presente, memória, paisagens, materialidades, e Arqueologia do Sertanejo, que se aplica nessa pesquisa. Entre esses pesquisadores estão: Hamilakes (2018), González-Ruibal (2009), Dyke (2003), Harrison (2018), Abreu (2019), Halbwachs (2003), e Ingold (2012). Dessa maneira, busquei conectar as ideias principais de cada autor ressaltando a importância de cada conceito e definições propostas por essa investigação no estudo de Queimadinha.

Para compor o terceiro capítulo dessa pesquisa, busquei trazer autores que realizaram pesquisa no Piauí sobre assuntos relacionados a ocupação do território, para poder entender todo esse processo, bem como refletir sobre o papel de vaqueiros, agricultores e camponeses nessa conjuntura. Entre esses, estão as pesquisas realizadas por: Alves (2003), Lima (2009), Mott (2010), Negreiros (2012), e Oliveira (2007) que trazem toda essa questão relacionada ao povoamento do Piauí, e a relação dessas pessoas com as fazendas. Além de trazer a história da comunidade de Queimadinha Véia, contadas pelas próprias pessoas que fazem parte desse território.

Além disso, para entender melhor este contexto, realizei um levantamento documental das fontes históricas relacionados ao contexto onde se insere Queimadinha Véia. Nesse sentido, em relação ao contexto dessa pesquisa abordei a documentação referente aos séculos XIX e XX, que estavam no laboratório de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), entre esse material estava: memorial de São Raimundo Nonato e alguns inventários de pessoas que moravam no dado território. Ressalto aqui, que realizei várias visitas no Cartório de São Raimundo Nonato-PI, mas infelizmente não me liberaram os documentos referentes as terras de Queimadinha Véia, segui todos os preceitos exigidos por essa instituição. Fiz ofício e conversei com os responsáveis, falaram que entrariam em contato comigo e nunca entraram. Através dessas inúmeras visitas realizadas ao local, percebi que era algo muito demorado já que não queriam liberar os documentos para a essa pesquisa, e deixei para realiza-lo em outro momento, em um doutorado por exemplo. Então decidir trabalhar, com as narrativas e histórias contadas pela própria comunidade, para a caracterização deste local bem como das respectivas fazendas.

A partir disso, realizei e segui metodologias pautadas na Arqueologia Etnográfica para compor as estratégias desse estudo. A abordagem etnográfica se fez necessário nessa investigação por estruturar e costurar as narrativas associadas as relações com os espaços das fazendas, identidades, memórias, histórias e parentesco. Dessa forma, o olhar etnográfico aliado às atividades de campo arqueológico oferece caminhos para se pensar uma Arqueologia

etnográfica, e que de certa forma, faz interface com objetivos de uma prática acadêmica identificada como pública, pois busca estratégias para fazer da comunidade estudada atores de conhecimentos em diferentes maneiras (Agostini, 2015). Nesse sentido, a arqueologia etnográfica consiste em um procedimento de registro de dados etnográficos que se caracteriza pela realização do trabalho de campo e de convivência com a comunidade.

Outra característica desse método, é a observação participante. Nas palavras de Castañeda (2008), praticar etnografia é estabelecer relações, tornando-se parte do grupo e buscando partilhar de seu cotidiano, para a percepção de suas histórias e narrativas. Logo, o trabalho de campo é uma vivência, uma experiência que vai muito além do aspecto científico da pesquisa, pois ele nos conecta a perceber e conviver com diversas relações sociais dentro da comunidade. Dessa maneira, são utilizadas um conjunto de ações: conversas formais e informais, entrevistas, observações, transcrever textos, selecionar os informantes, escrever no diário, mapear campos e experiências.

A partir disso, outro aspecto importante no processo de reconhecimento arqueológico, é a obtenção de informações orais nas comunidades, que também faz parte do método etnográfico, e que influenciam nos aspectos relacionados aos espaços e suas histórias. Dessa maneira, este trabalho de campo foi marcado por atividades colaborativas junto à comunidade de Queimadinha, com a finalidade de conhecer mais da localidade, e trazer as pessoas para essa construção.

A partir disso, Agostini (2015) destaca que esse contato com os moradores locais, e convívio durante o trabalho com diferentes usuários desse espaço é muito importante, pois a prática arqueológica ganha densidade, não apenas como forma de registro, mas como abordagem. Com isso a inclusão de uma “atenção etnográfica” no entorno durante o cotidiano do trabalho, inclui a relação da equipe com o sítio, e da equipe com outros usuários daquele espaço; nos diferentes usos e complexos. São situações propícias também para conduzir conversas e entrevistas semiestruturadas. Esse tipo de entrevista consiste na combinação de perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer o tema proposto. O pesquisador segue um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal (Bony; Quaresma, 2005).

Nesta pesquisa, escolhi trabalhar com uma amostra bem diversificada para melhor compreensão e diversificação dos modos de vida que caracteriza o território de Queimadinha Véia. Depois disso, os colaboradores foram selecionados de maneira ampla. Considerando minha experiência na área, parti da premissa de chamar para essas conversas pessoas que colaboraram com minha pesquisa anterior em 2019 e que já manifestaram vontade de colaborar

sobre o assunto. A partir disso, conforme esperado durante o trabalho colaborativo surgiram também outras possibilidades e indicações de pessoas para participação na pesquisa.

Dessa forma, quando comecei a procurar entender sobre a história da comunidade, os colaboradores sempre lembravam de alguém que podia me contar algo a respeito disso, ou sabia tal história mais aprofundada. Nesse viés, fui atrás de cada uma dessas pessoas de diferentes idades e que exerciam diferentes profissões dentro e fora dessa comunidade, mas que de certa forma participou em algum momento de sua vida da história de Queimadinha. Esse pessoal são: vaqueiros, agricultores, lavradores, benzedeira, carpinteiro, professores, padre e pescadores que moram na comunidade, ou que fizeram parte da história de Queimadinha, e que contam narrativas sobre ela. Portanto, o meu interesse esteve voltado para conversar com uma amostra bem diversificada, de diferentes idades e funções, mas que compartilham das trajetórias de vida em Queimadinha.

Segue abaixo uma tabela com a lista de colaboradores que auxiliaram nesta investigação. Enfatizo que optei por apresentá-los agora, visto que nos capítulos três e quatro serão expostos e descritos todo o trabalho etnográfico e as narrativas realizadas por esse pessoal.

Tabela 1- Perfil dos colaboradores.

Nome	Idade	Profissão	Residência	Colaboração
Maria Alcione Paes Landim Silva	74 anos	Lavadora	Garça	Compartilhou histórias e experiências sobre a Fazenda Martin Negreiros
Aurélio Paes Landim Silva	45 anos	Pescador	Garça	Compartilhou histórias e memórias da comunidade
José Herculano de Negreiros	80 anos	Padre	São Raimundo Nonato	Contou histórias sobre a formação da comunidade
Vanessa de Aguiar Amorim Santos	37 anos	Lavadora	Queimadinha	Compartilhou histórias e experiências sobre a Fazenda Monte Claro

Dinavan da Silva Santos	39 anos	Vaqueiro	Queimadinha	Compartilhou histórias e experiências sobre a Fazenda Monte Claro
Francisco de Negreiros Silva	82 anos	Vaqueiro	Garça	Compartilhou histórias sobre a formação da comunidade
Francisco de Miranda	87 anos	Marceneiro	Queimadinha	Partilhou histórias sobre a formação de Queimadinha e seus primeiros moradores
Hanorata Josefa da Silva	84 anos	Benzedeira	Queimadinha	Compartilhou histórias e memórias da comunidade
Gracino Ferreira da Silva	85 anos	Vaqueiro	Queimadinha	Contou histórias sobre a Fazenda Dr. Caio
Manoel Simplicio Damasceno	77 anos	Vaqueiro	Queimadinha	Partilhou memórias sobre a Fazenda Zé Chica
Ana Damasceno	66 anos	Lavadora	Queimadinha	Compartilhou experiências na Fazenda Zé Chica
Ana Maria de Miranda	79 anos	Vaqueira e Lavadora	Queimadinha	Partilhou memórias sobre a Fazenda Gerson Batista
Solimar Ferreira de Oliveira	70 anos	Vaqueiro	Garça	Contou histórias sobre a Fazenda Dr. Caio
José Luiz Jesus Silva	52 anos	Lavrador	Queimadinha	Contou histórias sobre a Fazenda Gerson Batista
Marlene da Silva Miranda	60 anos	Professora	São Raimundo Nonato	Compartilhou histórias sobre a

				Fazenda Martin Negreiro
Carlino de Negreiros Silva	64 anos	Lavrador	São Raimundo Nonato	Partilhou histórias sobre a Fazenda Negreiros e a formação da comunidade

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A partir disso, as entrevistas foram gravadas com o auxílio de um aparelho eletrônico e com o consentimento dessas pessoas. Em seguida, foram feitas suas transcrições, tomando o devido cuidado para manter as frases exatamente como foram enunciadas pelos colaboradores. Logo, foram colocadas em cada parte dos capítulos na qual se referiu cada assunto, compondo assim suas histórias e memórias, além de contribuir para a representação de cada uma das fazendas.

Nessa conjuntura, a pesquisa insere-se em um contexto relacionado com a vida sertaneja, onde as vivências são fortemente ligadas a aspectos de subsistência, produção agrícola, criatórios de animais, roças, currais e a próprias fazendas. Dessa maneira, as conversas e observações realizadas na comunidade serviram para compreender tais aspectos, ao mesmo tempo que destaca as percepções das pessoas sobre o universo deste estudo. Com relação a essas entrevistas, as mesmas foram efetuadas através de um pequeno roteiro, mas de forma aberta onde as pessoas pudessem contar suas histórias e sentir-se à vontade. Nesse contexto, optou-se por realizar uma etnografia arqueológica a partir das conexões entre os elementos: produção de cultura material, paisagem, territorialidade, memórias e histórias.

As atividades de campo duraram vários dias, e foram realizadas durante meses nessa comunidade. Dessa maneira esses encontros aconteceram entre os meses de agosto de 2022 a junho de 2023, e em dias alternados conforme o tempo disponível de cada colaborador. Geralmente passava a manhã e à tarde na comunidade e retornava para casa à noite, em outros momentos cheguei a dormir na localidade e fiquei instalada na casa de minha vó para poder acompanhar o cotidiano dessas pessoas. Os primeiros campos foram marcados pelos desafios de vencer inseguranças, medos e estabelecer vínculos com os moradores. Apesar de fazer parte dessa realidade, com essa convivência maior com o local, pude partilhar de suas emoções e contribuir juntamente com os moradores das descobertas que marcam Queimadinha Véa enquanto um lugar influenciado pelas belezas do sertão e suas variadas histórias locais.

Meu primeiro dia de campo com a comunidade aconteceu no dia 7 de agosto de 2022, era um dia de domingo e por ser um dia onde a maioria das pessoas estão em casa, achei melhor

ir conversar com elas neste dia. O ponto de apoio para esse primeiro dialogo foi a casa de minha avó Alcione por ser um local onde várias pessoas da comunidade conhece e por andar muita gente nos finais de semana. Lembro-me que neste dia não foram muitas pessoas pois algumas delas estavam em seus afazeres diários. Nesse primeiro momento de interação, optei em apresentar meu projeto de pesquisa, e mostrei algumas fotos do meu trabalho anterior na comunidade e falei do interesse em continuar com a pesquisa.

Logo percebi que a maioria das pessoas demonstravam interesse pela pesquisa e começaram a me falar quais fazendas existiram ali e quem era os donos. Já outras pessoas, questionaram o porquê de ainda eu estar estudando e se eu não tinha conseguido terminar a graduação. Então expliquei que eu estava fazendo mestrado na área de Arqueologia, e que essa nova etapa de minha vida seria mais uma qualificação, e que eu gostaria muito de continuar com as pesquisas ali onde eu criei um vínculo afetivo. Nesse primeiro momento, decidi ter essa conversa com as pessoas da localidade e justificar a minha volta para pesquisar histórias em Queimadinha Véa, para então poder dar início as etapas do campo (Figura 1 e 2).

Figura 1- Conversa com o pessoal da comunidade.



Fonte: Acervo da autora (2022)

Figura 2- Reunião com o pessoal da comunidade.



Fonte: Acervo da autora (2022).

A partir disso, de maneira intercalada com os meus trânsitos na comunidade, realizei uma prospecção não-interventiva que consistiu na observação do entorno das fazendas e demais locais que fazem parte dessa história, no intuito de entender melhor os contextos em que as mesmas estão inseridas, para então caracterizá-las. De acordo com Negreiros (2012), a prospecção arqueológica objetiva um conjunto de ações que visam identificar a presença de vestígios arqueológicos na superfície. Logo, também faz parte desses propósitos o levantamento de informações preliminares de caráter social e antropológico que permitem definir as características de uma região ou território estudado. É, portanto, nessa etapa da pesquisa que é possível fazer o levantamento da cultura material e imaterial das comunidades locais, bem como estabelecer relações entre ambos. Dessa maneira, a prospecção no território de Queimadinha Véa aconteceu da seguinte forma:

Em Queimadinha Véa, muitas das entrevistas e conversas foram realizadas no momento da prospecção, onde optei por visitar os locais e lugares de memórias que as pessoas evidenciavam. Dessa forma, juntamente com a comunidade fomos a alguns desses locais para então construir e compreender as narrativas. Ao ouvir os relatos, observei o modo como as populações usavam esses espaços, tanto para desenvolver atividades de produção, quanto para realizar tarefas cotidianas de subsistência. Nesse caso, o universo da observação se estende para além dos assentamentos dessas fazendas, são elementos como: cacimbas, plantações, riachos, cercados e demais referências que se inter-relacionam nas memórias e histórias contadas pelos colaboradores na percepção do uso do território de ocupação desses grupos (Figura 3 e 4).

Figura 3- Prospecção nos locais.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 4- Caminhada na Fazenda do Martin.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Essa prospecção na área estudada serviu para identificar marcadores da possível ocupação desse território. Entre esses marcadores estão: antigas estradas e caminhos, os limites dessas fazendas, estruturas, restos de casas sedes, vestígios de habitação, casas de farinha, currais, roças, quintais, entre outros. Dessa forma, me aproximo de outros trabalhos como por exemplo, Souza (2017) e Zedenô (2008), ao ressaltar como que esses tipos de indícios são

relevantes para o entendimento dos processos históricos que configuram um território. Logo, podemos perceber através dos pontos mencionados como que os mesmos se relacionam com a paisagem do local, suas características particulares, e posteriormente foram inseridos em um mapa para uma maior visualização e compreensão das partes que compõem as fazendas. Nessas caminhadas, foram observados os aspectos da paisagem, que possibilitem o entendimento maior da área pesquisada. Seguidos, pelo levantamento arqueológico do espaço para o georreferenciamento, utilizando o GPS e registro fotográfico (Figuras 5, 6, 7 e 8).

Figura 5- Visita ao riacho da comunidade.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 6- Colaborador pegando lenha.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 7- Visita a Fazenda Monte Claro.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 8- Colaborador mostrando a cacimba.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Com relação ao mapeamento das fazendas e demais locais em de Queimadinha Véa, me baseei no método utilizado por de Souza (2017). Segundo o autor, as ferramentas fundamentais para a elaboração de mapas é a seleção do contexto, o GPS, registro em croquis, a observação de campo e as fotografias. A reunião desses elementos auxilia no levantamento de dados e na compreensão da dinâmica do território estudado. Dessa maneira, segui esses preceitos no intuito de caracterizar e localizar as fazendas da localidade, levando também para o campo além das ferramentas citadas, o caderno de campo para anotações escritas que evidenciem aspectos percebidos do local. Que foi utilizado para o registro de ideias ou dúvidas que servirão como base para as reflexões posteriores. Desse modo, considerei as pessoas que habitam ao redor dessas estruturas e que produzem narrativas sobre as mesmas, bem como os achados que serão gerados para alimentar as entrevistas.

Cabe destacar, que alguns dos registros fotográficos presentes nesta pesquisa pertenciam aos moradores locais. Muitos deles contribuíram com este acervo, ressaltando sempre a importância de registrar momentos, para eles é algo que perpassa pela significância em que eles viveram aquela época ou ocasião. Ao me mostrarem essas fotografias, eram sempre repletas de histórias e sensações ao se recordarem do período em que as mesmas pertenciam. Essas imagens, são de situações de trabalho e de lazer na comunidade, e serão exibidas nos capítulos seguintes dessa dissertação.

Durante esse levantamento arqueológico junto à comunidade, as conversas e as entrevistas foram usadas na construção e no entendimento da cultura material relacionadas ao contexto e os espaços das fazendas. Sendo assim, esses procedimentos foram utilizados para a compreensão da dinâmica territorial das fazendas e demais estruturas, bem como suas características e particularidades, no intuito de entender como se deu todo esse processo de ocupação desses locais e como as fazendas foram organizadas. Outras conversas foram realizadas na casa de moradores da comunidade. Durante essa estada na comunidade, procurei observar o dia a dia dessas populações e as atividades que executavam durante o dia, e percebi que Queimadinha Véa se inseri no contexto que se relaciona com a vida sertaneja.

Dessa maneira, o meu interesse se estendeu para fazer com que a própria comunidade participasse de maneira ativa junto a pesquisa, contando histórias e narrativas sobre esses lugares de memória, além de demonstrar como a comunidade de Queimadinha participa da construção de saberes locais que a caracteriza enquanto uma localidade sertaneja. Durante a realização deste campo, acompanhei de perto as atividades que eram desenvolvidas durante o dia dos moradores de Queimadinha Véa. São desde afazeres domésticos como cuidar da casa, como também cuidar das roças, plantações, animais entre outros. Nos finais de semana o pessoal costuma pescar ali mesmo no riacho que separa as Comunidades Garça e Queimadinha e que está vinculado a grandes histórias e memórias da localidade. São rotinas que se repetem muito durante a semana, principalmente no período chuvoso que se estende geralmente nos meses de dezembro a março, e que de acordo com eles é a época mais produtiva do ano. (Figuras 9, 10, 11 e 12).

Figura 9- Colaborador plantando feijão.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 10- Morador da comunidade capinando.



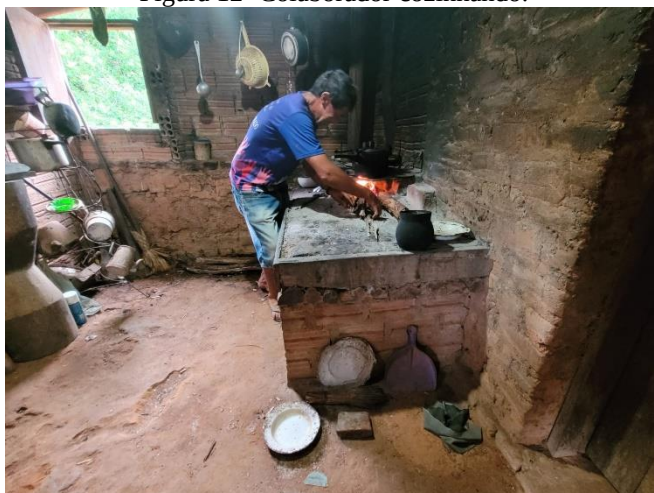
Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 11- Pessoal pescando no riacho.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 12- Colaborador cozinhando.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Deste modo, essa pesquisa articula-se com as discussões no campo interdisciplinar da arqueologia, principalmente no que se refere as pessoas e as narrativas sobre Queimadinha Vêa. Sua construção enquanto território se associam entre as paisagens e seus entornos, compreendendo os significados e usos desses lugares que foram mapeados e caracterizados ligando sempre as pessoas como parte dessa história. Assim, meu objetivo esteve voltado para mapear tais narrativas e construir a história dessa comunidade a partir dessas relações. O uso das narrativas torna a arqueologia compreensível à medida que aproxima suas interpretações da realidade das pessoas. As coisas contam histórias, e as pessoas dão significados as coisas (González-Ruibal, 2006).

Portanto, o tratamento dessas informações coletadas em campo seguiu alguns princípios descritos por Moraes (1999) que descreve que todo material colhido durante a realização da pesquisa deve ser transformado em conteúdos e separados entre os capítulos, isso requer: descrição, análise e interpretação dos dados. Dessa maneira, cada história e narrativas contadas pelos colaboradores de Queimadinha Vêa foram distribuídos de acordo com os objetivos desse trabalho que perpassam pela construção da história da comunidade e da caracterização das fazendas locais. Logo, nos capítulos três e quatros foram abordados todo o trabalho etnográfico realizado na comunidade, bem como a história do surgimento da dada localidade e os locais de memórias evidenciados, juntamente com as narrativas e as coisas arqueológicas que os caracterizam.

4 TERRAS, FAZENDAS E GADO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ÁREA DE PESQUISA

Nosso contexto está situado na cidade de São Raimundo Nonato-PI, esta região historicamente está em compasso com os processos históricos que transformaram o Piauí. Dessa maneira, este município está localizado na microrregião homônima, compreendendo uma área irregular de 2.606,85 km² e tendo como limite os municípios de Brejo do Piauí e João Costa ao norte, ao sul com Fartura do Piauí, a Leste com Coronel José Dias e São Lourenço do Piauí e, a oeste com São Braz do Piauí e Bonfim do Piauí. O município foi criado pela Lei nº 669 de 25/06/1912, sendo desmembrado dos municípios de Jaicós e Jerumenha (IBGE, 2010).

Nesse sentido, desde os tempos coloniais que a estrutura econômica do Piauí esteve fortemente ligada a pecuária e a gestão da terra. Embora inicialmente ela fosse uma atividade considerada secundária nesse período, a mesma contribuiu fortemente para a expansão e surgimento de atividades criatórias e agrícolas em todo o território. Dentro desse processo inicial de expansão, seu objetivo básico era manter em funcionamento a economia de exportação. Dessa forma, durante os primeiros séculos da colonização, os interesses na região se desdobraram a partir da crise econômica açucareira ocorrida em meados do século XVII, no litoral. Com a crise, a criação de gado se separou do engenho e começou a se desenvolver, ensejando assim a implantação de estruturas produtivas nos sertões (Silva; Ramos, 1987). A partir dessa colocação, esse capítulo visa apresentar aspectos históricos e o desenvolvimento das fazendas no Piauí, bem como explicar sua relação com a ocupação do território por: vaqueiros, fazendeiros, agricultores e camponeses na comunidade de Queimadinha Véa, ressaltando suas memórias e histórias a respeito de sua formação e consolidação enquanto território fortemente marcado pela cultura sertaneja.

4.1 Vínculos com a terra e a organização das fazendas no Piauí

A colonização do Piauí teve como principais motivações, além das necessidades econômicas de desenvolvimento da pecuária, que serviria de suporte para as áreas açucareiras, tanto como base para a alimentação quanto para transporte e força motriz dos engenhos, a necessidade de ocupação das áreas ainda não colonizadas que eram estratégicas para a Metrópole, uma vez que garantiria o domínio dessas áreas. À medida que intensificava o devassamento, era realizado também o sistema de doação de sesmarias, que consistia na

distribuição de terras pela Coroa Portuguesa² a pessoas que possuíam os recursos necessários para tornar as terras produtivas, repassando também a eles, a responsabilidade de defender essas novas terras de possíveis invasores, indígenas ou estrangeiros. Portanto, esse mecanismo vinha como forma de garantir a concentração de terras sob o domínio desses proprietários e estabelecer raízes em todo o Nordeste (Borges, 2019).

Nesse sentido, a concessão das primeiras sesmarias beneficiava principalmente os potentados baianos que começaram a ocupar toda a região. Logo, no devassamento e ocupação do Piauí, o regime das grandes propriedades em formas de sesmarias foi o que marcou de fato a história da colonização na região, diferenciando-se assim de outras regiões do território brasileiro. Entretanto, é importante frisar que o regime de sesmarias não servia ao cultivo e ao aproveitamento da agricultura, mas sim para a expansão territorial, com o aumento da área disponível para a pastagem do rebanho e, conseqüentemente, incremento do poder dos fazendeiros (Sousa, 2008).

A partir daí a pecuária teve seu principal foco de irradiação na Bahia, mais precisamente na cidade de Salvador, centro agrícola fundado em 1549 para abrigar a sede do Governo Geral. Dos arredores desse núcleo urbano, partem os primeiros criadores tocando seus gados e instalando currais rumo ao interior do Brasil, em áreas antes somente habitadas pela população nativa. Esse movimento de deslocamento, começa a atingir o curso médio do rio São Francisco ainda na primeira metade do século XVII, onde foram concedidas sesmarias e instaladas várias fazendas de gado. A partir de então, o povoamento segue em direção às margens dos rios Piauí, Canindé, Paraim e Gurguéia. Após transpor esses divisores de água do São Francisco-Parnaíba, chega também, ao lado oriental da bacia do Parnaíba, onde são instalados os primeiros currais, nos principais afluentes daquele rio. É nessa área que vai constituir-se então o território piauiense (Alves, 2003).

Durante esse processo de ocupação, o Piauí ainda se encontrava muito isolado dos centros urbanos, um dos motivos era o fato da região ter sido sempre parte integrante de capitânias. Portanto, antes do colonizador chegar e se instalar com seus rebanhos, tudo era “sertão”, os chamados sertões de dentro, que foram ocupados em decorrência da expansão baiana (Furtado, 2019). O pesquisador Southey (1965) em seu texto menciona cinco caminhos

² Esses interesses da política sesmarial da Coroa Portuguesa visava principalmente a consolidação do seu território, enquanto nas suas colônias procurava-se fornecer à Coroa produtos rentáveis que favorecessem sua economia, passou a ser um mecanismo de colonização também. Na capitania do Piauí, esse processo ocorreu paralelamente a interiorização do território, vinculada a concentração fundiária da região, vistas ao desenvolvimento da pecuária e fomento da ocupação por sertanistas sob o manto do poder dos grandes sesmeiros (Moura, 2017).

que ele nomeou de trilhas, que percorriam boa parte do Nordeste. Destas cinco, somente duas passavam pelo sertão do Piauí e desciam em direção ao Rio São Francisco, buscando a Bahia.

Dessa forma, em um documento escrito pelo Padre Miguel de Carvalho, intitulado pelo autor de *Descrição do Sertão do Piauí*, datado em 1697, aparecem descritos dois caminhos para o Sul, que passavam pelos sertões do Piauí. No referido texto, o sacerdote ressalta que essas duas rotas eram muito utilizadas pelos vaqueiros que conduziam boiadas para ser comercializadas em feiras. Esse primeiro caminho ficou conhecido como “travessia velha”, que partia do Piauí em direção a Bahia, que acompanhava o curso do Rio Piauí até alcançar a fazenda Tabuleiro Alto, localizada próxima a nascente deste rio. A partir daí, atravessava um “chapadão” que dividia as águas e chegava então ao Rio São Francisco. Já o segundo caminho, ficou conhecido como “travessia Nova” que se deslocava da cabeceira de outro rio piauiense de nome Canindé, também da mesma região que ficava localizado o Rio Piauí (Figura 13). Esta rota, seguia até a cachoeira do rio São Francisco chamada de Domingos Afonso (Mott, 1978).

Figura 13- mapa com os dois caminhos existentes no sertão do Piauí com destino à Bahia no século XVII.



Fonte: Furtado (2019, p. 31).

Nessa conjuntura, a ocupação das terras piauienses possui uma relação direta com a expansão e a conquista de terras empreendidas pela Casa Torre, instituição que foi fundada e administrada pela família Ávila, na Bahia, cujo principal objetivo era de financiar aventureiros, uma misto de apressadores de índios e conquistadores de terras destinada à pecuária para que eles desbravassem os sertões (Alves, 2003). A partir daí, dentre os sertanistas que chegaram até o território correspondente ao atual estado do Piauí, destaca-se a presença dos bandeirantes da Casa da Torre, que em 1674 ultrapassaram o Rio São Francisco e atingiram a região. Dessa forma, foi partir de 1676 que ocorrem as concessões das primeiras sesmarias de terras no Piauí, beneficiando Domingos Afonso Mafrense, Julião Afonso Serra, Francisco Dias de Ávila e Bernardo Pereira Gago. Essas terras foram doadas pelo governador de Pernambuco, Dom Pedro de Almeida. A expansão das fazendas de gado teve início com essas imensas doações feitas aos senhores da Casa Torre (Oliveira, 2007).

Os beneficiários das sesmarias possuíam poderes quase ilimitados, interferindo em todas as esferas do poder local. Os domínios reivindicados pelos potentados eram muito maiores que as concessões realmente dadas. Os sesmeiros estendiam o tamanho de suas terras de acordo com suas vontades com a certeza de que ninguém os puniria por tais feitos, de tal modo que se sentiam donos do direito de escravizar e explorar o que quisessem dentro de seus domínios (Borges, 2019).

Dessa maneira, é importante ressaltar que a ocupação das pastagens pelos gados assegurava assim a apropriação das terras pelos proprietários. Essa apropriação existia em detrimento a posses anteriores por indígenas, camponeses, e vaqueiros instalados na região, ocorrendo assim disputas entre, fazendeiros e posseiros que marcou todo o período colonial. Em vista disso, criou-se no Piauí um sistema de apropriação e produção da qual derivam as relações econômicas e sociais que marcou o sistema dos grandes proprietários de terras e coronéis das políticas (Sousa, 2008). Pensar nesse passado colonial é fundamental para compreendermos as formas de ocupação territorial que marcam nosso contexto de pesquisa em um passado mais recente.

De todo modo, as fazendas começaram a ser construídas e os posseiros que primeiramente ocuparam o Piauí e que detinham de fato a terra, foram obrigados a se agregarem os proprietários, onde fixavam principalmente a pastagens de animais e cultivavam a agricultura de subsistência (Sousa, 2008). De acordo com Lima (2016), os primeiros currais a serem conhecidos foram os situados nos domínios que originaram a primeira freguesia³, formados por

³ Neste período, outras regiões do atual território já contavam com currais instalados, a exemplo do Sul, na região de Parnaguá, e do norte da região litorânea. Na Freguesia de N.S. da Vitória, nos principais afluentes, cabeceiras

gados vindos do Recôncavo baiano e de Pernambuco. Dentre esses currais, encontravam-se os de Domingos Afonso, de alcunha Sertão, originário da Casa Torre, que já possuía fazendas nesses estados.

Esses primeiros currais, eram caracterizados por criações de gado Vacuum ou Cavalor, ou seja, criações de grande porte que era geralmente destinada ou voltada para o mercado. Outra característica, era que o gado geralmente era criado solto pela caatinga, fazendo desses locais seu local de pastagem e de reprodução. Logo, o curral funcionava como um espaço que vinculava a produção e a circulação da economia pastoril, e existiam para responder a necessidade de reprodução, comercialização e acumulação (Lima, 2016).

Outras características desses currais estava relacionado com os recursos hídricos, pois muitos deles eram construídos próximos a cursos d'água. Dessa maneira, Alves (2003), explica que esses cursos d'água se tornaram referências para a fixação dessas fazendas no Piauí, pois era nas proximidades deles que se instalaram os sítios, fazendas de gado, e a maioria das aglomerações urbanas. Deste modo, a criação de gado vacuum foi prontamente adotada como melhor solução para ocupação do sertão, uma vez que dispensava a proximidade do litoral, dava-se bem nas regiões impróprias ao cultivo da cana-de-açúcar e exigia um mínimo de mão-de-obra para seu trato. Também era pouco o capital investido e o retorno era garantido, demandava apenas: sal, água, e livre acesso às estradas. Por esse motivo, as primeiras fazendas do sertão se espalhavam ao longo dos leitos dos rios mais perenes. Nesse sentido, essa relação com a água vai empreender o movimento da vida do povo piauiense. O autor ainda destaca:

Os cursos fluviais desempenharam também um relevante papel como locais de referência para requerimentos de terras no Piauí. Era uma prática comum, desde os primeiros povoadores, instalar-se ou solicitar doações de terras ao longo dos principais rios perenes. Mesmo posteriormente, quando em 1753, o rei de Portugal reduziu o tamanho das sesmarias, que passam a ser concedidas com três léguas de comprimento e uma de largura, costumava-se utilizar a área que correspondia à largura partindo do curso de um rio ou riacho, de onde eram traçados os limites da data de terra (Alves, 2003, p. 65).

A partir disso, Mott (1978) afirma que a organização espacial da fazenda de gado piauiense obedecia ao critério da presença de água nos seus arredores, pois era nessas proximidades que se instalavam a sede dessas fazendas, os currais, e todo o material e equipamentos necessários para a lida com o gado. Logo, era feita toda essa preparação das terras para a implementação de reservatórios de água, como por exemplo: lagoas, barragens,

e confluências era possível identificar 129 fazendas junto aos rios Canindé, Poti, Itaueira, Longá e parte do Gurgueia (LIMA, 2016).

poços, cisternas e cacimbas. Nesse período, a fazenda⁴ consistia em uma unidade econômica e social de produção diversificada, compreendendo a criação de gado vacum e cavalar, bem como, a produção de alimentos de subsistência, a produção de açúcar, algodão e fumo, ou seja, ao mesmo tempo que se criava gado se praticava a agricultura para o mercado, dessa produção se retirava para o consumo dos trabalhadores escravizados e para os administradores. Nesse quadro, o Historiador Solimar Lima (2016), destaca as fazendas, enquanto unidade produtiva, que foi fundamental para sua organização social:

A fazenda esteve diretamente vinculada à organização da sociedade piauiense e, durante três séculos, pode ser considerada responsável pela unidade do território e de diferentes interesses – da Coroa (portuguesa brasileira), das autoridades (coloniais e imperiais), e da elite local latifundiária escravista. Essa unidade se assentava, para além de várias outras, na importância da economia pastoril para a oferta do alimento. O avanço do pastoreio no território piauiense, desde sua gênese, orientou-se pela satisfação de base alimentar do mercado regional (Lima, 2016, p. 12).

Com o fim do período colonial, novas questões surgiam para a consolidação de um Brasil independente, como a criação de uma primeira constituição e de todo um aparato burocrático para o Império emergente. Surge então uma importante demanda relacionada ao tratamento que seria dado às terras a partir do fim do sistema de sesmarias. A Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, ou simplesmente Lei de Terras, é resultado desse processo, orientando uma política que em princípio afastava escravizados, imigrantes e trabalhadores pobres livres do acesso à terra, em benefício de uma elite agrária politicamente consistente e determinando que as chamadas terras sem uso, ou gerais, como se expressava na época, passariam à condição de devolutas e ficariam sob a tutela do Estado (Borges, 2019).

Surge então, o fenômeno do Coronelismo que compreende um período de formação política e social que se configurou a partir da figura dos coronéis. A expressão, Coronelismo, vem da patente de coronel que corresponderia a comando municipal ou regional. De um modo geral, define-se coronel como um indivíduo de prestígio político e, geralmente ligado a posse de terras, no Piauí, muitos deles exerciam as funções de grandes fazendeiros e que tinha muitas propriedades (Costa; Santos, 2023).

Durante esse período, o sistema coronelista era caracterizado pelo enorme poder concentrado em mãos de um poderoso chefe local, geralmente um grande proprietário, um dono de latifúndio, um fazendeiro ou senhor de engenho. O poder dos coronéis, consistia em controlar os seus eleitorados, ou seja, todos os eleitores eram obrigados a votar sempre em

⁴ Nos dias atuais as fazendas consistem em propriedades rurais maiores com diversas estruturas para produções agrícolas, além da sede, outros elementos fazem parte da mesma, como por exemplo: áreas de criações de animais, imensas roças com máquinas que ajudam no trabalho, equipamentos para a lida com a terra, funcionários, além de outras construções (MELO, 2021).

candidatos impostos pelos coronéis, tal voto ficou conhecido como voto de cabresto. Logo, os mesmos se beneficiavam sobre o poder das classes mais baixas para negociar votos com grupos políticos e com isso prejudicava a organização administrativa que vigorava, colocando os latifúndios em poder dos mesmos (Costa; Santos, 2023).

Daí em diante, no Piauí consolidou-se uma estrutura fundiária fortemente marcada pelo latifúndio: tipo de propriedade rural pertencente a um senhor, que assumia funções do estado, cuja principal atividade desenvolvida era a pecuária e outra parte do lote era destinada à subsistência ou então deixada em abandono. Desse modo, a sociedade piauiense na primeira metade do século XIX estava estratificada em categorias nitidamente definidas e o elemento definidor era a posse de títulos fundiários (Brandão, 1995). Nesse sentido, a resolução contida na Lei de Terras que beneficiavam os sesmeiros, que mesmo não cultivadores se consagraram proprietários de terras, acirrando ainda mais os conflitos contra os posseiros⁵.

Nesse viés, a demarcação das terras é um problema que se estende desde meados do século XIX até o início do século XX. A demora e a ineficiência do poder público tornaram-se prejudiciais tanto para suas próprias receitas, deixando de lucrar com os possíveis arrendamentos das terras, como principalmente para os trabalhadores rurais que não tiveram a oportunidade de conseguir um lote de terras próprias para cultivar e estabelecer suas famílias, problemática bastante presente nos dias atuais. Logo, sem a facilidade em obter terras propícias para trabalhar, esses trabalhadores eram obrigados a se sujeitar aos mandos e desmandos dos fazendeiros⁶ (Borges, 2019).

A partir dessas colocações, pode-se observar o grande potencial do Piauí com relação a dispersão desses tipos de propriedades, o que consolidou de maneira efetiva essas primeiras ocupações. Ressalto, que a distribuição dessas fazendas de gado, influenciou em grandes partes das localizações das primeiras cidades do Piauí, pois a maioria possui essas características de localização próximas aos chamados “cursos d’água”. A cidade de São Raimundo Nonato por exemplo, que é o foco desta pesquisa, os primeiros núcleos urbanos, casas e vilas que surgiram eram inicialmente construídas preferencialmente e intencionalmente próximas aos pequenos rios, riachos, córregos e nascentes d’água, o que culminou na grande quantidade de propriedades criatórias distribuídas em todo o território. No tópico abaixo, será explanado e

⁵ Os posseiros consistiam em pessoas que detinham de fato as terras, ou seja, eram quem construíram suas residências, trabalhavam e cultivavam as mesmas (Lima, 2016).

⁶ No período colonial os fazendeiros consistiam em ‘senhores de terras’, gados e escravos, e também de uma milícia de vigilância e defesa, viviam sempre em rivalidade e procuravam demonstrar força, poder e riqueza (Lima, 2016). Já nos dias atuais, o fazendeiro consiste em produtores rurais que são responsáveis pela produção de alimentos e matérias-primas que movimentam a economia (Melo, 2021).

exposto todo esse contexto histórico atrelado a construção de fazendas e pequenos currais na região.

4.2 São Raimundo Nonato e sua relação com as primeiras fazendas da região

Em meados de 1832, o local onde se localiza a cidade tinha sua sede no lugar chamado Confusões que se localizava no extremo poente de seu território. Mais tarde, este recinto foi elevado a distrito Eclesiástico com o nome de Freguesia de São Raimundo Nonato. As terras que pertencem hoje aos municípios de Caracol, Canto do Buriti e São João do Piauí faziam parte dessa freguesia. Dessa forma, a Freguesia permaneceu neste local por cerca de quatro anos quando foi transferida para a chamada Fazenda Genipapo em 1836, cuja população dedicava-se a lavoura e a pecuária. Foi somente por volta de 1850 que a Freguesia foi elevada à categoria de Vila, mantendo a mesma denominação da sede. Mais tarde em 1912, São Raimundo Nonato foi emancipado e passou a condição de cidade (Oliveira, 2013).

Em termos históricos, com relação aos povos que já habitam as terras desta região, podemos destacar diversidade de povos indígenas na região sudeste do Piauí, a mesma esteve relação com os Pimenteiras, grupo mais citado na documentação do arquivo do Piauí, localizado a partir do século XVIII, e em guerra com os colonizadores. Dessa forma, os Pimenteiras começaram a aproximar das cabeceiras do Rio Piauí, e essa terra ocupada pelos grupos indígenas poderia corresponder a atual região localizada entre Caracol, São Raimundo Nonato e o Rio São Francisco. Por sua vez, algumas testemunhas afirmam que o grupo já estava há algum tempo na região, desde quando começaram a surgir as primeiras fazendas (Oliveira, 2007).

O rio Piauí, é um rio temporário que nasce na cidade de Caracol e passa por São Raimundo Nonato e São João do Piauí, onde o processo de povoamento e dispersão dos indígenas que habitavam a região está intimamente ligada à beira desse rio, foram construídas habitações e também deixado parte de sua cultura material (Rocha, 2019). Foi, portanto, nas margens desse rio que foram construídas muitas fazendas, e onde boa parte da população desenvolvia a prática da pecuária e agricultura de subsistência. Em muitas das pesquisas realizadas aqui na região por historiadores e arqueólogos isso fica bastante evidente. Esses cursos de água por exemplo, influenciaram na distribuição espacial dessas fazendas, caracterizadas pelas grandes extensões de terras, marcadas também por lutas pela posse de terras entre sesmeiros e posseiros que ocupavam este local.

De acordo com Oliveira (2007), essa região sudeste do Piauí, encontrava-se neste meio, como um local propício a criação de gado. Dessa maneira, a instalação dessas fazendas de gado

na região constitui-se o principal mecanismo de ocupação e distribuição do espaço. Desta forma, a autora ainda destaca que as margens do Rio Piauí, encontravam-se localizadas de acordo com Pe. Miguel de Carvalho, 21 fazendas com 74 habitantes. Nas proximidades desse rio foram encontrados muitos vestígios de sua cultura material, como por exemplo: ranchos, além de potes e panelas de cerâmica.

As guerras entre indígenas e colonizadores foram ficando cada vez mais constantes nesse território. Um desses conflitos aconteceu sob o comando do Coronel José Dias Soares na bandeira organizada na região Sudeste do Piauí, demonstrando o interesse em habitar o local. Pressionados pelos invasores, os indígenas foram se afastando cada vez mais para o Sul do estado, sempre seguindo as margens do Rio Piauí. A última batalha entre os grupos aconteceu justamente onde é hoje localizada a cidade de Caracol, e em 1815 o governador deu a colonização como encerrada, e os comandantes começam a fundar muitas fazendas (Rocha, 2019). Viana (2018), mostra através de suas pesquisas que os Pimenteiras resistiram a esses conflitos, pois muitos deles passaram a trabalhar nessas fazendas, sendo escravizados, exercendo muitas vezes a função de vaqueiros.

A partir daí, nesta região foram fundadas várias fazendas nos arredores que compõem hoje o município e a maioria das famílias viviam da criação de gado (vacun e cavalar), e da lavoura. Em vista disso, as primeiras fazendas formadas no referido local estariam ligadas ao uso da mão de obra escravizada, destacando-se nessas ocupações as principais atividades desenvolvidas. Dessa maneira, os serviços executados nessas propriedades eram executados pelos escravos e indígenas que ocupavam o território. De acordo com Viana (2018), esses trabalhos eram realizados nas roças de plantações, na labuta e lida com o gado, e dos afazeres domésticos. Em geral, as fazendas não eram administradas por seus proprietários e sim por arrendatários ou vaqueiros. A mão de obra escrava sustentava a manutenção desses latifúndios. Logo, os trabalhadores escravizados eram responsáveis por várias etapas do cultivo, desde a limpeza das terras para começar a plantar e colher. Dessa maneira, começavam a derrubada da caatinga seguida pelas queimadas a construção de cercas.

Uma das primeiras propriedades formadas nessas imediações foi a Fazenda São Victor, onde seu proprietário foi José Antunes Piauhylino de Macedo que dispunha de 21 trabalhadores escravizados. Esses que exerciam variadas funções dentro destas propriedades, desde os trabalhos nos roçados, na lida com o gado, até as funções de vaqueiros, sapateiros e costureiras. Logo, esses trabalhadores escravizados eram responsáveis por várias etapas do cultivo, desde a limpeza da terra para plantar e a colheita. Alguns escravos dessa referida fazenda, viviam na Senzala e outros em casas construídas pelos negros nas proximidades da Casa Grande. Portanto,

no entorno da sede da fazenda se formou, assim, o povoado mais antigo do Quilombo Lagoas: a comunidade São Victor (Vieira, 2017).

Outras fazendas construídas na região foram abordadas nas pesquisas de Negreiros (2012). Em seu trabalho na região, o pesquisador apresentou as principais propriedades fundadas neste local. Dentre essas, destacam-se: Água Verde, Almas, Sítio da Aldeia, Caiçara, Conceição, Taboleiro Alto, Onça, São Lourenço, Caraíbas, São Vitor e Cavaleiro. Neste trabalho, o autor buscou identificar e caracterizar essas fazendas a partir de mapeamentos, análises de documentos históricos, e da cultura material encontradas em seus entorno e arredores. Como resultado o arqueólogo trouxe essa relação com os povos indígenas e escravos que habitaram esses locais, destacando também as atividades econômicas que deram início a formação do território piauiense.

Ainda dentro desse contexto, as fazendas de “criar gado” no Piauí no século XVIII, e XIX, o trabalhador escravo era quem exercia a função de vaqueiros, nas diferentes labutas e serviços exigidos pela pecuária. Entre esses, destacavam-se os vaqueiros cabeças de campo, vaqueiros guias, tangedores e peadores. Já as mulheres escravas em geral exerciam outras funções como: amansadoras de animais, curraleiras, e cuidadora de animais de pequeno porte como: cabras, porcos, galinhas e ovelhas (Viana, 2018).

Nesse viés, os vaqueiros cabeça-de-campo, por exemplo era responsável pelo rebanho e era auxiliado pelos vaqueiros guias, tangedores e peadores. Dessa maneira, a função de vaqueiro foi proposta como alternativa para a administração das fazendas pastoris. Logo, essa característica foi bastante predominante nos anos desta ocupação e permanece até hoje. Assim como a função de criador, a de vaqueiro preposto era ocupada por homens de confiança da casa senhorial (Lima, 2016).

No século XIX nessas fazendas da região, começaram a se desenvolver os chamados “roçados”, que eram destinadas as plantações de feijão, milho, arroz, fumo e mandioca. Nos inventários da região de São Raimundo Nonato que foram analisados, aparecem com frequências a cultura material usadas nesse contexto, por exemplos: machados, foices, cavadores, alavancas, e instrumentos para a construção de cercados (Viana, 2018). Logo, nessas fazendas, a mandioca era usada nas chamadas “farinhadas”, sendo colhidas nas roças e levadas para a casa de farinha, onde era transformada em tapioca e farinha. Viana (2018) ressalta que essas casas de farinhas que ficavam nas fazendas eram construções cobertas por palhas, ou telhas, sustentadas de madeira. Nesse sentido, montar uma casa de farinha não era um investimento barato, geralmente eram construídas em propriedades maiores.

Nesta região marcada por várias fazendas e construções históricas, nasce uma fazenda denominada de Fazenda Genipapo, que foi responsável pela origem do atual município que essa pesquisa se insere. Dessa forma, o território de Queimadinha Véa faz parte dessa propriedade, cuja foi desenvolvida ainda no século XIX. A data Genipapo⁷ que deram origem ao município de São Raimundo Nonato faz parte das concessões de sesmarias do Brasil Colonial. Suas demarcações se estendem ao Norte com as datas ‘Serra’, “Vereda “e parte do Boqueirãozinho, ao Sul com as datas ‘São Lourenço’ e “Canário” e ao Leste com as datas Curimatá e Serra Nova, e ao Oeste com a data Santo Antônio, todas deste município. Logo seu ponto de partida, se estabeleceu em um marco denominado de ‘Marco do Morro do Garrincha’ que serve de divisão da data Genipapo ‘Serra e Boqueirãozinho’. Esse morro foi construído em pedra e cal com 70 cm de altura aproximadamente.

De acordo com Matos, Mutzenberg e Cisneiros (2017), essa localidade denominada de Genipapo no ano de 1860, era um centro populacional com ruas alinhadas, feira semanal e a Igreja Matriz em construção. Dessa forma, encontrava-se localizada em uma área de baixões e veredas às margens do Rio Piauí com terras férteis que se estendiam por vários locais onde ficam localizadas muitas comunidades rurais deste município, incluindo Queimadinha⁸. Em um memorial⁹ evidenciado no laboratório de História da UESPI, cita que as terras pertencentes a Fazenda Genipapo eram 40% destinadas a plantações de cereais, 50% era destinado a pecuária, e 10% era destinada a produções extrativistas naturais que era a maniçoba. Nas imediações desse local foi construída a sede da Fazenda Genipapo, ali próximo onde hoje se encontra a Praça Comendador Piauilino. De acordo com Oliveira (2007), não há fontes que precisem o ano exato de construção da sede da Fazenda Genipapo, a mesma apresenta com o registro mais antigo o de 1844, como propriedade de Manoel Pereira dos Santos, em 1855 a propriedade passou a pertencer Angela Liberato Café. Hoje a antiga sede da fazenda é dividida entre dois proprietários: Diolinda Ruben de Macedo e os herdeiros de Hipólito Reis Soares (Silva *et al.*, 2013). Nas palavras de Franco (1977) esse local era caracterizado (Figura 14):

A povoação, que foi antiga aldeia de índios, teve como um de seus primeiros habitantes o proprietário da fazenda Genipapo, que escolheria o lugar por algumas vantagens apresentadas, inclusive as proximidades de alguns baixões, próprios para a lavoura e pastagens. A influência baiana no povoamento da região foi muito importante pela proximidade do Rio São Francisco, que dava acesso às entradas e

⁷ Informações presentes no Memorial descritivo de São Raimundo Nonato em 29 de novembro de 1943.

⁸ Este local denominado de Fazenda Genipapo, apareceu bastante nas narrativas dos colaboradores desta pesquisa, que afirmaram que boa parte das terras de Queimadinha Véa se localizavam neste local. E em alguns dos inventários encontrados no laboratório da UESPI, citavam essa fazenda que compreendia também as terras de Queimadinha.

⁹ Informações presentes em um memorial que está guardado no Laboratório de História da UESPI. Data deste documento: 29 de novembro de 1943.

saídas de mercadorias e gêneros de produção da região [...] Ligando-se os fatos, antecedentes, fica-se sabendo que a criação do novo município é uma consequência das lutas entre jesuítas, sesmeiros e posseiros, com extinção dos índios, donos primitivos das terras [...] De fazenda em fazenda o município foi-se povoando, de modo que, à época de sua emancipação, assinalava-se notável pela população, riquezas naturais e acidentes geográficos, e especialmente pelo clima ameno, numa área que o coloca entre os maiores do estado (Franco, 1977, p. 76).

Figura 14- Sede da Fazenda Genipapo.



Fonte: Santos Junior (2017).

Dessa maneira, foi a partir dessa fazenda denominada de Genipapo que Queimadinha Véa foi fundada, baseando-se também no modo de vida local que estabeleceu entre os séculos XVIII e XIX. Em um trabalho que realizei na Comunidade de Queimadinha no ano de 2019, eu pude perceber essas relações no decorrer da pesquisa. Entre os primeiros moradores desta comunidade estão: vaqueiros, agricultores, camponeses que trabalharam nas primeiras fazendas e nas roças que foram construídas na formação desta comunidade. Logo, isso demonstra mais uma vez a relação histórica das pessoas que moram neste local com as demais atividades que se desenvolveram durante o Piauí colonial e que foi responsável pela criação dos primeiros núcleos urbanos da região. Dessa maneira, meu objetivo no tópico seguinte desta dissertação, é contar um pouco da história da comunidade antes chamada de “Queimadinha Véa” e que deu

início a formação de mais duas comunidades nesse território: Garça e Queimadinha, ressaltando suas relações com as primeiras fazendas formadas neste local.

4.3 “Antigamente o povo perguntava”: Queimadinha de quem? Entrelaçando Histórias e Memórias na comunidade

O município de São Raimundo Nonato-PI, principalmente a maioria de sua população como foi citada anteriormente no contexto histórico da região, tem relação direta com a expansão da pecuária que se desenvolveu no Piauí por volta do século XVII. Por esse motivo, a cidade se tornou um dos lugares fortemente marcado pela construção de fazendas, e pela presença de vaqueiros, agricultores e também camponeses. Logo, a comunidade na qual essa pesquisa se desenvolveu não é diferente, a mesma consiste em um local fortemente marcado por tais trajetórias. Nesse sentido, o objetivo desse tópico é explanar a história de como “tudo começou e aconteceu” na referente localidade, para então entender seu processo de formação enquanto um território marcado pela forte influência da pecuária bovina e demais estruturas fundiárias que se desenvolveram a partir delas.

Nesse cenário, me apoio nas premissas defendidas por Zedeno (1997), ao ressaltar que para resgatar e entender o processo de ocupação de um lugar é necessário procurar compreender as relações históricas que se configuraram no local. Essas que por sua vez, se configuram a partir da relação entre os seres humanos e a paisagem. Logo, a autora vai entender a paisagem enquanto um ponto de referência que tem sentido a partir da memória e das diversas modificações que ocorreram ao longo do tempo. Para a autora, são as pessoas, os recursos naturais e as materialidades que permitem rememorar essa integração espacial e temporal. São, portanto, as histórias de vidas que transformam esses locais, e é também a forma como essas populações lidam com a terra que é possível entender tais aspectos. Nas palavras de Zedeno (1997) “Essas interações e atividades incluem não apenas o uso afetivo da paisagem, mas também as relações da terra e seus recursos”.

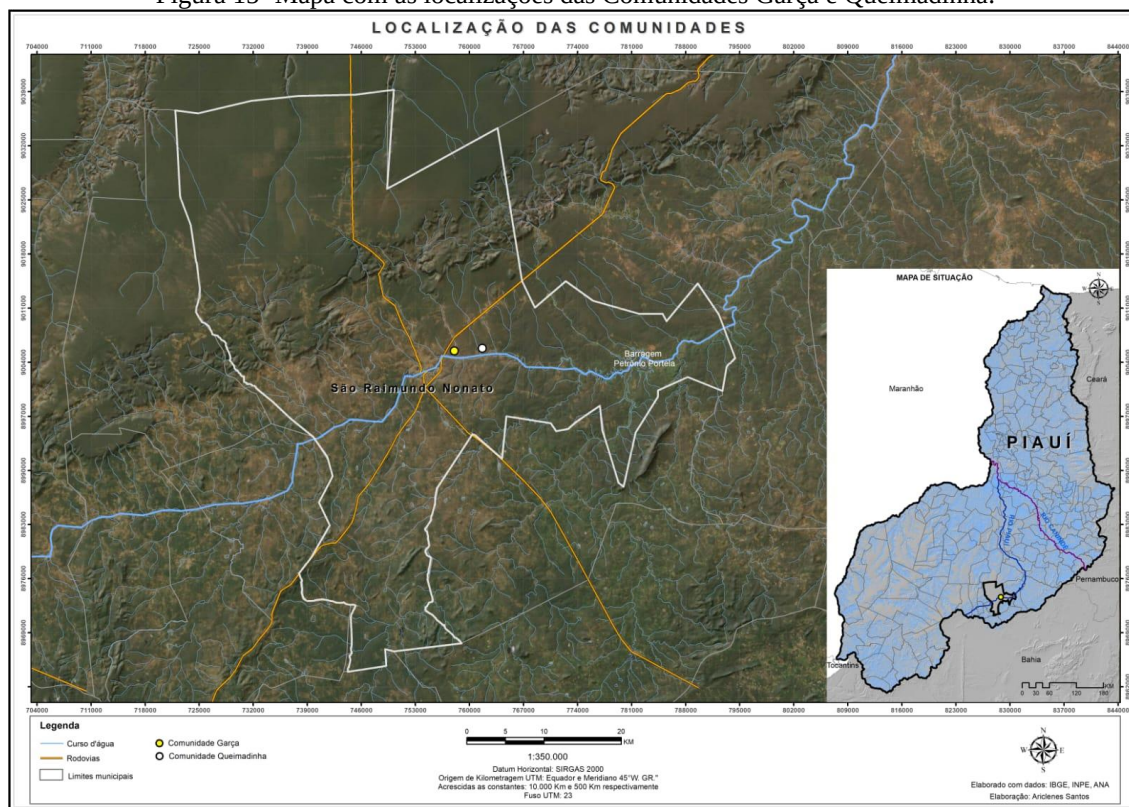
Dessa maneira, busquei através desses preceitos, entender o processo de ocupação do território de Queimadinha, através das memórias e suas histórias. Logo, é através dos relatos e das diversas trajetórias de vida que se estabeleceram neste local que é possível compreender os fatos. O território não diz respeito somente à materialidade do espaço, pois existem as relações sociais. Nesse sentido, quando falo em território, não me refiro em algo acabado ou fixo, descrevo como uma construção que está em constantes transformações (Godoi, 1999).

A comunidade de Queimadinha Vêa está localizada a cerca de 10 km do perímetro urbano da cidade de São Raimundo Nonato-PI, e encontra-se situada na zona Rural deste município. Seu nome, segundo o Senhor Padre Herculano¹⁰, faz referências às diversas queimadas realizadas nessa área, principalmente nos locais de plantio. A área assim como as demais localidades pertencentes a região é predominada pela vegetação caatinga arbórea e arbustiva, ou seja, formadas por plantas de pequeno porte. Seu clima é tropical semiárido e quente, com longos períodos de seca que podem durar entre sete a oito meses ao ano, deixando a caatinga extremamente cinza. Além disso, com relação ao seu contexto geológico a mesma apresenta solos litólicos eutróficos e solos cálcicos e latossolos de cores vermelho-amarelados, associados com elevação de serras, morros e colinas (Aguiar; Gomes, 2004). Inserida nesse ambiente, Queimadinha Vêa desenvolveu-se baseada na pecuária e na agricultura familiar, pois tal disposição ambiental acarretou em um modo de vida baseado nessas atribuições.

Dessa maneira, a região onde se encontra localizado a microrregião de São Raimundo Nonato possui alguns recursos hídricos entre esses estão: o Riacho São Lourenço, o Poço Subterrâneo da Serra Branca e a Barragem Petrônio Portela que abastecem toda a área e as cidades vizinhas (Aguiar; Gomes, 2004). Nesse sentido, a comunidade de Queimadinha não é diferente, a mesma fica localizada próximo a Barragem Petrônio Portela que é popularmente conhecida por Barragem da Onça. Queimadinha é um local imensamente marcado por recursos hídricos, pois para se chegar ao local passa por cerca de cinco riachos, esses comumente conhecidos por: Riacho do Guerra (primeiro riacho), Riacho do Doutor Caio (segundo riacho), Riacho do seu Gori (terceiro riacho), Riacho do Zé do Viva (quarto riacho) e o Riacho da comunidade que os moradores denominaram de Passagem. Todos esses nomes estão relacionados com os moradores que residiam próximos a esses locais e foram batizados com esses nomes pela população (Figura 15).

¹⁰ Ex prefeito da cidade de São Raimundo Nonato e colaborador desta pesquisa.

Figura 15- Mapa com as localizações das Comunidades Garça e Queimadinha.



Fonte: Santos (2022).

Em algumas pesquisas realizadas na região de São Raimundo Nonato-PI, englobaram a comunidade de Queimadinha véa, essas foram feitas respectivamente nos anos de 2006 e 2020.

Felice (2006), realizou uma investigação gearqueológica e palioambiental em algumas comunidades rurais da cidade e englobou a localidade de Queimadinha. Em seu trabalho a autora identificou alguns sítios arqueológicos relacionados com a Pré-História na estrada da comunidade, onde constatou grandes quantidades de seixos de quartzo e material lítico de sílex, além de vestígios de fogueiras, que provavelmente poderia fornecer a cronologia da ocupação das margens do Rio Piauí. A mesma denominou esses achados com o nome Sítio Arqueológico Estrada de Queimadinha. Dessa maneira, esses estudos demonstraram o potencial arqueológico do local.

Já Silva *et al.* (2020), realizaram pesquisas em alguns povoados rurais de São Raimundo Nonato, entre esses estava Queimadinha, onde objetivaram entender o uso e a importância do mandacaru na alimentação do gado, no período de estiagem. Dessa maneira, as autoras entrevistaram os agricultores da comunidade procurando entender a possível utilização dos mesmos. Logo, trouxeram a relevância dessa planta para a alimentação desses animais e que é bastante usado nas forrageiras e de baixo custo suprindo as necessidades dos rebanhos e as deficiências das pastagens verdes no período de seca na região. Dentre os entrevistados, os

porcentuais foram de 93,8% dos agricultores que usam o mandacaru na alimentação dos animais. Esse estudo mostrou, que deste muito tempo até os dias atuais, a localidade de Queimadinha é fortemente marcada pela pecuária bovina, e que a mesma ainda é uma forma de subsistência e de sustento de muitas famílias que moram no local.

Comecei esse tópico com a frase “Queimadinha de quem?” Porque durante a pesquisa e encontros com o pessoal da comunidade foi a frase que mais escutei entre as narrativas das pessoas, principalmente entre as pessoas mais velhas que ao se recordarem do passado sempre falavam essa frase, como uma forma de se referir aos primeiros moradores do povoado. Chamou bastante a minha atenção essa narrativa pois não escutei apenas de uma única pessoa, essa era uma forma que os colaboradores acharam de se situar entre esses locais, ou seja, Queimadinha não era só em um único espaço, para eles esta comunidade se estendia pelas casas e as pessoas que moravam ali por volta do século XX. Naquela ocasião qualquer pessoa que chegasse na localidade e perguntasse pela localização da mesma era surpreendido por essa pergunta “Queimadinha de Quem? E a resposta vinha com o nome de duas famílias bastante conhecida na região, a família Negreiros e a família Miranda. Esse então foi o ponto de partida para construir juntamente com os moradores a história desse território, pois essas conexões foram importantes para essa pesquisa porque trouxe a possibilidade de entender quem eram essas pessoas, de onde vieram e como viviam na comunidade.

Apesar de terem referências históricas que colocam a ‘origem da comunidade’ com as primeiras casas no século XIX, observei que no contato com os moradores locais essa memória é reconfigurada, e essa origem é entendida como mais recente. Logo, isso faz sentido quando Polak (1992), diz que a memória é a reconstrução do passado e da nossa realidade, ou seja, a mesma é um fenômeno construído, organizado a partir do presente, ou seja dentro desse contexto, independente de quem tenha chagado ‘primeiro’ neste território as memórias se tornam pontos de partida importantes para entender as novas configurações que são dadas ao território a partir dos significados que indicam o sentimento de pertencimento das pessoas que recordam.

Conversando com meus familiares, minha avó Maria Alcione que mora nesta comunidade a mais de cinquenta anos me falou que o senhor Pe. Herculano de Negreiros a procurou um tempo atrás pois estava realizando uma pesquisa sobre a família Negreiros, foi aí que ela me aconselhou a procurá-lo pois ele estava pesquisando e tentando construir a história da nossa família e poderia me ajudar bastante nestas questões. Dessa maneira, marquei uma conversa com o senhor Pe. Herculano no Santuário das Mercês que fica localizado no Bairro Aldeia deste município. Esse encontro aconteceu em dois momentos e em dias diferentes,

conforme a disponibilidade do colaborador. Ao chegar no local, me apresentei a ele como pesquisadora e arqueóloga formada pela Univasf, e disse que estava fazendo mestrado na área. Depois disso, expliquei sobre o meu tema de pesquisa e perguntei a ele se poderia me ajudar, a resposta que ouvi foi essa “Amanda sua pesquisa me interessa muito”.

Senhor Pe Herculano¹¹ me contou, que já estava algum tempo pesquisando a origem de sua família e que já havia viajado por muitos lugares do Brasil na busca por evidências da ocupação desse núcleo familiar na região. As informações que foram colocadas a seguir, são resultados de longos períodos de pesquisa realizados por ele. De acordo com ele, já conseguiu levantar e construir boa parte da árvore genealógica desta família, visto que esse tem sido um dos objetivos maiores da composição de seu livro que ainda está em fase de finalização. Ao seguir por esse caminho, Pe Herculano relatou um pouco da trajetória dos Negreiros nesse município bem como a relação com a comunidade de Queimadinha. A fala de Pe. Herculano, mostra que os Negreiros têm sua origem na Bahia, mais precisamente na cidade de Jacobina, e conta que esse grupo familiar já estava pelas redondezas da região de São Raimundo Nonato no século XIX por volta de 1832, trabalhando nas profissões de cacheiros viajantes e vendedores ambulantes (Figura 16). Dessa maneira, essa parentela adentra na região nesse período e começa a comercializar suas mercadorias com os Coronéis aqui da região, entre esses estava os: Menezes, Dias, Ferreiras, e os Castros:

Veja só Amanda a história de Queimadinha tem muito a ver com a família Negreiros, os Negreiros essa família ela é oriunda da Bahia, desde o século atrasado que já os Negreiros, vindo daquela região de Jacobina que era onde eles moravam, eles impulsionaram aqui a nossa região na forma de cacheiros viajantes, eles saiam da Bahia, atravessando o São Francisco onde é hoje Casa Nova, descia ali pela Serra Dois Irmãos e então entraram aqui no antigo povoado chamado de Jenipapo. Percorria toda essa área aqui até as Confusões. Isso em 1832 já havia essa movimentação toda dessa família nossa, a família Negreiros percorrendo esse chão aqui na forma de vendedores ambulantes, o tempo foi passando e como lá no garimpo a situação deles favorecia justamente por trabalhar na garimpagem de extrair pedras preciosas, eles passaram a comercializar com os coronéis aqui da região, esse material de riqueza que eles traziam de lá. Aqui em São Raimundo Nonato já era habitada pelos famosos coronéis cuja as descendências são muito conhecidas em São Raimundo. Posso citar: Coronel José Dias, Desembargador Menezes, os Menezes, os Dias, os Ferreiras, e os Castros, etc. (José Herculano de Negreiros, 79 anos).

¹¹ José Herculano de Negreiros, 79 anos. Entrevista realizada em 20/12/2022

Figura 16- Conversa com Pe. Herculano.



Fonte: Acervo da autora (2022).

A partir daí, através da comercialização desses produtos tanto as pedras preciosas que eram o que eles de fato vendiam, quanto o gado que era produzido aqui em São Raimundo Nonato que eram levados para serem comercializados nos locais onde eles moravam inicialmente, foi de fato o que levou ao fortalecimento de vínculos com o município. Durante essas trocas ocorridas entre os anos de 1860, os mesmos foram se interessando cada vez mais por habitar essas áreas, e foi a partir desse momento que houve a primeira tentativa de compra e venda das terras desse espaço. Nas palavras do senhor Pe Herculano, era a Casa Torre que era responsável pela distribuição de terras do local, e foi justamente uma dessas famílias latifundiárias da região os chamados “Menezes” que iniciaram essas trocas, assim os Negreiros ocupam principalmente o antigo povoado denominado de Jenipapo e as imediações do Rio Piauí.

Já por volta de 1860 e 1870 do século atrasado, então eles já resolveram vir morar aqui, e não se interessava porque traziam produtos de lá para vender aqui nessas redondezas, como também levavam daqui gado para vender lá naquela região da Bahia, do lado do São Francisco, então na verdade eles terminaram fazendo uma tentativa de compra e venda e vierem portanto comprar uma boa parte da região de São Raimundo Nonato, que aliás é pela Casa da Torre que seria uma dessas determinadas famílias latifundiárias da região, mas eles fizeram trocas mais concretamente com os Menezes, e ocuparam as terras justamente que ficam da saída de São Raimundo Nonato, de onde tinha o antigo Povoado da cidade chamado de Jenipapo lá em baixo no Rio Piauí como o Baixão da Vereda (José Herculano de Negreiros, 79 anos).

As terras que hoje englobam o território de Queimadinha Vêa, foram ocupadas por esta família pois muitos descendentes dos mesmos ainda vivem neste local. De acordo com Pe Herculano e suas pesquisas relacionadas com seu núcleo familiar, foi a partir da década de 1860 que os Negreiros vieram de forma definitiva para morar e construir suas residências nesta região. O primeiro descende da família Negreiros¹² que chegou na cidade foi o senhor Manoel Felipe de Negreiros, que se casou duas vezes e sua primeira esposa se chamava Benedita Maria de Brito, e a segunda se chamava Eufrázia Maria de Brito, ambas irmãs pertencentes à mesma família. Os casais tiveram 8 filhos, entre esses: Luiz Antônio de Negreiros, José Ricardo de Negreiros, Cosma Maria de Negreiros, Francisco José de Negreiros, José Luiz Ferreira de Negreiros, José Cesário de Negreiros e Damiana Maria de Negreiros Brito, que foi morar em Queimadinha quando se casou, dando origem os primeiros descendentes desse território.

Desta maneira, eles começam ocupando as áreas que compõem os locais denominados atualmente de Junco, que é um bairro pertencente a essa cidade, que fica na saída para a comunidade de Queimadinha, Garça, e o Povoado Onça. Outros descendentes deste grupo, ocuparam outros locais do território as chamadas “Lagoas” entre essa está a Lagoa de Fora comunidade pertencente a este município, onde Serapião de Negreiros constituiu sua família. Segundo as informações contidas na árvore genealógica dessa família, esses primeiros grupos da prole de 8 filhos, foram se casando e indo morar em outros locais da cidade. Na estrada que dá acesso a localidade de Queimadinha foram sendo habitadas e deram início as primeiras ocupações dessa região, formando assim as primeiras comunidades para aqueles lados que hoje são denominadas de: São Pedro, Garça, Queimadinha e parte do povoado Onça:

Então de lá para baixo na beira do Rio Piauí, eles adquiriram e compraram aquelas terras em mais ou menos 1866 e em 1875 eles resolveram vir em tropa já o grupo todo da Negreirada que morava em Jacobina e se alojaram por ali. Ficaram ladeando o Rio Piauí naquela direção justamente começando ali da saída da cidade, Junco, já entrando praticamente na Garça, desci para Queimadinha e sobe mais e vai até lá onde fica as Margens da Petrônio Portela, conhecida como barragem da Onça. Então foi por aí que eles começaram a habitar essa região toda, de tal maneira que os ascendentes mais próximos, como nossas bisavós meu e da sua mãe Aurení, etc, todos eles já nasciam por aí (José Herculano de Negreiros, 79 anos).

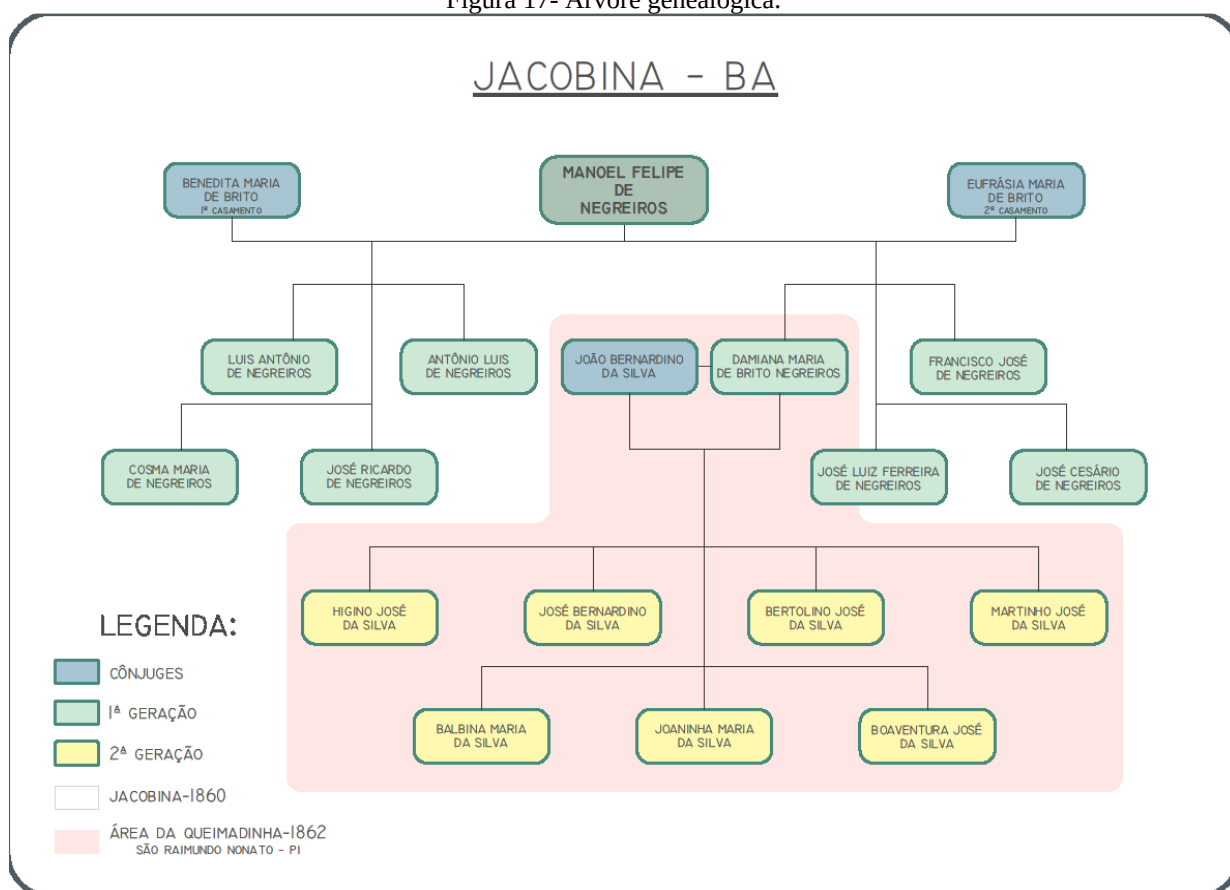
Daí em diante, Serapião descendentes dos Negreiros povoa o território denominado de Lagoa de fora, e os demais membros desta família se espalham pelas demais áreas de São Raimundo Nonato. Conforme a árvore genealógica desta família, Damiana Maria de Brito

¹² Informações pertencentes a árvore genealógica da família Negreiros, documento pertencente ao senhor Pe. José Herculano de Negreiros.

Negreiros¹³ se casa com João Bernardino da Silva, e dessa união nasceu 7 filhos que passaram a residir neste local ocupando boa parte da área onde situa Queimadinha. Senhor Pe Herculano, relatou que ainda está em busca de outros parentescos para compor a árvore genealógica pois a mesma ainda não está finalizada, e que tem sido uma missão difícil (Figura 17). O mesmo relatou:

O velho Serapião que ocupou a região que fica ali saindo justamente da margem do Rio Piauí, subindo lá para dentro já na direção do Sul, onde hoje fica as famosas Lagoas, a Lagoa de Fora, Lagoa de Cima, Lagoa do Canto, Lagoa da Seriema, e outras tantas lagoas. O Serapião habitou para lá e outros ficaram justamente nessa região que é essa que você falou da Garça e da Queimadinha. De tal maneira que são os primeiros habitantes dali. Cada um ganhou sua porção de terra, foi misturando-se e se espalhou de tal maneira que de repente se misturou e uns ficaram aqui e outros para lá para o lado de Remanso, e outros ficaram na nascente que é o que eu falei que é a Garça e Queimadinha, etc, E dessa forma você é de um tronco, e eu de outro, mas todos descendentes de Manuel Filipe de Negreiros. (José Herculano de Negreiros, 79 anos).

Figura 17- Árvore genealógica.



Fonte: Negreiros (2022), adaptada pela autora (2023).

Uma pesquisa realizada recentemente pelo arqueólogo Nailton Negreiros, trouxe contribuições a respeito da formação de território também relacionado com a família Negreiros.

¹³ Informações pertencentes a árvore genealógica da família Negreiros, documento pertencente ao senhor Pe. José Herculano de Negreiros.

Esse estudo, foi realizado no povoado Lagoa de Fora também pertencente a este município. Logo, o autor buscou mapear e caracterizar os espaços de moradias, e os objetos presentes nessa comunidade a partir das narrativas locais, afim de compreender as paisagens em que as mesmas se desenvolveram ao longo dos anos. Este estudo, trouxe contribuições acerca da figura de um senhor chamado ‘Serapião’, descende dessa família que chegou em São Raimundo Nonato, demonstrando como que essa parentela adentrou no dado local, e como Lagoa de Fora se desenvolveu a partir de atividades desenvolvidas por esse núcleo familiar neste recinto (Negreiros, 2023).

Ao realizar esse estudo no território de Queimadinha Véa, o senhor Francisco de Miranda¹⁴ ou Chicão como ele gosta de ser chamado, foi a primeira pessoa na qual eu escutei essa frase de “Queimadinha de quem”? Nessa conversa, seu Chicão me contou um pouco de sua história e relatou a sua relação com essa comunidade. Em um primeiro momento, ele falou que o Miranda de seu sobrenome era do pessoal que Morava no Cavaleiro que fica localizado no município de São Lourenço do Piauí. Seus pais vieram dessa localidade e chegaram no local onde se localiza Queimadinha por volta de 1925 para trabalhar nos roçados do senhor Zé Miranda que já morava na área, seu pai se chamava Inocêncio e sua mãe Maria Rosa, ambos chegaram ao local para trabalhar como vaqueiros na Fazenda do Zé Miranda, e anos depois passaram a residir no lugar. Seu Chicão relata que foi posseiro durante muito tempo e como sua família prestava serviço aos moradores locais, seus pais construíram uma latada neste recinto que foi justamente onde ele nasceu e morou por bastante tempo até se casar com Catarina Negreiros Silva (Figura 18). Seu Chicão narrou:

Sou filho de Inocêncio José de Miranda e Maria Rosa de Miranda eu nasci ali onde fica a fazenda Monte Claros hoje em 1934 e tenho 87 anos. Minha família veio do Cavaleiro que fica em São Lourenço que é perto daqui de São Raimundo. Aqui tinha 2 Queimadinhos de primeiro. O povo perguntava Queimadinha de quem? E a gente ia dizer Queimadinha é para cá, mais para cima é a Queimadinha do Manoel do Gino dos Negreiros que era seu tataravô, e também falava Queimadinha do Zé Miranda que ficava aqui mais para baixo. Zé Miranda era morador daqui nesse tempo antigo e meus pais trabalhava era pra ele como vaqueiros. Quando eu comecei a trabalhar para os Miranda eu tinha 11 anos de idade juntamente com meu pai, aí eu trabalhei na roça por aqui, por acolá, e tudo era serviço de roça. Aqui nesse lugar eu era posseiro junto com meu pai, ele construiu uma latada pra gente morar no tempo (Francisco de Miranda, 87 anos).

¹⁴ Francisco de Miranda, 87 anos. Entrevista realizada em 22/10/2022

Figura 18- Seu Chicão.



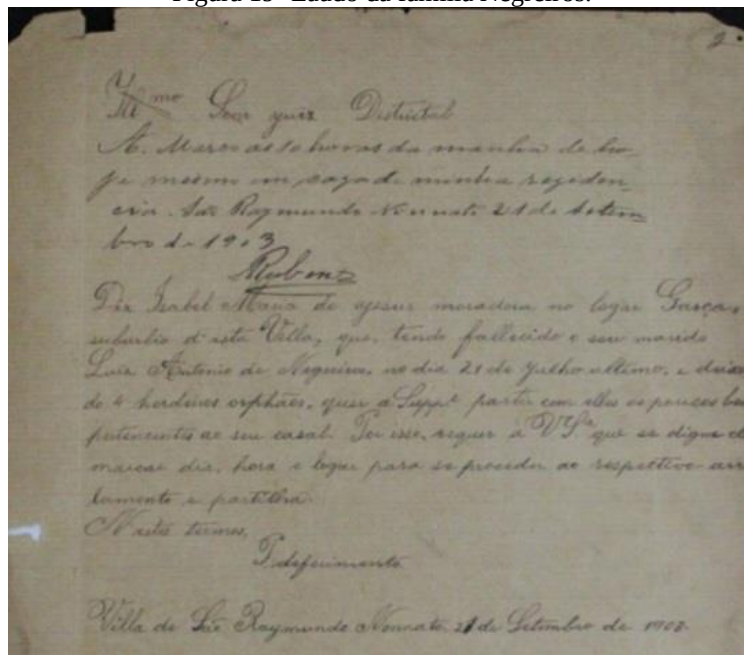
Fonte: Acervo da autora (2022).

Ao se recordar da época, seu Chicão relatou que os ‘donos das terras’ de primeiro era a família Negreiros, mas não soube especificar de onde vieram essas terras que pertencia a referida família. A fala de seu Chicão aponta que essa família já estava pelo território desde os anos de 1920, pois quando seus pais chegaram ao local para trabalhar a família Negreiros já habitava o local, Catarina Negreiros sua esposa (*in memorian*) era filha de Manoel Eginio da Silva e Maria Firma de Negreiros Silva já moradores do lugar. De acordo com seu Chicão, as terras onde o Zé Miranda Morava pertencia antes a seu sogro Manoel Eginio, pois escutou muitas vezes sua sogra dizer que as terras onde ela e sua família residiam era de herança familiar e possuía uma área de mais de 382 hectares, e a partir disso seu sogro foi vendendo aos poucos e outras pessoas foram chegando ao território.

De fato, a comunidade de Queimadinha Véa, é imensamente marcada por trajetórias desta família pois muitos desses moradores constituíram núcleos familiares neste local, e as terras que os mesmos construíram suas residências são em sua maioria de herança familiar. Dessa maneira, investigando sobre os primeiros moradores da localidade no laboratório de História da UESPI, encontrei dois documentos que evidenciam a ocupação desses parentescos com Queimadinha. O primeiro documento consiste em uma certidão de óbito com o nome de Luiz Antônio de Negreiros no ano de 1903, já morador do local, que era casado com Isabel

Maria de Jesus. Neste manuscrito, cita que ambos residiam em um lugar chamado Logar Garça, subúrbio desta Vila. De acordo com as narrativas dos colaboradores desta pesquisa a localidade Garça foi formada a partir de Queimadinha (Figura 19).

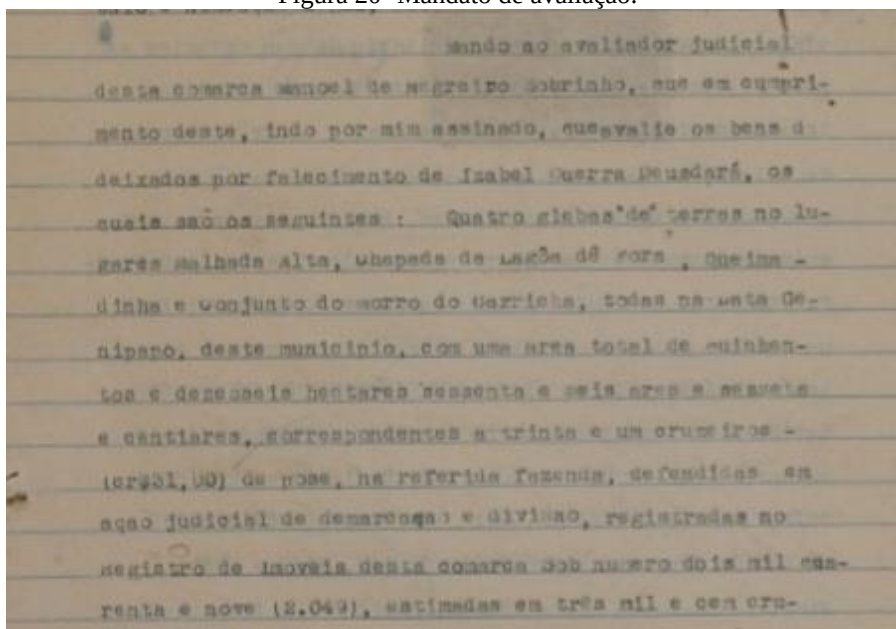
Figura 19- Laudo da família Negreiros.



Fonte: Laboratório de História da UESPI (2022).

Já o outro documento, refere-se aos bens deixados por Isabel Guerra Deusdará para seu esposo Manoel de Negreiros Sobrinho no ano de 1953. Esta documentação cita as terras deixadas por ela em diferentes lugares de São Raimundo Nonato, entre esses estão: Malhada Alta, Chapada da Lagoa de Fora, Queimadinha e Conjunto do Morro do Garrincha, todas pertencentes a Fazenda Genipapo, deste município com uma área total de Quinhentos e dezesseis hectares, sessenta e seis ares e sessenta centiares. Outra fazenda que aparece nesse laudo, consiste na chamada Fazenda Vereda também pertencente a este município, que corresponde uma área de trezentos e vinte e um hectares e cinquenta ares (Figura 20).

Figura 20- Mandato de avaliação.

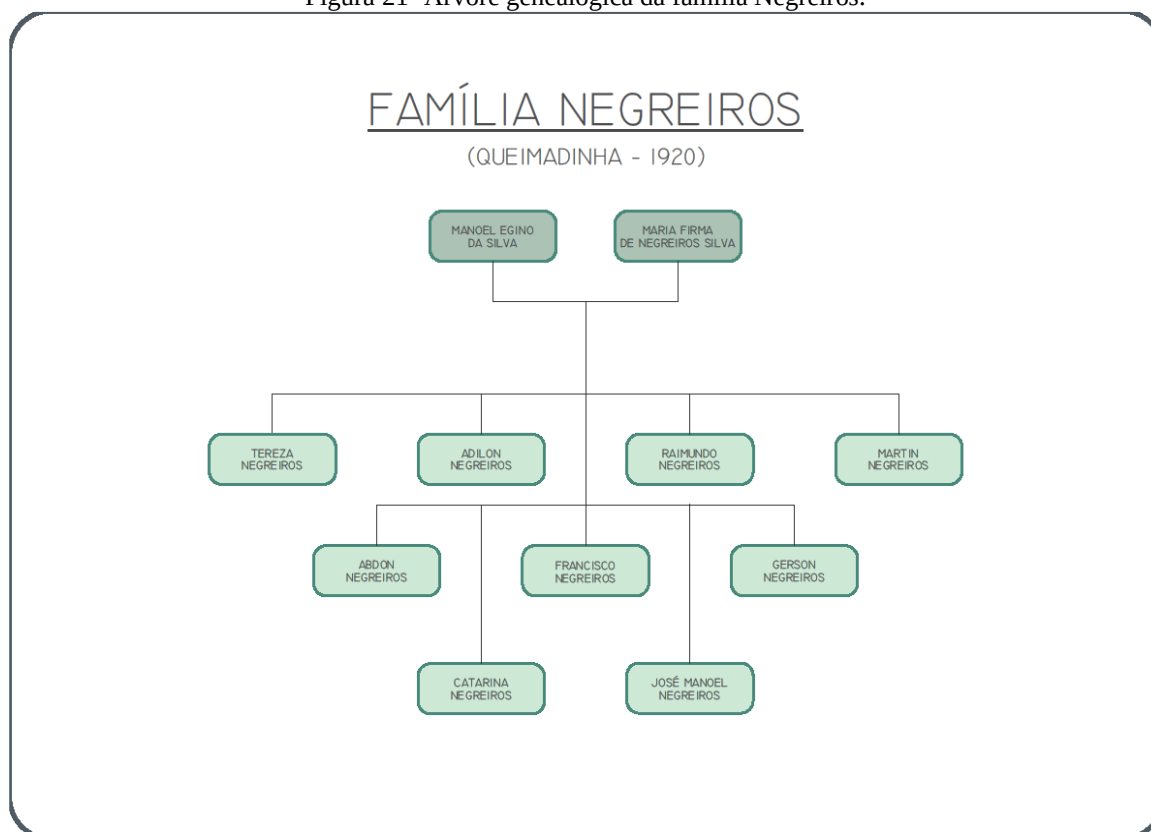


Fonte: Laboratório de História da UESPI (2022).

O parentesco da família Negreiros é bastante evidente no território de Queimadinha Vêa pois aparece bastante entre as histórias e narrativas contadas pelos interlocutores. Seu Francisco¹⁵, relatou que pertence à família Negreiros e que é o filho casula, o único descendente ainda vivo de sua família que nasceu em Queimadinha. Ele contou, que sua mãe Maria Firma era casada com Manoel Egino da Silva e que sua mãe é quem era descendente deste núcleo familiar, e ressalta que dessa união matrimonial nasceram 8 filhos, e somente um de seus irmãos o senhor Raimundo, não quis morar em Queimadinha e foi embora para São Paulo onde construiu sua família (Figura 21).

¹⁵ Francisco de Negreiros Silva, 82 anos. Entrevista realizada em 08/11/2022

Figura 21- Árvore genealógica da família Negreiros.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os demais filhos oriundos dessa família, ficaram neste território onde se casaram, tiveram filhos e construíram suas residências. Seu Francisco, também relata que Garça e Queimadinha era um único lugar, pois escutou muitas vezes seus pais falarem que a comunidade de Garça se originou de Queimadinha Vêa, pois quem nasceu neste local foi quem foi se misturando e mudando para outros locais ali por perto (Figura 22). Seu Francisco narrou:

Sou filho casula de meu pai, nascido em Queimadina Vêa que era ali mais embaixo, meus pais foram os primeiros que moraram aqui, meus avós pais de minha mãe já tinha esse lugar aqui de herança, esse negócio de herdar sabe, na época meu pai era quem vendia muita terra por aqui e por isso outras pessoas chegaram por aqui. Meus pais teve um monte de filho, e tudo ficou morando por aqui mesmo, casaram tudo e tiveram seus filhos, só um dos filhos que foi embora e não quis ficar. Nessa época aqui em Queimadinha só tinha duas famílias que era a de minha mãe e a do Zé Miranda, mas eu escutei meu pai dizer muitas vezes onde esse povo morava era dele também, e que foi ele que vendeu para o senhor José Miranda, a data eu não lembro porque eu era muito pequeno só que eu escutei, mais aqui por perto e pela região era tudo família. Ali na Garça mesmo quem mora lá veio daqui eu tenho terras lá e construir casa lá também mais foi depois que eu me casei, comprei terra e passei a morar lá, mas eu nasci em Queimadinha Vêa. (Francisco de Negreiros Silva, 82 anos).

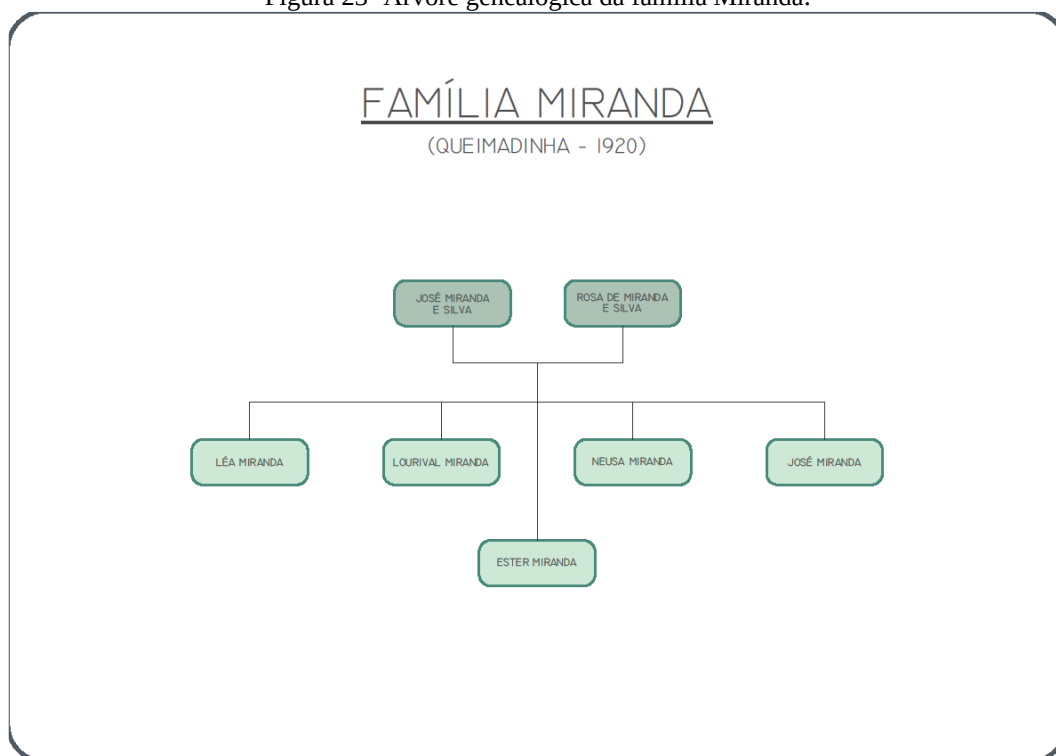
Figura 22- Seu Francisco.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Outra família que apareceu bastante entre as histórias e memórias desta comunidade, foi a família Miranda. Os moradores locais sempre ressaltam a importância desse núcleo familiar na construção deste território, pois foi a partir dos mesmos e da família Negreiros já presente neste local que Queimadinha começou a se desenvolver, e muitas pessoas chegaram nesta área para trabalhar principalmente nas fazendas, roçados, posteriormente passando a morar no local. Seu Zé Miranda, como era conhecido na região, teve cinco filhos todos nascidos neste território (Figura 23).

Figura 23- Árvore genealógica da família Miranda.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

De acordo com as memórias de seu Chicão, o Senhor José Miranda já morava no local por volta de 1920, pois seus pais trabalharam muito para ele quando chegaram neste lugar. Dos cinco filhos do casal, dona Éster é a mais lembrada, pois é a única que ainda está viva (Figuras 24 e 25). Seu Chicão, relembra muito a figura de dona Estér que era filha do senhor José Miranda, ele recorda:

Quando eu nasci, o Zé Miranda já morava aqui com toda sua família desde de 1920 , eu trabalhei para ele tirando madeira e cuidando dos animais. Aí quando foi em 1950 Zé Miranda foi embora para São Paulo com tudo, mulher e filhos. Aí ficou só o Raimundo Casado com a Ester, a Ester falaram no rádio que ela completou 100 anos, e moravam por aqui numa casinha só primeiro foi a casa deles e depois virou fazenda quando eles venderam as terras para o Gerson, aí virou a Fazenda do Gerson Batista (Francisco de Miranda, 87 anos).

Figura 24- Seu Zé Miranda.



Fonte: Acervo da família Miranda (2023).

Figura 25- Dona Ester e seu irmão Lourival.



Fonte: Acervo da família Miranda (2023).

Dessa maneira, a comunidade de Queimadinha Véa foi se formando a partir do estabelecimento dessas duas famílias naquela região. A paisagem naquele tempo se misturava

com as belezas desse local, fortemente influenciado pelos aspectos relacionados com a vida no campo, como o trabalho nas roças, a lida com os animais e as próprias casas desses primeiros moradores que com o passar dos anos foram se transformando em pequenos currais e fazendas que deram início a construção e consolidação deste território imensamente marcados por tais trajetórias. Isso fica bastante evidente nas memórias de dona Hanorata¹⁶ que é moradora da comunidade e exerce desde quando chegou no dado local a função de rezadeira, (Figura 26) ela diz:

Naquelas épocas antigas existia fazendas demais, aqui para todo lugar que a gente ia tinha fazenda e curral grande sabe, era muitas vacas que tinha, mais de 100 cabeças. Os moradores mais antigos eram esses das famílias desses que ainda estão por aqui, era a família dos Mirandas, dos Negreiros que eu cheguei a conhecer. Aqui todo mundo se ajudava na hora da precisão porque não tinha outro meio de vida não, era só plantar mesmo, eu plantava milho, feijão e mandioca. Aqui em minha casa nunca faltava gente porque eu benzia muita gente, aprendi as rezas com minha mãe e sempre que alguém precisava de mim eu ajudava. Eu rezava de arca caída, quebranto, problemas de umbigo e tantas outras coisas. Aqui nessas redondezas eu conhecia muita gente de todo lugar vinha gente, principalmente alí da Onça, o pessoal vinha até de noite para se benzer (Hanorata Josefa da Silva, 84 anos).

Figura 26- Conversa com dona Hanorata.



Fonte: Acervo da autora (2022).

¹⁶ Hanorata Josefa da Silva, 84 anos. Entrevista realizada em 15/12/2022.

Com relação a demarcação de terras desta comunidade, muitas pessoas afirmam que obtiveram de herança, deixadas geralmente pelos seus pais ou avós. Outros moradores relatam que são posseiros e que não possuem documentação, já os que possuem registros argumentam que já compraram de residentes locais. Em uma pesquisa realizada por Sousa (2023) sobre a fazenda Genipapo, demonstra que as demarcações da Data Genipapo foram realizadas por Joaquim Gomes Calado no ano de 1943. Logo, nesse período o mesmo estava executando levantamentos topográficos na cidade de São Raimundo Nonato, no cargo de agrimensor. Desta maneira, tudo indica que foi nesse mesmo período que as terras de Queimadinha Véa, começam a ser demarcadas. Isso fica bastante evidente nas memórias de seu Chicão quando tocamos nesse assunto. O mesmo, relembra que 1944 foi que chegou o demarcador nesta comunidade, e que quem trouxe foi um senhor chamado João Menezes. Ele ainda ressalta, que esse objeto veio de Goiânia nesta data, inicialmente para demarcar a área que hoje pertence a Fazenda Monte Claro, após tal delimitação é que foi possível marcar os demais espaços. Seu Chicão explicou:

Aqui o povo comprava as terras mais não tinha demarcação, aí o João Menezes trouxe em 1944, o demarcador e os coisos tudo. E só nesse tempo que todo mundo começou a demarcar aqui, e não falava em hectare, era cinco mil réis de terras, em dez mais não falava hectare. Aí no tempo eu comprei 20 contos de terra e tantos metros e aí demarcava, essa demarcação foi o João Menezes que trouxe e veio de Goiânia para demarcar primeiro as terras ali do Monte Claro. João Menezes foi nascido e criado na Serra Nova, próximo ao Novo Horizonte (Francisco de Miranda, 87 anos).

A chamada comunidade Garça, de acordo com as narrativas se formou a partir desse território, pois quem morava antes em Queimadinha Véa, foi quem habitou também para lá, geralmente era filho ou neto de pessoas que nasceram nestas extensões. As terras que compõem a localidade Garça hoje, era pertencente a Catequese de São Raimundo Nonato, os registros desse local estavam em nome de Carlos Martinez Esteban¹⁷ que era um padre pertencente a Igreja Catedral deste município. Os relatos apontam, que as pessoas começaram a residir em Garça na década de 1950, quem cuidava desse local era o Frade Manoel Antônio Rodrigues, popularmente conhecido na região por Frei Manecas, o mesmo era quem cuidava dessas glebas. Por esse motivo, é que a localidade Garça foi por muito tempo conhecida e chamada por dois nomes: Capoeira dos padres, porque as terras pertenciam a igreja local, e Queimadinha Nova, como até hoje é chamada, essa nomenclatura se deu porque quem foi morar em Garça, era filho

¹⁷ Esse religioso, nasceu em Huesca, Província de Aragão na Espanha em 10 de agosto de 1925, e ordenou-se sacerdote pela ordem mercedária em 1954, após sua formação desembarcou no Brasil, onde começou a prestar serviços no dado local. (Informações obtidas de um requerimento de pesar em nome deste sacerdote, em 15 de agosto de 2011).

ou neto de morador de Queimadinha Vêa. (Figura 27) Senhor Francisco Negreiro que nasceu em Queimadinha, relata que quando se casou foi morar em Garça:

Aqui quando eu me entendi, era tudo Queimadinha véa, esse negócio de dividir as terras foi depois. Agora essas terras aí da “Garça”, antes era tudo Queimadinha, só sei que agora mudou tudo menina, tem muita comunidade nova pra cá, mas naquela época não existia não, para nós tudo era Queimadinha véa ou Queimadinha dos Negreiros ou dos Mirandas. A Garça era conhecida por Caopeira dos padres porque era eles que cuidava para lá, o frei Manecas não saía daqui a gente chama hoje é de Queimadinha Nova, porque foi o pessoal de Queimadina Vêa que foi morar lá, eu mesmo fui de uns, nasci e me criei na Queimadinha Vêa, mas quando me casei comprei terras lá, junto com meu irmão Marin e lá construímos a nossas casas (Francisco de Negreiros Silva, 82 anos).

Figura 27- Frei Manecas.



Fonte: Cúria Diocesana de São Raimundo Nonato (2023).

Nas conversas com meus familiares que hoje residem em Garça, minha vó Alcione me contou que seu sogro Martin Negreiros adquiriu essas terras depois que se casou com Maria Iracema e que passaram a morar lá na década de 1960. Mostrou também, o documento dessas terras que demonstraram que as mesmas foram compradas no ano de 1964, nesta certidão¹⁸ está escrito que o local pertencia a fazenda Genipapo deste município, essa gleba de terra estava no lugar ‘Queimadinha’, possuindo uma área total de cento e trinta e dois hectares, sessenta e seis ares, e sessenta e seis centiares, havido em demarcação e divisão. Essa propriedade, pertencia

¹⁸ Informações obtidas através da escritura e documentação da terra pertencentes à senhora Maria Iracema da Silva (in memória), que era esposa do senhor Martin Negreiro da Silva (in memória).

ao Patronato Agrícola Pe. Carlos Martinez Esteban. A partir dessa ocasião, o senhor Martin Negreiros funda sua fazenda e começa a viver neste local, onde nasceu 13 filhos e todos passaram a morar neste território constituindo assim suas famílias. Deste modo, essas terras estão divididas entre os filhos e netos deste casal, em sua maioria ainda residentes na comunidade.

Dessa maneira, esse documento mostra que as terras da comunidade Garça pertenciam a Queimadinha, e ambas faziam parte da fazenda Genipapo deste município. Um marco bastante importante dessa divisão entre as duas comunidades está o riacho da localidade que o pessoal chama hoje de “Passagem”. De acordo com os moradores locais de um lado fica Garça e do outro fica Queimadinha. Para ilustrar está narrativa: “do Riacho para o lado de lá é Queimadinha e para o lado de cá é Garça”, fiz o registro desse local batizado de “passagem” e coloquei duas setas para indicar a direção de cada comunidade, nesse caso quem vem da cidade de São Raimundo Nonato, passa primeiro por Garça e ao atravessar o riacho já chega em Queimadinha (Figura 27). Isso fica bastante evidente nas narrativas do Senhor Carlino Negreiros¹⁹:

A Garça começa alí na casa do Solimar que mora na Fazenda Dr. Caio e termina alí na casa da sua avó Alcione, a casa dela é a última casa da Garça. Queimadinha começa depois do riacho, a primeira casa de lá é a casa do meu irmão Hélio e a última casa da Queimadinha é a Fazenda Monte Claro, onde a Vanessa mora. Do Riacho para o lado de lá é Queimadinha e para o lado de cá é Garça.

¹⁹ Carlino de Negreiros Silva, 64 anos. Entrevista realizada em 30/05/2023.

Figura 28- Passagem (riacho da comunidade).



Fonte: Acervo da autora (2023).

Então foi a partir dessas duas famílias que se estabeleceram neste território que o mesmo se formou. Na década de 1920 foram construídas as residências dessas parentelas, e foi a partir desses modos de vidas locais que as fazendas começam a serem construídas na década de 1960, dando novas configurações a este lugar. Portanto, foi através do lugar conhecido como Queimadinha Véa que se originaram essas duas comunidades: Garça e Queimadinha. Hoje este território é composto por por aproximadamente 80 casas, e as famílias pertencentes as comunidade vivem basicamente dos criatórios de animais, diárias de serviços, seguidos pelos benefícios do governo federal: bolsa família, seguro safra e aposentadorias (Silva, 2019). Através dos relatos, foi possível evidenciar e perceber de que forma a vida no campo transformou a vida destas pessoas, e influenciou na história de vida da comunidade e de todos seus moradores. A vida no campo fez dessas pessoas procurarem um meio de assegurar seu sustento, através de suas lavouras com gados e outros animais, as plantações e roçados, essas famílias não somente adquiriram seu meio de sobrevivência como também construíram e fazem parte da história de Queimadinha.

No capítulo seguinte, serão abordados todo trabalho de campo realizado nesta comunidade, no intuito de caracterizar e evidenciar essas primeiras unidades domésticas da família Negreiro e da família Miranda, bem como suas materialidades e histórias. Seguidamente, serão apresentadas as 5 fazendas pertencentes ao território de Queimadinha Véa, que se formaram a partir da década de 1960, entre essas propriedades estão: Fazenda Martin

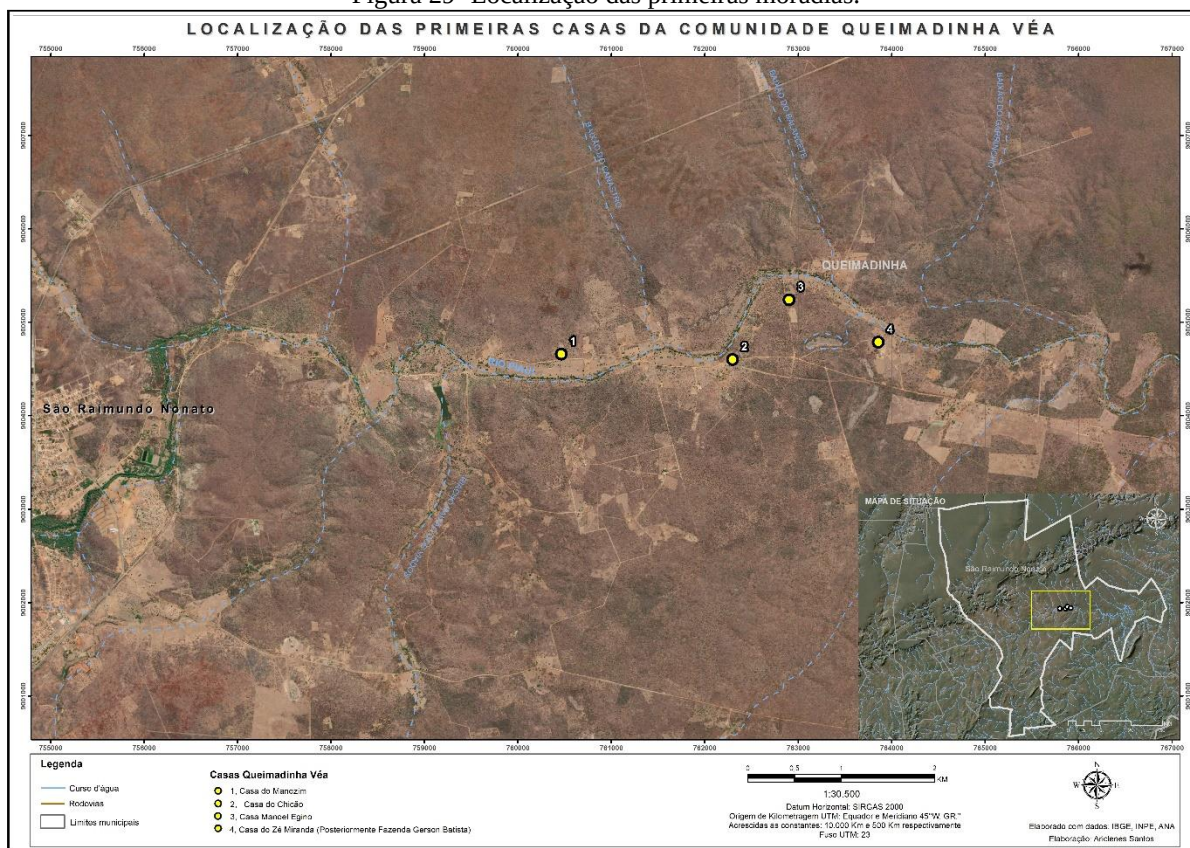
Negreiros, Fazenda Gerson Batista, Fazenda do Zé Chica, Fazenda do Dr Caio e Fazenda Monte Claro. O objetivo desse capítulo é fornecer a conexão entre elas, caracterizando e evidenciando o local onde cada uma se desenvolveu, bem como discorrer sobre as histórias e memórias que as permeiam através da chamada Arqueologia Etnográfica.

5 ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: MORADIAS E FAZENDAS EM QUEIMADINHA VÉA

Nesse capítulo, procurei centrar nos encontros e narrativas das pessoas que moraram, trabalharam, ou que possuem vínculos com o território de Queimadinha Véa. Apesar da importância em se considerar os diversos públicos que se relacionam neste local, priorizei as interações com aqueles que tiveram vivências e lembranças relacionadas com as primeiras moradias e fazendas que se estabeleceram na comunidade, a partir de pessoas que compartilharam deste mesmo local e que contam histórias sobre os mesmos. Entre esses estão: moradores mais antigos, trabalhadores desses espaços e também familiares desses primeiros grupos que habitaram esta região. Esse enfoque, teve importância na medida em que me permitiu destacar e observar experiências de trabalhadores e trabalhadoras que viveram numa comunidade que se formou a partir das experiências com o campo, onde esse legado ainda se consolida de maneira ampla neste território. Nesse sentido, levei em consideração os lugares de memórias que os moradores de Queimadinha Véa identificam como sendo locais que influenciaram na fixação desse território, compreendendo assim seus significados no presente.

Durante a realização do campo na comunidade, foram possíveis identificar quatro moradias importantes que deram início ao povoamento deste território, fortemente influenciado pela pecuária e agricultura familiar. Dessa maneira, os locais que aparecem nas narrativas dos interlocutores como sendo espaços determinantes para a construção desta localidade são inicialmente construídos na década de 1920, que é a casa do Manoel Egino que pertencia a família Negreiros, e a residência do senhor Zé Miranda. Já na década de 1950 aparecem outras moradias que é a casa de seu Chicão e a casa do Manezin. Foi então a partir dessas moradias e das famílias desses primeiros moradores que Queimadinha Véa começou a se transformar (Figura 29).

Figura 29- Localização das primeiras moradias.

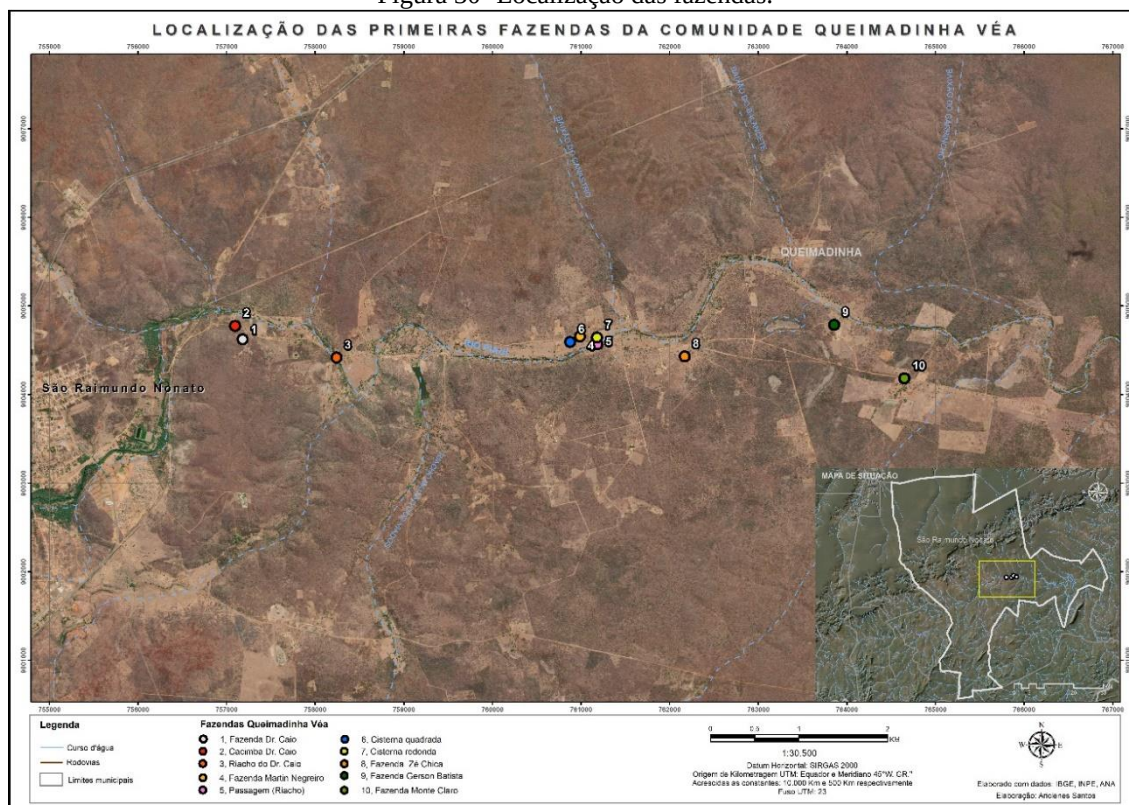


Fonte: Acervo autora (2023).

Com relação as fazendas desenvolvidas neste local, as mesmas começam a aparecer e serem evidenciadas nessas narrativas a partir de 1960, e possuem relação direta com locais que se estabeleceram anteriormente, entre essas estão a Fazenda Martin Negreiros, a Fazenda Gerson Batista, este local é justamente onde ficava localizada a casa do senhor Zé Miranda, a Fazenda do Dr Caio, Fazenda do Zé da Chica, que hoje é a moradia do senhor Manoel Simplício, e a Fazenda Monte Claro que é a construção mais recente desta comunidade. Dessas cinco fazendas, somente duas delas ainda estão em funcionamento nos dias atuais. As demais permanecem vivas nas memórias dos moradores locais.

É importante ressaltar, que essas propriedades eram sempre construídas perto de algum local que tinha água como por exemplo: riacho ou barragem, pois facilitava ainda mais o acesso a água para os animais e os afazeres domésticos. A maioria desses locais, tinham como característica as chamadas cacimbas ou cisternas que eram construídas para auxiliar na labuta com os animais e demais trabalhos locais (Figura 30).

Figura 30- Localização das fazendas.



Fonte: Acervo da autora (2023).

A seguir, serão abordadas cada uma dessas residências e fazendas, bem como as histórias e memórias que as caracterizam no intuito de demonstrar sua relevância para o contexto local. Dessa maneira, foram expostas as narrativas das pessoas sobre cada um desses espaços, suas materialidades e coisas arqueológicas com a finalidade de situar Queimadinha Vêa enquanto um território construído a partir de trabalhos e vivências no campo. Nesse sentido, os olhares etnográficos para esses locais foram relevantes na construção de uma Arqueologia do Presente, pois foi possível identificar e se relacionar com as mais diversas experiências e perspectivas diferentes, que demonstram as trajetórias pessoais e coletivas que cada pessoa vivenciou nesses locais, além da valorização de seu patrimônio. Logo, essa colaboração com moradores e ex-moradores, foram uma via pertinente para refinar ainda mais o entendimento dos lugares de moradias, espaços de trabalho e lazer que fizeram e ainda fazem parte do cotidiano desta comunidade ligada a formação de fazendas e pequenos currais.

5.1 Casa do Manoel Egipto

Essa antiga residência fica localizada na parte do território que o pessoal da comunidade chama de Queimadinha Vêa, sobre as coordenadas: 23L 0762902 UTM 9005241 ou seja, a

mesma faz parte das primeiras casas que foram construídas neste local. Os donos dessa propriedade era o casal: Manoel Eginio da Silva e Maria Firma de Negreiros Silva, ambos nascidos no século XIX, entre as décadas de 1890 a 1895 de acordo com as narrativas de seu Francisco que é filho caçula do casal e o único ainda vivo. Este espaço, é marcado por histórias relacionadas com a criação de gado e roçados na região, pois o senhor Manoel Eginio era vaqueiro e dono de um pequeno curral que possuía aproximadamente cinquenta cabeças de gado. Era também lavrador, pois plantava milho, feijão e mandioca. Já a dona Maria Firma, era costureira e ajudava seu esposo na lida com os animais e no trabalho das roças.

Para entender melhor este local, conversei com seu Francisco Negreiros que é filho dos cônjuges e com o seu Chicão, que era genro deste casal. Nas conversas com seu Francisco, ele contou que sua mãe já nasceu em Queimadinha, já seu pai veio de São Raimundo Nonato, e foi morar em Queimadinha quando se casou no ano de 1919, passando a construir sua residência neste local. O encontro com seu Francisco, aconteceu em sua residência em São Raimundo Nonato, pois o mesmo já não mora mais em Queimadinha e vive agora com seu filho Nonato.

Em muitos momentos ele se emocionou ao lembrar da época em que vivia na localidade. Contou ainda, que está triste desde a morte de sua irmã Catarina que ocorreu em 2021, pois ele agora é o único dos irmãos que está vivo. Por problemas de saúde, seu Francisco não pode me acompanhar na visita ao local, mas me ensinou como chegava até lá. De acordo com as narrativas dele, a casa de seus pais foi construída de taipa e coberta de telhas artesanais, e tinha uma parte da parede que era de tijolo artesanal, feito pelo próprio morador, pois o mesmo sabia fazer. Esta casa possuía 2 janelas pequenas, 2 portas e apenas 1 quarto, o fogão era a lenha e ficava do lado de fora da casa. Seu Francisco relembra a época em que viveu nessa residência:

Naquele tempo a gente não tinha condições, hoje as coisas já melhoraram muito. Eu nasci lá em baixo em uma casinha simples que fica ali perto de onde o Dira mora, meus pais eram trabalhadores de roça e criava gado. Eu lembro que a gente era em 10 pessoas porque somos 8 filhos e com o papai e a mamãe era 10 mesmo. A casa o papai foi quem fez mesmo de taipa e cobriu, não era muito grande, uma parte caiu e ele fez de tijolo que ele aprendeu a fazer, só tinha 1 quarto e era onde a gente dormia nos colchões de palha que a mãe costurava e fazia. A casa tinha 2 janelas e 2 portas, era pequena mesmo e o fogão era do lado de fora da casa, a gente cozinhava a lenha mesmo, agora lá não tem mais nada só o lugar, ficou só as lembranças boas que não volta mais (Francisco Negreiros Silva, 84 anos).

Seu Francisco recorda, que aprendeu a fazer casa de taipa com seu pai, pois naquela época era bastante comum nesta região. De acordo com ele, era uma característica bastante evidente nas residências rurais desse território. A vivência naquele local, era marcado por paisagens que envolviam riachos, plantações, animais e plantas da caatinga, que favoreciam a madeira para a construção desse tipo de habitação, como por exemplo o quebra-facão, umburana de cheiro e o angico, demonstrando assim o domínio e controle do ambiente. Nas

experiências de seu Francisco, o barro tinha que ser de boa qualidade para esse tipo de habitação e geralmente o pessoal retirava esse material do próprio povoado (Figura 31). Dessa forma, ele me contou como que se constrói esse tipo de moradia e ressaltou que a residência de seu pai foi construída dessa maneira:

Para fazer as casas era simples, a gente usava a madeira que tivesse mesmo, só que a gente usava mais era o quebra-facão, a umburana de cheiro e o angico porque em Queimadinha sempre teve esses paus. A gente pega e vai misturando essas madeiras com o barro e algumas delas a gente fixa no chão mesmo, tem que ser mais grosso as que a gente bota no chão para poder segurar as outras. Depois a gente vai amarrando de caroa um no outro até formar tipo uma teia que a gente coloca barro e vai formando as paredes e aí é só cobrir mesmo com o que tiver, pode ser palha, mas como a gente fazia telha naquele tempo aí bota telha mesmo. Na casa de meu pai, ele fez com quebra-facão a base toda e cobriu das telhas que ele fazia (Francisco de Negreiros Silva, 84 anos).

Figura 31- Ruínas da casa do Manoel Egeno.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Antes de ir ao local descrito por seu Francisco no parágrafo anterior, passei na residência de seu Chicão que fica próximo ao lugar onde foi construída a residência do casal da família Negreiros. As narrativas de seu Chicão, apontam que as terras pertencentes aos seus sogros, possuía uma área bem extensa, que compreendia roças, currais, cercas, entre outros elementos que faziam parte de seu cotidiano, essa área total era composta por 382 hectares. O colaborador ainda ressaltou, que sua esposa Catarina aprendeu com seus pais a trabalhar nas plantações,

pois desde muito pequena exercia a função de lavradora, e ajudava na lida com os animais que criavam. Dessa maneira, fui juntamente com minha mãe Aurení visitar este espaço onde se localizava está antiga residência. Seu Chicão, que mora próximo a este local, gostaria muito de ter me acompanhado até lá, mas já faz um tempo que o mesmo desenvolveu um problema de visão e já não enxerga mais.

Ao chegar neste lugar onde meus tataravôs moravam me emocionei bastante e comecei a imaginar como era a vida deles naquela época, realizei uma pequena prospecção arqueológica, e encontrei alguns vestígios em suas imediações, entre esses estão as estruturas que faziam parte desta moradia, vestígios de pote, tijolos, telhas e muitos frascos de vidros no dado lugar. Este sítio arqueológico, está cercado por plantas da região. Na estrada que dá acesso ao local, tem bastante umburana de cheiro e quebra facão, entre outras árvores. O local onde a casa foi construída, tem bastante forquilha espalhadas pelo terreno, o que evidencia que as mesmas eram os alicerces dessa residência. Ao arredor da antiga moradia, encontram muitas forquilha espalhada de diferentes tamanhos, as mesmas consistem em utensílios produzidos de madeira, que servem para fixar ou segurar algo, neste caso específico, elas desempenhavam o papel de demarcar o tamanho do espaço ou da casa, como também sustentar as paredes da construção.

Já os tijolos e telhas que estão presentes ali, são de produção artesanal, com colorações avermelhadas e marrons, o que demonstra de fato, que esses objetos eram produzidos por moradores locais e provavelmente com matéria-prima retirada do próprio ambiente, como são evidenciados nas narrativas de seu Francisco, pois de acordo com ele, naquela época era uma necessidade pessoal, familiar ou dos moradores locais. Segundo Sousa e Maia (2022), essa é uma característica do sistema estrutural das casas de taipa, uma vez que esses elementos a tornam mais fortes e resistentes, logo as forquilha estão sempre presentes nesse tipo de construção pois são elementos que oferecem segurança a construção. As telhas cerâmicas, é utilizada em sua maioria para a cobertura dessas casas pois são mais resistentes, o madeiramento das cobertas, na maioria das vezes, e nesse caso específico é feito do mesmo material das estruturas de madeiras de taipa, troncos mais fortes são usados na cumeeira e as varas mais finas são usadas como ripas e caibros.

Evidenciei também, fragmentos de potes que eram usados para armazenar água no dado local. Esses fragmentos, estavam espalhados por boa parte do terreno e em grandes quantidades, sendo caracterizados pela cor avermelhada e com machas escuras, como podem ser vistos na figura a seguir. Ao andar pelo espaço, observei muitos vidros espalhados pelo lugar, entre esses estão: frascos de bebidas, como cervejas e também frascos de remédio. Ao meu ver, pela grande

quantidade de frascos que estão ali juntos, tudo indica que esse ambiente se tornou uma área de descarte para os moradores locais (Figuras 32, 33, 34 e 35).

Figura 32- Forquilha e tijolo.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 33- Vidros.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 34- Fragmentos de pote.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 35- Telhas artesanais.



Fonte: Acervo da autora (2023).

A construção do território de Queimadinha, é bastante marcado pela família Negreiros nesta região, sobretudo na figura do casal: Manoel Egino e Maria Firma, que foram os primeiros moradores dali e que construíram essa casa. O espaço onde se localizava a residência guarda memórias individuais e coletivas, marcadas pelas trajetórias de vidas de pessoas que utilizaram aquele espaço para construir moradia e estabelecer vínculos afetivos com a terra. A partir da existência dessa família na região, novas configurações são dadas a este território, onde este núcleo familiar desenvolvia atividades cotidianas relacionadas a subsistência como a criação de animais e as plantações. Dessa maneira, a configuração paisagística desta comunidade, foi sendo construída a partir desses elementos, e centrada no modo de vida dessa família. As materialidades presentes no local reafirmam as histórias contadas pelos moradores locais que tiveram relação com tal habitação, empreendendo assim as conexões existentes entre “pessoas e coisas” colocadas por Ingold (2012) ao ressaltar que as paisagens podem ser percebidas

através de inúmeros processos relacionados a temporalidade, elas podem ainda se situar na forma de registros de vidas e na atividade exercida por diferentes seres existentes.

Ainda de acordo com o autor, elas nos oferecem modos diferentes de contar histórias no mundo, logo para o estudioso, perceber a paisagem corresponde um ato de memória relacionado com o engajamento entre os seres e as coisas em um ambiente impregnado de histórias, que são contadas e pensadas do ponto de vista daqueles que habitam e o produzem, assim como os lugares e percursos. Nesse sentido, coisas arqueológicas evidenciadas nesse local reiteram o que o autor coloca, quando ele afirma que a paisagem faz parte da percepção e construção de um território como é o caso de Queimadinha Véa. Desse modo, os núcleos familiares que se desenvolvem neste local a partir dessa época, progridem em atividades de subsistências centradas nessa família, entre esses estão a relação de parentesco que são os filhos, netos, e bisnetos desta parentela que perpetuaram a tradição de criar gado e de plantar, transformando assim a comunidade em um local configurado e desenvolvido a partir da pecuária e da agricultura familiar. Dessa maneira, a localidade foi se desenvolvendo e outras pessoas começam a chegar neste local, vinda de diversas áreas da cidade para trabalhar nessas atividades.

5.1.1 Casa do Zé Miranda (Posteriormente Fazenda Gerson Batista)

Essa propriedade também fica localizada na parte do território que os moradores chamam de Queimadinha Véa, entre as coordenadas: 23L 0763857 UTM 9004787 e faz parte das primeiras moradias que foram construídas neste local. Os donos dessa casa era o casal: José Miranda e Silva e Rosa de Miranda e Silva, ambos nascidos no século XIX, entre os anos de 1893 e 1896 respectivamente de acordo com uma lembrança de falecimento. Seu José Miranda era fazendeiro, e construiu sua residência no ano de 1920 quando foi morar em Queimadinha, pois antes residia na cidade de São Raimundo Nonato. Dona Rosa sua esposa, ajudava a tocar sua fazenda, juntamente com os vaqueiros que seu marido contratava.

Seu Chicão conta, que essa família comprou essas terras onde construiu sua fazenda do seu sogro, e que os primeiros a trabalhar para eles foram seus pais Inocêncio e Maria Rosa, que eram vaqueiros e pessoas de confiança do senhor José Miranda. Este fazendeiro, tinha em média trinta cabeças de gado e plantava milho, feijão e mandioca em seus roçados. As terras dessa família compreendiam aproximadamente 120 hectares e foram divididas e utilizadas para essas atividades de subsistência. Seu Chicão ainda ressalta, que começou a trabalhar para essa família

desde os 11 anos de idade, no ano de 1944, e ajudava seus pais na lida dessa fazenda. Inicialmente, ele trabalhava nos arredores dessa propriedade tirando madeira para construir objetos ou móveis juntamente com seu pai, e foi a partir daí que seguiu a profissão de carpinteiro, pois era ele quem fazia os móveis da fazenda e tudo que precisasse para o dia a dia. Seu Chicão relatou:

Eu trabalhei nessas caatingas tudo tirando madeira, eu sempre fui carpinteiro, eu fiz isso tudo aqui, banco, primeiro eu comecei tirando linha de casa pro Zé Miranda e botava tudo numa carroça e os bois puxando. Aí quando eu tinha 14 anos comecei a invocação de trabalho de carpino, aí eu fui vendo os outros, e eu comecei tirando linha de angico e daqui eu fui ganhando a vida, trabalhei na Boa vista, Monte Claro, São Bento, Carretão e tudo isso puxando boi. Esse povo tudo trabalhava com esse negócio de roça e criar coisa e criava tudo. Aqui tinha muita fazenda, e o Zé Miranda também tinha fazenda, mais ele criava coisinha pouca (Francisco Miranda, 87 anos).

Nessas conversas com seu Chicão, ele relatou que o senhor José Miranda ficou trinta anos morando nesse local e foi onde nasceram seus cinco filhos. A casa onde está família morava possuía 3 quartos, 1 cozinha, 1 sala que o pessoal chamava de salão, e uma área bem extensa que ficava na frente, na qual armavam-se as redes para os trabalhadores descansar depois do trabalho, geralmente era depois do almoço ou a noite. Seu Francisco ainda comenta que, a casa foi construída com tijolos artesanais porque era bastante comum naquela época, e telhas também artesanais feitas pela família Negreiros. O chão dessa residência, era feito de cimento queimado e a cor era acinzentado e liso, já as paredes eram pintadas geralmente de branco (Figura 36).

De acordo com pesquisas realizadas no Sudeste do Piauí por Ribeiro *et al.* (2014), essas moradias rurais, especificadamente essas primeiras fazendas formadas na região, eram caracterizadas pela configuração construtivas que possuíam funcionalidade, simplicidade e rusticidade, pois geralmente eram compostas por uma casa sede que era destinada a acomodação dos proprietários ou seus representantes, erguida com adobe artesanal como é o caso desta residência ou de taipa. Seu Chicão, descreve esta residência da seguinte maneira:

A casa dos Mirandas era bem grande sabe, daquelas que tinham salões para o pessoal ficar e armar redes na hora do descanso. Essa casa véa deles eu lembro que tinha 3 quartos, tinha cozinha e uma sala grande que era um salão grande, as telhas dela foi meu sogro que fez e vendeu para ele no tempo, porque ele sabia fazer tijolo e telha também, o piso era de cimento e era cinza, a casa era bonita e grande, as paredes foi meu pai que pintou porque ele trabalhava para ele no tempo, e não me lembro bem mais era branco que eles pintavam lá (Francisco Miranda, 87 anos).

Figura 36- Ruínas da casa do Zé Miranda.



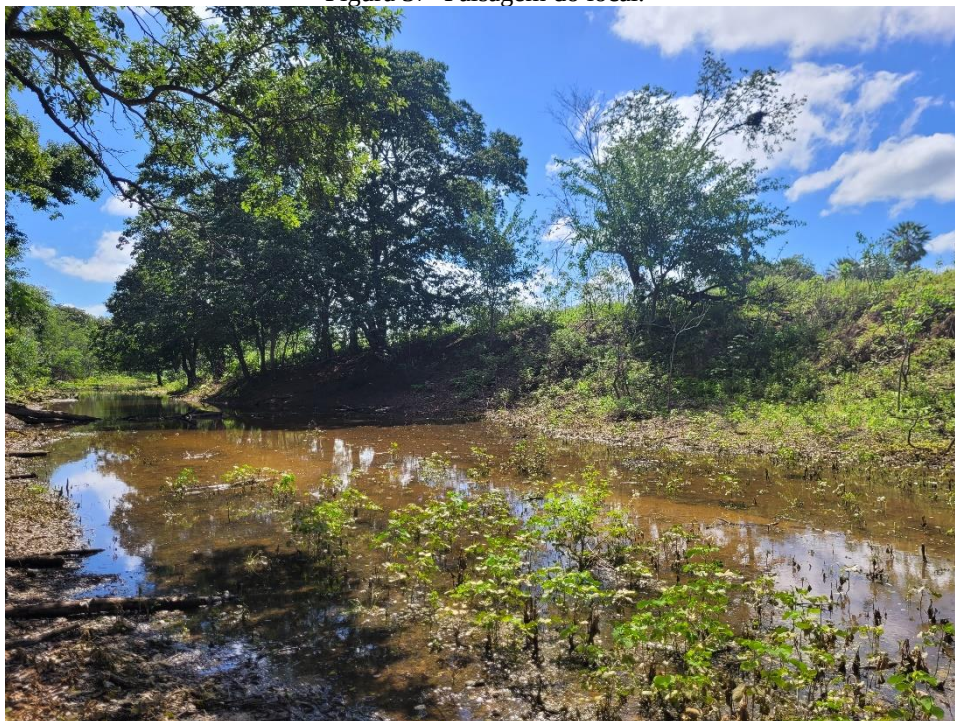
Fonte: Acervo da autora (2023).

Nos arredores dessa antiga propriedade, está espalhado por todo o local fragmentos de telhas, tijolos e parte do telhado que era constituído basicamente por caibros e ripas de madeira que eram feitas pelos próprios moradores. Seu Chicão conta, que a maioria desses elementos foi feito por ele e seu pai, quando trabalhavam nesta fazenda, e que a matéria-prima utilizada nessa construção era o angico ou a umburana de abelha, isto porque eram plantas comuns por ali, o que facilitava a captura desses recursos para a construção dessas primeiras residências presentes no local.

De acordo com os moradores locais, os recursos hídricos foram fundamentais para a instalação e desenvolvimentos dessas fazendas no território, pois facilitava o acesso a água para os animais os afazeres domésticos. Seu Chicão conta, que o riacho da comunidade a chamada “passagem” foi importante para a fundação dessa propriedade, pois seus pais que eram os vaqueiros na época, era quem rebanhava o gado até este local. Nas épocas de inverno na localidade, o mesmo era colocado como “fonte de riqueza”, pois nas redondezas do mesmo, além da água que era fundamental para a sobrevivência dos animais tinha também, as pastagens que serviam de alimentos para o rebanho. Já nas épocas de estiagem e falta de chuva na região, as pessoas cavavam as chamadas “cacimbas”, que geralmente eram abertas dentro do riacho e

cobertas por madeiras. Uma característica bem interessante que seu Chicão ressaltou, foi que para encher os baldes de água e os barris era utilizada as chamadas “cuias”, que eram feitas a partir de cabaças que se plantavam naquela época. As fotografias do barril e da cuia foi o filho de seu Chicão que compartilhou comigo (Figuras 37, 38 e 39).

Figura 37- Paisagem do local.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 38- Barril.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 39- Cuia.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Mais tarde, no ano de 1950 a família Miranda deixou este lugar, pois vendeu as terras para um senhor chamado Gerson Batista e foram embora para São Paulo, ficando somente sua filha Éster, que se casou com Raimundo e também deixou a propriedade e foi morar na cidade. Nesse período, outra família passou a tomar contas das terras, e o local passou a se chamar Fazenda Gerson Batista em homenagem ao seu novo dono. Como seu Chicão trabalhava nesta fazenda anteriormente, ainda permaneceu quase dez anos prestando serviço ao novo dono, mas decidiu sair e trabalhar para ele mesmo. Então indicou para os serviços dessa fazenda seu irmão Adelino Miranda (*in memorian*) que era casado com dona Ana Maria de Miranda e os mesmos passaram a viver no local.

Sendo assim, procurei conversar com dona Ana Maria que hoje reside na comunidade Boa Vista que fica próximo a Queimadinha, a cerca de 8 km do local onde residia anteriormente. Lembro que essa visita foi marcada para um dia de domingo, pois durante a semana a sua filha Lurdilene é quem cuida dela e trabalha na cidade durante toda a semana. Dona Ana Maria²⁰, contou que veio do Paraná juntamente com seu esposo Adelino no ano de 1961 para trabalhar na fazenda Gerson Batista, pois seu cunhado havia arrumado este serviço para ela. De acordo com ela, sua família trabalhava como lavradores e sempre plantaram milho, feijão e mandioca e exerciam a função de vaqueiros. A mesma ressalta, que aceitou a proposta de seu cunhado para trabalhar na dada fazenda pois já estava querendo vir morar no local, mas não possuía terras lá para construir sua casa, e essa seria uma boa oportunidade de poder construir sua família e posteriormente consegui comprar um terreno para morar (Figura 40). Dona Ana Maria diz:

Sou esposa de Adelino Inocência de Miranda, ele era lavrador e vaqueiro também e nós morava aqui na Queimadinha perto de vocês, onde tinha o Martin, homem trabalhador. Eu vim do Paraná, cheguei aqui em 1961 que vim morar aqui na

²⁰ Ana Maria de Miranda, 79 anos. Entrevista realizada em 04/12/2022

Queimadinha para o Gerson Batista, um fazendeiro que tinha lá. Eu e meu esposo trabalhava na roça plantando milho, feijão e mandioca. O Gerson Batista tinha um curral era perto do Martin seu avô, eu morei 10 anos por lá, criei minha família lá e depois saí de lá e fui para a Boa Vista que é aqui perto (Ana Maria de Miranda, 79 anos).

Figura 40- Conversa com dona Ana Miranda.



Fonte: Acervo da autora (2023).

De acordo com as Narrativas de dona Ana Maria, Gerson Batista de Castro teve duas esposas, a primeira se chamava Erudite e a segunda Teresinha de Aarújo. O mesmo era um grande fazendeiro e bastante conhecido na região pois foi candidato a prefeito de São Raimundo Nonato diversas vezes, possuía em média cem cabeças de gado e criava outros animais como: cabras, bodes, ovelhas e galinhas. Ela ressalta, que Gerson Batista não residia na fazenda e sim na cidade, na casa sede quem vivia era seu esposo juntamente com ela e seus quatro filhos. Nesta propriedade, a metade das terras eram destinadas a pastagens para os animais e para a construção de currais, a outra parte era destinada ao cultivo de sementes como milho e feijão. Dona Ana Maria, descreve como que eram divididas essas terras e atividades durante o dia:

Eu morei mesmo foi lá na Queimadinha, e era agregada do Gerson Batista. Ele era fazendeiro e foi candidato a prefeito. Ele morava na cidade e passava as férias na Queimadinha onde tinha a fazenda dele, eu cheguei para trabalhar aqui porque meu cunhado Francisco já morava aqui e ele arrumou com o Gerson Batista para eu morar lá. Lá era dividido em negócio de criar gado e plantar. Esse negócio de hectares era

medido, e 1 tarefa é que vale a 25 braças que é medido com uma vara de 2 metros e assim a gente media as roças e a quantidade que a gente ia plantar em cada lugar da fazenda, eu cuidava das roças e meu marido dos bichos, ele que corria atrás deles para ir buscar no mato e botar no curral, eu também ajudava ele na labuta do dia, dava vacina as vacas, comida e ajudava no parto quando precisava (Ana Maria de Miranda, 79 anos).

Dona Ana Maria recorda, de todas as atividades que exercia nesta fazenda, desde os afazeres domésticos da casa, até a função de curraleira, e afirma que gostava bastante de morar e trabalhar nesta fazenda. Nesta propriedade, dona Ana Maria trabalhou por cerca de dez anos, depois comprou um terreno na Boa Vista e foi morar lá com toda sua família. Ela explicou o que era curraleira e qual a função da mesma neste local:

Eu era curraleira, eu que guardava o curral, que botava os bichos para dentro e fazia de tudo. Lá no curral, eu tinha que encher as cocheiras com água para os animais, colocava comida também, quando tinha algum boi doente eu que cuidava e curava as feridas e quando as vacas iam parir e tivesse dificuldade de botar pra fora eu ajudava, então a curraleira era isso, é cuidar de tudo dentro do curral (Ana Maria de Miranda, 79 anos).

Nesse encontro com dona Ana Maria, ela me contou onde que ficava localizada está fazenda, e relatou que esse espaço ainda é ocupado por outras pessoas que moram na comunidade e que também participavam das histórias relacionadas a essa propriedade. Após alguns dias, retornei à comunidade para ir ao local onde essa fazenda foi construída, e ao chegar lá me deparei, com um espaço bem amplo e com muitas casas em seus arredores. Na minha primeira observação do local, meu olhar foi direcionado para a ruína de uma antiga casa logo na entrada deste recinto, e veio logo na minha cabeça que poderia ser a antiga fazenda. Era um lugar cheios de plantas da caatinga, uma delas muito conhecida na região o famoso angico, que é um tipo de árvore que cria uma resina na cor laranja, que quando eu era criança e brincava por ali, eu vi bastante o pessoal comer e também retirar a casca dessa árvore para fazer chá para diversas doenças, essa foi minha primeira reação ao ver este lugar.

Ao me aproximar ainda mais das casas presentes naquele espaço, Seu José Luiz²¹ morador do local e conhecido em Queimadinha por Pereirão, foi ao meu encontro bem sorridente e receptivo. Seu Pereirão como ele gosta que o chamem, é lavrador e morador de Queimadinha a cerca de cinquenta e dois anos, pois o mesmo já nasceu nesta comunidade e na referida fazenda. Seus pais eram vaqueiros do Gerson Batista, desde a época de 1970, quando

²¹ José Luiz Jesus Silva, 52 anos. Entrevista realizada em 08/12/2022

dona Ana Maria foi embora do local. Neste dia, ele estava dando comida aos animais que ele cria em um cercado que fica ao lado de sua casa, me convidou para entrar em sua residência e começou a me contar sua história (Figura 41). Ele narrou:

Eu nasci aqui e me criei aqui, e aqui eu ainda estou. O seguinte é esse eu nasci aqui e eu sei que o povo chama esse local de Queimadinha, ali pra baixo e é aqui que é Queimadinha mesmo, aqui é a Fazenda Gerson Batista. Eu sou o quarto filho da mãe e nasceu aqui, aí tem quatro mais velho que eu e quatro mais novos, e eu sou o do meio deles. Aí a vida aqui da gente era assim, meu pai morou aqui desde novo e sempre foi vaqueiro do Gerson Batista e tinha outros vaqueiros dele por aqui. Meu pai se chama Manoel Rodrigues da Silva, minha mãe é Dagmar de Jesus, minha mãe trabalhou na fazenda de roceira, enxada, plantava feijão, essas coisas de roça (José Luiz Jesus Silva, 52 anos).

Figura 41- Conversa com seu Pereirão.



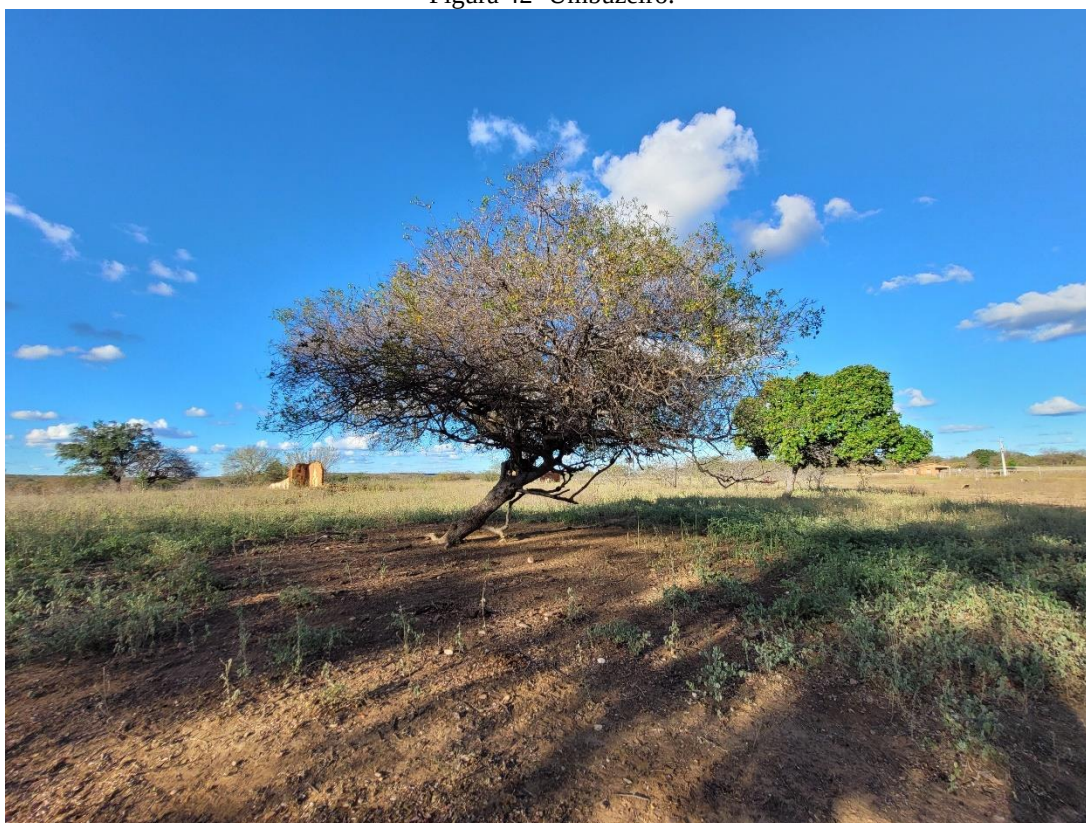
Fonte: Acervo da autora (2023).

Nas percepções de seu Pereirão a Fazenda Gerson Batista, é um dos locais que deram início ao povoamento deste território, pois a mesma é bem antiga, e faz referência aos primeiros moradores deste lugar que foram os Mirandas. O local é marcado, por diferentes trajetórias de vida, de trabalho e usos da terra. Na época da família Miranda, o que se plantava neste local era milho e feijão, com o passar dos anos isso foi mudando de acordo com a apropriação e destino dado a cada novo dono para as terras que compõem este espaço, demonstrando assim as diferentes formas de uso daquele ambiente que parecia favorecer tais designações. O ato de

plantar feijão e milho passou a ser pouco, essas glebas foram destinadas a plantação de caju por muito tempo até 1990 quando os moradores locais que cuidavam de tudo nesta fazenda deram outros destinos a ela. A paisagem deste local, era configurada a partir dessas roças rodeadas de cajueiros, juntamente com pés de pitomba, ata, umbuzeiros, angicos e as palmas que serviam de alimento para os animais (Figura 42). Seu Pereirão ressalta, como que ficou organizado essa área a partir do momento que sua família passou a trabalhar:

Só sei que essa fazenda do Zé Miranda é essa mesma aqui, onde tem os torrões ali. Aqui nesse terreno onde tem o campo hoje era uma roça de caju, fazia canto naquele baixo lá, e vinha até o pé de pitomba que tinha aqui, e tinha pé de ata nos arredores dessa fazenda e um umbuzeiro, que ainda ta ali perto da antiga casa veia, e minha casa agora ta bem dentro da antiga roça onde era a roça de caju. Aqui a gente plantava palma também que era para dar os animais (José Luiz Jesus Silva, 52 anos).

Figura 42- Umbuzeiro.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Ao andar pelo local, foram evidenciadas algumas materialidades ao redor do espaço em que a residência foi construída, entre esses estão: estrutura da casa, partes que compõem as mesmas como por exemplo: a janela, piso e telhas. Este sítio arqueológico, é marcado pela presença de árvores como: um umbuzeiro, um pé de caju e vários pés de angico. Não resta muitos vestígios neste espaço, pois nos dias atuais, este ambiente se transformou em um campo de futebol bastante conhecido na comunidade que tem sido destinado a competições entre os

diversos times de futebol que vem de diferentes áreas de São Raimundo Nonato, como também tem sido um meio de vida para as pessoas que hoje reside neste ambiente. Pois quando tem os torneios, os moradores locais podem vender comidas e bebidas neste recinto (Figuras 43, 44, 45 e 46).

Figura 43- Vestígios da janela dessa propriedade.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 44- Parte do piso da residência.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 45- Vestígios do telhado.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 46- Torno de rede.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Na fala do senhor Pereirão, ele destaca que não possui a documentação desta terra e que é posseiro do local. Na época em que seu Gerson era vivo, pediu permissão para construir sua residência ali mesmo onde morava com sua família. O colaborador ressalta, que escolheu o local e foi justamente no lugar da roça de caju que passou a residir com seus irmãos e sua mãe. O mesmo ainda destaca, que o campo de futebol que ele fez na frente de sua casa tem sido um meio de garantir seu sustento, pois nessas competições vende: espetinho, salgados e bebidas. Além disso, seu Pereirão construiu no muro de sua casa um clube para receber cantores de São Raimundo Nonato e região, porque geralmente durante o dia acontece as competições e a noite tem a festa, este local foi nomeado de clube do Pereirão. Logo, Bezerra (2013) ressalta que esses espaços de memórias reutilizados no presente, tornam as histórias dinâmicas, como é o caso desse local, ou seja, são ambientes marcados por atividades e mudanças produtivas contínuas. A foto que tem o time de futebol foi o seu Pereirão que compartilhou comigo para colocar nesta pesquisa pois foi tirada no último torneio que aconteceu na localidade, e disse que é o time da Queimadinha, composto por seus três filhos e por moradores locais (Figuras 47, 48 e 49)

Figura 47- Time de futebol da Queimadinha.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 48- Barraca de madeira.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 49- Chiqueiro.



Fonte: Acervo da autora (2023).

As transformações do lugar são evidentes, as lembranças e memórias sobre a fazenda é algo que se perpetua durante décadas nessa comunidade, sempre norteadas pela figura da família Miranda os primeiros que habitaram a mesma, seguidas pela figura do seu Gerson que deu outros destinos as terras, a atividade de criar gado prevaleceu até o final da década de 1990, quando foi substituída por outras formas de sustento, dando outros significados ao território. Dessa maneira, isso se aplica a noção de território que Godoi (1999) explica, a ideia de território não se aplica apenas ao lugar em si, corresponde também as relações sociais e diversas atividades diárias que as pessoas desempenham em seu cotidiano e isso incorpora aos significados dados no presente, pois são fundamentais para a construção de identidades.

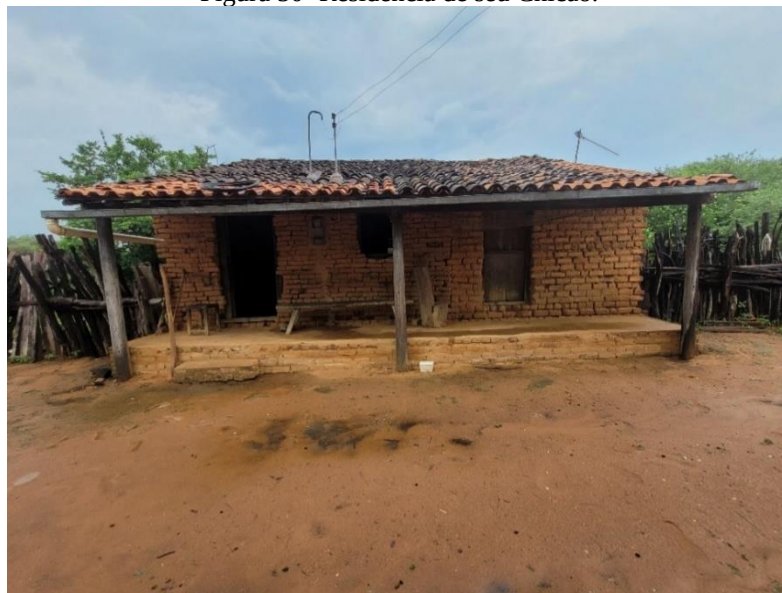
5.1.2 Casa do Chicão

A propriedade de seu Francisco Miranda fica localizada nas coordenadas 23 L 0762298 UTM 900 2601, próximo a antiga casa da família Negreiros. Essa residência pertence ao senhor Francisco de Miranda e sua esposa Catarina Negreiros (*in memorian*), e foi construída na década de 1955. Seu Chicao, é bastante conhecido pelo seu trabalho na comunidade, pois o mesmo exercia a profissão de carpinteiro e trabalhou em muitas fazendas da localidade. Entre essas estão a da família Negreiros, Miranda e o Monte Claro, fazendo móveis e objetos de madeira. Sua residência é caracterizada por ser um local fortemente influenciado por esse tipo de cultura material, pois ele ainda tem muitas dessas peças espalhados pela casa e seu quintal.

Seu Chicão, relatou que desde quando sua casa foi construída nunca reformou a mesma, permanecendo da mesma forma até hoje. Para ele, sua residência faz parte de sua história de vida nesta comunidade e nunca deixou que ninguém a reformasse. Apesar de seu problema visual, seu Chicão anda por toda a casa sozinho e sabe onde fica cada uma de suas coisas e me mostrou cada cômodo que compõem esse espaço, com um sorriso no rosto norteador pelas memórias vivas desse local. Sua moradia é composta por 1 sala, 1 quarto, 1 cozinha, e 1 cantinho que ele conta que usa para guardar as “bagunças” (Figuras 50, 51, 52, 53 e 54) abaixo o registro dessas materialidades Seu Chicão diz:

Eu moro aqui nessa casinha a mais de 60 anos, desde quando eu construí nunca mexi nela, e nem deixo meus filhos mexer porque eu gosto dela assim, sempre falo para eles que aqui tá a minha história e daqui eu não saio por nada, quem quiser me ver tem que vir aqui, aqui é meu lugar. Essas coisas que têm tudo aqui dentro, a maioria foi eu que fiz. Eu que fiz tudo nessa casa que moro, até hoje tá do mesmo jeito porque eu gosto assim, nunca mandei reformar e nunca deixei meus filhos mexer também, as paredes o piso da tudo do jeito que era porque eu gosto assim, eu fiz tudo desde a linha da casa até os móveis, bancos e tudo. Eu sempre fiz essas coisas para vender, fazia mesa, cadeira, cama, banca de pote e até caixão de madeira, quando alguém morria aqui na comunidade o pessoal mandava eu fazer os caixões. Eu fiz também um filtro de madeira e tenho ele ainda, vou pedir o Raimundo para mostrar (Francisco Miranda, 87 anos).

Figura 50- Residência de seu Chicão.



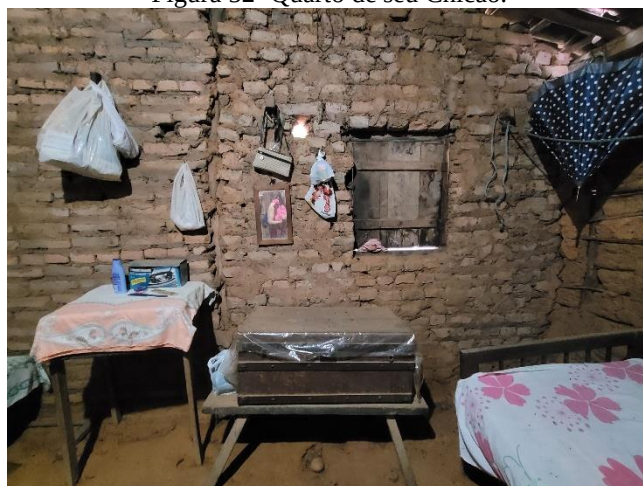
Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 51- Sala de seu Chicão.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 52- Quarto de seu Chicão.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 53- Barril.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 54- Quarto da “bagunça”.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Apesar das dificuldades, seu Chicão conta com a ajuda e apoio de seus filhos para permanecer neste local. Seu filho Raimundo é quem mora com ele e ajuda nos afazeres domésticos e na lida com alguns animais que o mesmo cria, entre esses ovinos e caprinos. A habitação de seu Chicão, guarda muitas memórias e objetos que o mesmo produzia, e que remetem a sua vida na época em que o mesmo trabalhava nas atividades das fazendas locais. Ao andar pela casa podemos ver e perceber toda essa materialidade composta em cada espaço de sua residência entre esses estão: bancos, pilão, filtros, entre outros, tudo confeccionado em madeira, mais precisamente feito de umburana de cheiro, uma árvore muito presente na comunidade (Figuras 55, 56 e 57).

Figura 55- Seu Raimundinho.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 56- Pilão.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 57- Fogão à lenha.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Em seu quintal, a paisagem se mistura com a presença de outros elementos que fazem parte do cotidiano de seu Chicão, como por exemplo um umbuzeiro que se tornou uma espécie de lavatório, pois debaixo desta árvore seu Chicão e seu filho lavam louça e roupas. Nessa área, estão presentes também muitos objetos utilizados por eles no dia a dia entre esses: potes, mesa, moinho, e um recipiente em madeira utilizado para armazenar água para as galinhas (Figuras 58, 59, 60 e 61).

Figura 58- Imbuzeiro de seu Chicão.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 59- Lavatório.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 60- Girau.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 61- Recipiente de madeira.



Fonte: Acervo da autora (2023).

As memórias de seu Chicão, se relacionam com as atividades de subsistência que existiam naquela época e ainda se faz presente em Queimadinha Véa. Entre todas essas lembranças, as que mais marcam sua trajetória na comunidade estão relacionadas com a fabricação desses objetos e a atuação como lavrador nessas fazendas. Dessa maneira, nessa localidade as relações sociais e as redes de trocas ficam bastante evidentes, desde o compartilhamento desses espaços e ambiente que favorecem a criação de gado e a agricultura. Essas que por sua vez, foram desenvolvidas a partir das relações de parentesco e das dinâmicas empregadas no local.

Enquadrada no semiárido piauiense, a comunidade se desenvolveu a partir dessas relações com a terra, em uma área de temperaturas quentes e com poucas chuvas, permanecendo com longos períodos de estiagem, o que favorecia esse estilo de vida baseado na criação de animais e no estabelecimento de currais. A casa de seu Chicão é uma dessas referências que

demonstram a potencialidade e a propagação desse tipo de habitação por todo o território, sendo a única dessas residências daquela época que permanece da mesma forma em que foi construída e ainda em utilização.

5.1.3 Casa do Manezin

Essa moradia fica localizada entre as coordenadas 23 L 0760456 UTM 9004658 e foi construída na parte do território que o pessoal chama de Queimadinha Nova, e que hoje é denominada de Garça. Essa antiga moradia pertencia ao senhor Manoel da Silva, que veio da cidade de São Raimundo Nonato na década de 1957 e construiu essa habitação para criar gado no dado local. Segundo relatos dos interlocutores, esta casa o pessoal da comunidade usava como abrigo durante a execução de seus trabalhos, em muitas das conversas a mesma foi evidenciada como uma pequena propriedade cuja a função estava voltada para dar assistência a vaqueiros, e agricultores que trabalhavam no entorno. Pois quando chegava à noite, o pessoal que morava longe, ou que não pertenciam a localidade dormiam no local, e fazia suas refeições durante todo o dia. Tal residência ficou conhecida como “Casa do Manezin”. Seu Francisco, relatou que morava próximo a essa casa, e que as vezes chegou a dormir neste local, pois trabalhava muito cedo e os roçados ficavam próximos (Figura 62). Ele narra:

Ali tinha uma casinha que a gente ficava nela, eu morava ali perto mesmo, só que tinha as mulher que iam cozinhar lá e nós almoçava e jantava por lá mesmo. Essa casa do manezin tinha uma latada e uma rocinha de umas quatro tarefas, num tinha outro serviço por ali era só campear ou plantar mesmo, só tinha essas casas por ali não tinha outras. Nos arredores dela tinha boi, ovelha, cabra, de tudo se criava, lá era um curralinho pequeno, só que trabalhava muita gente por conta das roças que se plantava muita coisa, tinha milho, feijão e as vezes mandioca (Francisco Negreiro Silva, 82 anos).

Figura 62- Casa do Manezin.



Fonte: Acervo da autora (2022)

Nas imediações dessa antiga propriedade, foi realizada caminhadas para o entendimento do contexto em que a mesma se encontra. Foram evidenciados alguns vestígios associados a mesma como: fragmentos de louça, pote, restos de um caldeirão e uma lamparina. As materialidades evidenciadas no local, demonstram o potencial arqueológico do lugar, pois o mesmo era usado como uma espécie de abrigo para as pessoas que vinham de outras regiões da cidade para trabalhar nos roçados. Nas redondezas do sítio o que mais se observa são a quantidade de fragmentos de potes presentes no mesmo, isso demonstra que as pessoas que viveram neste ambiente, armazenavam água nesses tipos de recipientes, e isso é uma característica bastante comum neste território, visto que em quase todos os locais evidenciados esses materiais estavam presentes. Essa casa além de servir de apoio para trabalhadores da comunidade, consistiu também um dos primeiros currais formados na localidade na década de 1950, pois muitas das pessoas que vinham de fora prestar serviço trabalharam neste local na lida com o gado e nos roçados (Figuras 63, 64, 65 e 66).

Figura 63- Fragmentos de pote.



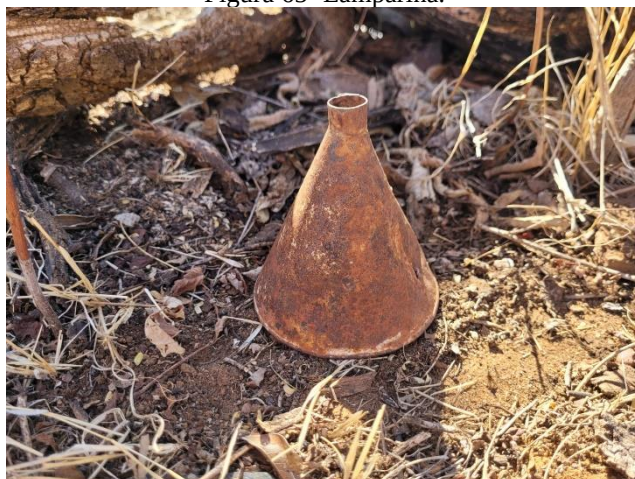
Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 64- Fragmento de Louça.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 65- Lamparina.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 66- Fragmento de Caldeirão.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Realizando uma observação do entorno, eu pude perceber a paisagem cotidiana das pessoas que viveram ali naquele ambiente, através das conexões entre lugares, artefatos, e pessoas que contam outras histórias a partir dos objetos, e arqueologia tem tornado isso possível a partir dessas relações (Rauibal, 2008). Esse diálogo tem sido possível a medida que se analisa as relações sociais presentes neste território configurado pela implantação das ocupações das paisagens marcadas por relações conflitivas e estruturas agrárias específicas, além dos manejos com a terra e a interação com a caatinga, associadas também ao acesso aos recursos hídricos que favoreciam a implantação desses currais.

Desse modo, as paisagens são os resultados de fatores que as pessoas transformam e que os influenciam (Brigs *et al.*, 2006). Os vestígios materiais sertanejos abrem um leque para se pensar na atuação desses espaços dentro das diversas vertentes da arqueologia, tendo em vista os aspectos contemporâneos como é o caso dessa pesquisa. Sejam pequenas propriedades rurais, fazendas, casas de trabalhadores é possível fazer com que cada pessoa participe da construção deste registro arqueológico, nesse sentido, analisar o cotidiano dessas pessoas é dar possibilidade a arqueologia de estabelecer diálogos com pesquisas contemporâneas e dar vozes aos diferentes grupos que por muitas vezes foram silenciados pela história “tradicional”.

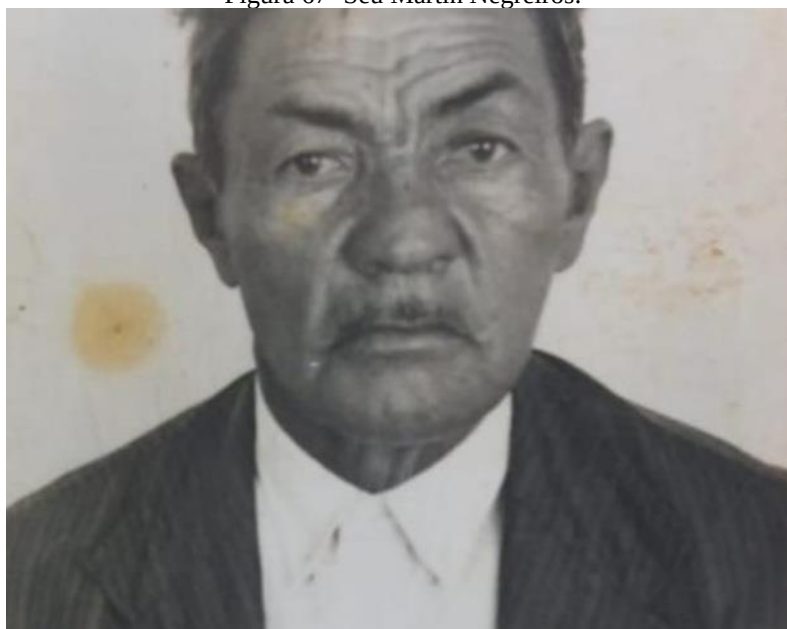
5.1.4 Fazenda Martin Negreiros

A Fazenda Martin Negreiros ficava localizada na Garça, parte do território que foi originado a partir de Queimadinha véa, entre as coordenadas: 23 L 0760987 UTM 900 4655. Seus proprietários era o senhor Martin Negreiros Silva (*in memorian*) e sua esposa Maria Iracema da Silva (*in memorian*). As terras que compõem esta propriedade foram compradas em

1964 e estava sobre a tutela do Patronato Agrícola. Pe Carlos Martinez, um sacerdote pertence a catequese de São Raimundo Nonato e possuía uma extensa área composta por 132 hectares, essas que por sua vez estão divididas entre os moradores e familiares que hoje residem em Garça e Queimadinha.

Seu Martin como era conhecido popularmente na região, nasceu em Queimadinha Véa em 1923. Ele era um dos 8 filhos do casal Manoel Eginio e Maria Firma que moraram no local na época em que o mesmo foi formado. Desde muito pequeno, seu Martin trabalhou em fazendas pois ajudava seus pais na lida com os animais e adquiriu muitas experiências nesse meio, ocasionando assim na atuação e paixão por sua profissão que era ser vaqueiro. O mesmo prestou serviços em várias fazendas formadas nessa época entre essas estão: a fazenda Dr Caio e a fazenda Zé da Chica. Foi através de seu trabalho e labuta no campo que ele decidiu montar seu curral e trabalhar para ele mesmo. Dessa maneira, mudou-se para a Garça na época em que comprou as terras, pois antes vivia na casa de seus pais juntamente com sua esposa e fundou sua fazenda (Figura 67).

Figura 67- Seu Martin Negreiros.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Para o entendimento dos aspectos e funcionalidade desta fazenda conversei com trabalhadores que prestaram serviço no dado local e familiares que residem próxima a este antigo espaço, com o objetivo de entender melhor essas características e situar essa propriedade no contexto em que a comunidade foi desenvolvida. Esses funcionários geralmente eram encarregados da responsabilidade de cuidar dos animais, plantar, cuidar da limpeza da casa e

fazer as produções para venda que na época consistia na produção de farinha e tapioca, um atributo desta edificação.

Dona Maria Alcione²² era casada com um dos filhos de seu Martin, ela me contou muitas histórias relacionadas com o local, entre essas sobre como o mesmo fundou o curral e como eram divididas as atividades durante o dia naquela época. Apesar do pouco recurso financeiro, seu Martin tinha um objetivo que era construir sua própria fazenda e foi com a ajuda de seus parentes e moradores locais que ele conseguiu concretizar tal propósito. Nas conversas com dona Maria Alcione, ela relembra que seu sogro fazia empréstimos para poder tocar sua fazenda, e com o dinheiro adquirido das plantações, dos animais e das farinhadas é que ele pagava as pessoas que o ajudava. Dona Maria Alcione diz:

Cheguei aqui em 70, quando eu cheguei aqui o Martin Negreiro era um grande fazendeiro, e tinha vaca, ovelha, cabra, e tocava as roças dele, plantava feijão, milho, mandioca e tinha os trabalhadores dele. Ele tirava o dinheiro no banco para construir as roças dele, para poder pagar os trabalhadores aí quando ele vendia aquelas coisas que ele panhava nas roças ele ia pagar o banco. Ele vendia carradas para o povo da rua (Maria Alcione Paes Landim Silva, 74 anos).

Durante esse encontro, a mesma relembrou que a fazenda tinha uma casa de farinha e que parte dos objetos que pertencia a mesma estava em sua casa, pois seu esposo Orlando (*in memorian*) havia levado para sua residência. Isso me fez lembrar muito da minha infância, pois dona Maria Alcione é minha vó, e durante muitos momentos que compartilhei com minha família naquele local, recordei das palavras ditas pelo meu avô que aqueles “objetos eram a história dele e por isso tinha que ser guardados”. Naquela ocasião eu tinha mais ou menos 10 anos de idade e quando chegava à noite, meu avô gostava de acender uma fogueira e armar redes debaixo de um pé de umbuzeiro que tinha em seu quintal, era lá que ele contava as histórias e recordava dos momentos que vivenciou naquele espaço.

Lembro-me muito da imagem, que até hoje tenho em minha memória, quando meu avô pegava cada um desses objetos mostrava para seus netos e dizia para que servia determinado item. Isso me fez refletir bastante, pois evidencia que “os objetos são carregados de significados e são as pessoas que dão significância a eles”. A forma como cada pessoa utiliza tal coisa é diferente da maneira como outra pessoa vai usar e isso é interessante porque uma única materialidade pode ter diferentes significados e histórias diversas, demonstrando assim a capacidade que a arqueologia tem de dialogar com a cultura material da mesma maneira que

²² Maria Alcione Paes Landim Silva, 74 anos. Entrevista realizada em 13/12/2022

com as narrativas, em um contexto que pode ser aberto pela afetividade e conexão com os lugares que ocupamos (Miller, 2013).

Dessa maneira, fui até o local que ficava a fazenda juntamente com minha vó e meus tios. Observando o entorno, o espaço que foi construída a residência parecia bem amplo e é ocupado por paisagens que se costuram com o ambiente, entre essas estão árvores de plantas da caatinga como os mandacarus, umburana de cheiro e os marmeleiros, e os vestígios arqueológicos que permanecem neste lugar, evidenciando um espaço que foi destinado a criação de animais e plantações. Em um primeiro momento, o que é possível ver e que chama muito a atenção são os vestígios da casa de farinha, pois é possível identificar os elementos que constituía a mesma, entre esses estão: forquilhas, tijolos, telhas, mourão e parte da parede que constituía a mesma. Ao redor deste local, é possível perceber tijolos e telhas espalhados por todo lado, principalmente perto desses elementos, dando a entender que era nesse espaço que a casa de farinha da fazenda funcionava (Figuras 68, 69, 70 e 71).

Figura 68- Fragmento de parede.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 69- Mourão.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 70- Forquilha.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 71- Estaca de Madeira.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Ao chegar neste espaço com minha família, e evidenciar esses vestígios materiais que faziam parte dessa construção, minha vó Alcione, disse que trabalhou nessa casa de farinha como ‘rapadeira de mandioca’, essa função tinha como propósito desmanchar a mandioca, ou seja triturar para poder facilitar seu manejo durante a fabricação. Era um serviço demorado e com muitas etapas: descascamento da raiz, ralagem ou trituração da mesma, depois vinha o processo de prensagem onde se obtém a massa que é colocada em sacos ou em algum recipiente para depois ser espremida e passada na peneira. Em seguida, a massa é levada ao forno à lenha onde é torrada. Naquele local a mesma lembrou:

Na casa de farinha eu trabalhava com a Elvira e nós era as rapadeiras de mandioca, cada uma fazia uma coisa, rapava mandioca, espremia e fazia tudo junto. Minha fia assunta, essa casa dele da fazenda tinha 5 quartos bem grandes, e tinha redes armadas para todo lado. Seu avô pegou umas coisas de lá porque tava tudo se acabando, do dia que ele pegou, ele deixou aqui em casa, eu nunca joguei fora, tão aí até hoje, ele mostrava todo mundo que vinha aqui, dizia que era a história (Maria Alcione Paes landim Silva, 74 anos).

Depois de lembrar todo esse processo de fabricação da farinha e tapioca, ela descreve como que era a casa sede da fazenda e a paisagem naquele local:

A casa da fazenda era grande assunta filha, essa casa tinha 5 quartos bem grandes e os trabalhadores dormia na casa de farinha com suas redes armadas. Uns ia para casa os que era de perto, e os outros ficava. Tinha um pessoal de fora assim de São Raimundo que vinha, mas a maioria era sempre os irmãos dele, vinha uns do

Garrincho e do Baixão da Serra para trabalhar. Eles só voltavam para a família de 8 em 8 dias, dormiam na casa de farinha e embaixo do umbuzeiro que tinha aqui história (Maria Alcione Paes Landim Silva, 74 anos).

Na casa de dona Alcione estão guardados alguns desses objetos entre esses estão um pote grande e arredondado que servia para armazenar água e ficava pendurado em uma forquilha do lado da casa da fazenda, geralmente era lá que o pessoal que trabalhava na época bebia água. Já o pilão servia para pisar os alimentos para as galinhas, e para esmagar o milho que se fazia o cuscuz para os moradores. Dona Alcione ressaltava, que naquela ocasião também se plantava gergelim, era pisado no pilão e misturado com a farinha que se produzia na fazenda e se tornava uma comida muito famosa na época. Em sua residência hoje, ela guarda uma mala de madeira que pertencia a seu Martin, pois usava muito esse item quando precisava viajar, e como uma espécie de guarda-roupa. Até hoje ela diz que a mala tem essa função em sua casa, pois ainda guarda nela alguns pertences e a faz lembrar muito daquele período (Figuras 72,73 e 74). Ela narra:

Naquele tempo, a gente usava era pote para botar água para beber, não tinha geladeira não. Até hoje eu ainda bebo água do pote porque eu faço é gostar mesmo e sempre tive pote em casa. Aqui eu guardo tudo que meu marido trouxe da fazenda do pai dele, tem esse pote aqui que servia pro povo beber água, tem esse pau aqui da prensa que até hoje as forquilhas tão lá no lugar, e esse pilão aqui que a gente vê que é bem antigo, só que dura muito porque a madeira dele é boa. A mala minha filha eu guardo minhas coisas nela, nunca mais vi ninguém com uma mala assim, agora tem outras mais moderna, só que essa eu não joga fora por nada, fica aqui de lembrança de meu sogro (Maria Alcione Paes Landim Silva, 74 anos).

Figura 72- Dona Alcione.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 73- Pote da Fazenda.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 74- Mala de seu Martin.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Durante essas conversas com os moradores, as narrativas sobre as fazendas sempre apareciam vinculadas a água, em muitos momentos as pessoas demonstravam a importância das formas de armazenamento naquela época e nos dias atuais. As cisternas por exemplo, tem muitas histórias relacionadas com as propriedades que foram construídas nesse território. A mesma serviu como uma forma de apoio para moradores da área pegar água para suas labutas diárias e afazeres domésticos, bem como dar água ao gado e demais criações. Já o riacho que passa pelas comunidades, era visto como fonte de vida, pois para eles este local era onde faziam as chamadas “cacimbas”. Durante a seca, usavam a água do mesmo que vinha do Rio Piauí, e na época da escassez das chuvas, os moradores locais construíam esses poços. Um desses locais

foi batizado de ‘cisterna quadrada’ que de acordo com dona Alcione foi a primeira a ser produzida para a labuta das pessoas que trabalhavam por ali.

Dessa maneira, nos deslocamos até o lugar em que a mesma foi feita e onde permanece. Esse reservatório fica localizado bem próximo a antiga fazenda e hoje situa-se dentro da roça de um dos filhos do senhor Martin. Chegando lá, ela me contou que a mesma foi construída em 1972, e explicou como que era o processo de “pegar água” (Figura 75):

Aqui é a cisterna de meu sogro, quando a seca era grande, ele fez essa cisterna para poder dar água o gado porque a fazenda dele é bem aqui encostado nela. Aí aquele pau ali com a corda era o carritel de tirar a água, ela é feita toda de pedra até chegar embaixo e o beijo é de tijolo, ela é 7 metros de fundura. Logo quando ele fez essa fazenda, demorou um pouco, ele fez essa cisterna para amenizar a seca. Ela também tem um pau embaixo até chegar no fundo para poder o pessoal trabalhador descer para limpar todo ano, limpava para poder criar água de novo. Eu peguei muita água nela e ainda pego, meus filhos, e tinha gente que pegava. O carritel era um balde que você bota na corda aí vai rodando o pau para poder o balde subir até encima. Pegava tanto água aqui como no riacho. Mas para ele mesmo, o mais importante foi o riacho, aqui tinha as cocheiras para botar água. Quando secava cavava as coisas, as cacimbas e botava os bichos para o outro lado, mais para longe, nesse tempo que era de muita chuva não precisava de cacimba, a água do riacho garantia, ele criava muito gado dentro do riacho (Maria Alcione Paes Landim Silva, 74 anos).

Figura 75- Cisterna quadrada.



Fonte: Acervo da autora (2022)

Seu Carlino Negreiros²³, é filho de seu Martin e argumenta que ajudou seu pai a construir duas cisternas que pertenciam a referida fazenda. A primeira foi a “Cisterna

²³ Carlino de Negreiros Silva, 64 anos. Entrevista realizada em 14/12/2022

Quadrada”. Quem marcou o local que seria aberto foi um senhor chamado Telisto, que veio da cidade de São Raimundo Nonato e indicou o dado lugar, pois de acordo com suas experiências com esse meio, essa área tinha a probabilidade de dar muita água pois era perto do riacho. A matéria prima empregada nessa construção foi retirada do próprio riacho da comunidade, entre esses: areia e pedras. Ele conta uma história bem interessante sobre seu formato quadrado, a cisterna foi feita inicialmente arredondada, mais após terminar de construí-la o pessoal foi almoçar e quando retornou a mesma havia caído, então resolveram fazer quadrada. Nas percepções dele talvez a cisterna ainda esteja intacta devido seu formato diferente das demais. Seu Carlino diz:

A cisterna foi assim o meu pai arrumou um marcador e ele foi quem marcou naquele lugar ali. Quem ajudou ele a marcar foi o velho Telisto, que foi quem indicou onde tinha água. E quem cavou foi seu avô Orlando e o Afonso e tinha muita pedra bruta. Para fazer as paredes dela aí a gente pegava laje de pedra lá no riacho quem tem muito, aí foi levantando as paredes de lajes de pedra. Na hora que eles terminaram de levantar, eles largaram e foram almoçar e quando voltaram as paredes tinham caído toda, e não ficou nenhuma pedra no lugar. Aí lá se foi outra cavagem de cacimba, aí para construir ela foi cavada duas vezes. Aí o Jandaia bateu os tijolos e queimaram. Aí eu lembro que ela primeiro foi feita redonda aí quando ela caiu eles decidiram fazer quadrada. Eram 2 cisternas que pertencia a fazenda de meu pai, e foi cavado em anos diferentes. A primeira foi a de cá, que é a quadrada, ela cavada em 1972. Na fazenda, usava as duas cisternas mas maior potência era o riacho porque as cacimbas não davam tanta água e minavam pouco (Carlino Negreiros Silva, 64 anos).

Já a outra cisterna encontra-se localizada nas terras que hoje pertence a dona Maria Alcione, neste local tem uma roça de feijão que as pessoas gostam de plantar. A ‘cisterna redonda’ foi construída no ano de 1979 e já foi reformada diversas vezes pelos moradores locais. Seu Carlino explica, que a água das duas cisternas não servia para o consumo humano, pois era muito salgada. As mesmas eram destinadas para outras funções como afazeres domésticos e para os animais. De acordo com ele, era essencial ter cacimbas e riachos próximos as fazendas, pois facilitava o acesso a água tanto para os animais, quanto para as pessoas que trabalhavam nelas, porque o deslocamento era menor até esses pontos (Figura 76). Ele narra:

A cisterna quadrada minava 7 latas de água por dia. A água da cisterna não servia para as pessoas beber não, só para os animais porque era muito salgada. Todas as duas eram salgadas, mais a redonda ainda era melhor. Aí essa cacimba redonda foi cavada dentro da roça de milho em 1979 e foi reformada várias vezes já a de cá a quadrada ta no jeito que era. Ela não tinha parede, depois foi que fizeram, a última reforma feita nela tem uns 4 anos. Era sempre bom ter as cacimbas e os riachos perto da fazenda porque facilita o acesso a água para os animais e para o consumo da gente. A água para a gente beber era cavada a cacimba mais era na areia do riacho quando ele secava, que a água era boa (Carlino Negreiros Silva, 64 anos).

Figura 76- Cisterna redonda.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Já dona Marlene Miranda²⁴, que é filha de seu Chicão e esposa do senhor Carlino Negreiro ressaltou que na fazenda do senhor Martin funcionava uma escola que tinha como objetivo a alfabetização de seus filhos e netos e também de moradores locais. Segundo ela, esse colégio foi construído no ano de 1972, e era chamado de Escola Isolada da Garça. Teve como professores a dona Iracema que era esposa de seu Martin e seu filho mais velho José Orlando. Ainda de acordo com dona Marlene, esse espaço media 4 metros de frente, por 10 metros de fundo. Nas percepções dela, esse era um elemento exclusivo de fazendas maiores, ou seja, naquele tempo se fundava uma escola onde tivesse um ambiente mais amplo e que pudesse receber uma maior quantidade de pessoas para estudar (Figura 77). Nesse encontro ela explicou:

Amanda deixa de falar uma coisa, eu fui alfabetizada lá na escolinha, foi seu avô Orlando que me alfabetizou. Antigamente não existia escola no interior, os fazendeiros contratavam professores temporários para alfabetizar os filhos e as crianças da comunidade. Nesse tempo, tinha a escola Isolada da Garça e a sua bisavó Iracema foi a primeira professora, juntamente com seu avô Orlando. Eu tinha 8 anos de idade quando fizeram está escola e o salão ficava apregado na casa da fazenda. Foi fundada em mais ou menos 1972, a escola tinha 4 m de frente por 10 m de fundo. No tempo foi o Valdemar Macêdo que conseguiu essa escola para lá, e ficou funcionando na fazenda do tio Martin. (Marlene da Silva Miranda, 60 anos).

²⁴ Marlene da Silva Miranda, 74 anos. Entrevista realizada em 14/12/2022

Figura 77- Seu Carlino e Dona Marlene.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Após esse diálogo com o casal Carlino Negreiros e Marlene, no dia seguinte, retornei ao local da referida fazenda e ao realizar uma caminhada pelas roças onde estão presentes essas cisternas. Chamou bastante a minha atenção a fala colocada pelo meu primo Marcos Aurélio, de apenas 8 anos de idade que estava me ajudando a evidenciar alguns vestígios, pois ele encontrou uma máquina agrícola chamada ‘Perna de Grilo’ que é bastante usada nas plantações para plantar sementes entre essas: milho, feijão e outros cereais. Marcos Aurélio, ao evidenciar o objeto ele associou a função do mesmo e disse: “Aqui tem um plantador de feijão daqueles que o tio Vaninho usa na roça dele”. Fiz o registro dessa peça, e minha vó Alcione ao ver o mesmo, acredita que o item pertencia a Fazenda, pois esses instrumentos de hoje são bem diferentes e possui outras características distintas do que foi encontrado no local. Os que são usados na atualidade possui um formato diferenciado no recipiente de colocar as sementes que nos dias atuais são mais arredondados e coloridos e muitos deles são fabricados em madeira. Já

os usados naquela época não tinham cores no local que se armazenava as sementes, e era todo confeccionado em ferro, lembrando um formato de uma tesoura (Figuras 78 e 79).

Figura 78- Máquina agrícola “Perna de Grilo”.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 79- Colaborador Plantando feijão.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Ao ver este objeto, o mesmo nos levou a pensar em outras relações, como o processo o que é preciso para estabelecer e delimitar um roçado. Minha vó Alcione, descreveu todo o desenvolvimento que é necessário para dividir as “tarefas” dentro desse espaço, que é o processo de medição. O pessoal que mora nas zonas rurais, utiliza as medidas de braças, que é um tipo de sistema muito utilizados pelos agricultores para determinar comprimentos e medidas de áreas nas terras que vão ser preparadas para as plantações. Esta medida é que vale a 2,20 no sistema decimal. Logo eles utilizam cordas ou uma vara de madeira, sem marcações para determinar o valor de cada braça. Ao atingir a medida desejada, as pessoas marcam o local final do comprimento no chão com um pedaço de madeira, e assim vai medindo até o local desejado

(Figura 80). Dona Alcione, ressalta que utiliza esse método em sua roça, e explicou como funciona:

Minha fia, sua vó faz assim: a gente mede ela baseada em dois metros e vinte. Você levanta o braço e vê aonde que dá os dois metros e vinte, dentro das tarefas de terra da roça. A tarefa é um quadrado que se forma com a medida desse braço que a gente faz com o pau, então 1 tarefa ela é um quadrado se mede 25 braças, aí faz o quadrado que dá cem braças o quadro e vira uma tarefa (Maria Alcione Paes Landim, 74 anos).

Figura 80- Colaborador capinando sua roça.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Após essa explicação sobre a delimitação das terras para o plantio, continuamos com a prospecção no entorno da antiga fazenda. Foram evidenciados nessas caminhadas alguns fragmentos de louça, pote, ferro a brasa e uma moeda. Essas materialidades, estava espalhada perto da antiga casa sede da fazenda. São objetos de uso domésticos que poderiam ter sido usado nessa fazenda. Já a moeda encontrada, era no valor de um cruzeiro, pertencente ao ano de 1981. Vale destacar, que as terras que compreendia essa propriedade se transformaram em roçados para plantação de milho, feijão e mandioca. Outras partes da mesma, são destinadas as pastagens para os animais que os moradores locais criam entre esses: bovinos, caprinos e ovinos, pois fazem parte das atividades de subsistência dos familiares de seu Martin, entre esses seus filhos e netos que demonstram que essas ocupações se perpetuam até o momento, sendo adquiridos e repassados por herança familiar (Figuras 81,82, 83 e 84).

Figura 81- Fragmento de louça.



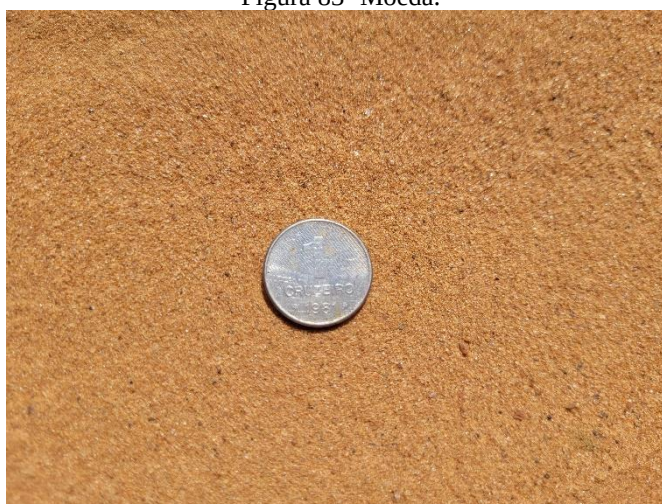
Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 82- Fragmento de pote.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 83- Moeda.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 84- Ferro a brasa.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Essa convivência com a comunidade durante a realização dessa pesquisa me permitiu refletir, sobre o papel da pecuária e atividades agrícolas em comunidades rurais, pois evidenciam que as mesmas desempenham um importante papel no estabelecimento desses grupos nesses locais. Que resultou em uma vida no tocante a agropecuária, visto que a área que pertence a esse território, as pessoas vivem em contato direto com a terra, e não existe faixa etária para a execução desses trabalhos, pois os mesmos aprendem desde cedo, a maioria quando criança, pois suas experiências com este ambiente contribuem para o reconhecimento destes saberes locais que tem caracterizado o Piauí enquanto um estado que foi desenvolvido a partir das instalações de fazendas e criação de gado. Isso influi em uma realidade ainda maior que não se restringe apenas aqui, mas em todas as demais regiões do Nordeste brasileiro. (Figura 85).

Figura 85- Curral presente na antiga fazenda.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Dessa maneira, observa-se que as experiências adquiridas pelos moradores ao longo de suas vivências nesse território, tem marcado a trajetória desta comunidade e consequentemente possibilitou e ampliou a permanências desses grupos aqui. Todos os colaboradores deste estudo, possuem laços muito fortes com a localidade e afirmam que encontraram nesse meio uma forma de sustento para suas famílias. Nesse sentido, a comunidade de Queimadinha véa foi desenvolvida seguindo essas direções, sendo instrumentalizada e motivada por esses fatores, responsáveis pelo fortalecimento dos sentimentos de identidades que foram promovidos através desse convívio com o ambiente, sendo estas partes indissociáveis da paisagem. “A identidade da paisagem não reside apenas em sua forma, mas também na maneira como a sociedade a aprende e vivência” (Nascimento; Scifoni, 2010). Logo, essas questões se relacionam com aspectos diversos, como a interação das pessoas com este meio ao longo do tempo, esses processos despertam o reconhecimento das histórias locais, revelando memórias e esses laços no presente.

5.1.5 Fazenda Doutor Caio

A Fazenda Doutor Caio fica localizada na Garça, parte do território que foi originado a partir de Queimadinha Véa, entre as coordenadas: 23 L 07571818 UTM 9004622. Seus

proprietários são a da família do Doutor Caio, sendo monitorada por um de seus filhos o senhor José do Egito. As terras que compõem esta propriedade foram compradas em 1965 e também estavam sobre a tutela do Patronato Agrícola. Pe Carlos Martinez, possuindo uma área extensa que englobam 180 hectares, essas que por sua vez estão divididas entre os familiares. A família, que construiu essa propriedade veio de São Raimundo Nonato Nessa época para edificar está fazenda e criar animais como: bovinos e caprinos. A Fazenda ainda está em funcionamento e conta com aproximadamente 150 cabeças de gados, que são destinados à venda e para o consumo desta família. A casa sede desta fazenda é composta por sete cômodos: 3 quartos, sala, cozinha, banheiro e uma varanda, curral e chiqueiros (Figuras 86 e 87).

Figura 86- Fazenda do Doutor Caio.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 87- Curral da Fazenda Doutor Caio.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Como toda pesquisa tem suas dificuldades, caracterizar e entender essa fazenda não foi fácil, procurei conversar com os familiares responsáveis por essa propriedade mais não consegui. Essa parentela mora em Tersina-PI, e entrei várias vezes em contato com o senhor José do Egito que é o responsável pelo local, mas ele não quis conversar. Dessa maneira, procurei centrar nas narrativas das pessoas que trabalharam e que ainda trabalham neste lugar, e conversei com dois vaqueiros; o senhor Gracino que prestou serviço na mesma por mais de dez anos, e seu Solimar que ainda é vaqueiro de lá e já tem quarenta e seis anos prestando serviço nesta propriedade.

Nas conversas com seu Solimar²⁵, ele contou que está fazenda contava com três trabalhadores, entre esses estava ele, seu Gracino e um senhor conhecido como Pedrão. Todos trabalhavam nas roças, executando tarefas diferentes: capinar, plantar, colher e cuidar do gado.

²⁵ Solimar Ferreira de Oliveira, 70 anos. Entrevista realizada em 20/03/ 2023

Ele ressalta que nessa propriedade a única coisa que não de plantava era mandioca, e quem cuida de tudo na fazenda é ele, porque os donos moram fora da cidade e só vem a cada 6 meses na propriedade (Figuras 88 e 89). A casa que seu Solimar mora, pertence a fazenda e ele” mora de favor” no dado local. Seu Solimar diz:

Aqui o trabalho era todo mundo junto, e tinha 3 vaqueiros que era eu, o Gracino e o Pedrão. A família do Dr Caio vem duas ou três vezes no ano, mas quem cuida é a gente mesmo. Eles são em 3 filhos, o dr Zé que é quem paga ele nasceu em São João, o Paulo nasceu em Bom Jesus do Gurgueia e o Milton nasceu aqui. Agora esse povo todo mora fora e eu que continuo cuidando de tudo (Solimar Ferreira de Oliveira, 70 anos)

Figura 88- Conversa com seu Solimar.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 89- Casa de seu Solimar.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Durante esse diálogo com seu Solimar, ele contou como era a vida na fazenda no período em que a mesma foi construída. Esta propriedade contava na época com cerca de 200 gados e 500 bodes e ovelhas. Agora o local tem em média 150 gados e 50 ovelhas. Para buscar o gado, os donos contratavam vaqueiros de fora. Era o senhor Gracino que buscava os animais em locais mais distantes da fazenda. Seu Solimar ressalta que foi sempre vaqueiro da roça. Essa denominação êmica de “vaqueiro da roça”, é bastante evidente nesta comunidade, pois em uma pesquisa que realizei em 2019 apareceram dois tipos de atribuição para os vaqueiros deste território. O “vaqueiro da roça” é considerado menos habilidoso e restrito aos cuidados das áreas situadas próximas as suas casas; e o “vaqueiro do mato”, mais treinado no domínio da cantiga, empreendendo desse modo longas jornadas pela caatinga, tornando as roupas apropriadas indispensáveis (Silva, 2019). Nesse sentido, seu Solimar explicou o que o vaqueiro da roça faz e qual é a sua função nesta fazenda:

Aqui eu andava demais, fazia o percurso todo para levar o gado para o riacho, mas eu nunca fui vaqueiro para andar correndo atrás de gado não, seu Zé contratava alguém de fora, o Gracino era quem mais andava para fora, eu fico é mais nas roças cuidando das coisas. O vaqueiro da roça faz tudo que precisar, ele planta, capina, cuida do curral e assim vai. Aqui eu trabalho mesmo é dentro das roças, e onde me chamar para fazer o serviço eu vou (Solimar Ferreira de Oliveira, 70 anos).

No encontro com seu Gracino²⁶, ele me contou um pouco de sua história e sua relação com o território de Queimadinha Véa. Ele chegou nesta comunidade 1970, para trabalhar como vaqueiro nesta área, pois morava no Povoado Canário, próximo a São Raimundo Nonato. Nas suas lembranças sobre esse território, as paisagens desse local eram baseadas nas fazendas, e nos serviços de roças, pois tinha bastante naquele tempo. Dessa forma, ele ressalta que foi a partir da década de 1960 que foram formadas as primeiras fazendas daquele lugar (Figura 90). Ele diz:

Aqui para essas bandas, tinha muitas fazendas, o povo não tinha do que viver era só nesses serviços mesmo. Aqui tudo era fazenda, a vida aqui não era fácil não, era difícil as coisas aqui. Eu cheguei desconhecido e cheguei fraco de recurso, eu morava em outro lugar, cheguei por volta de 70 aqui, vim trabalhar como vaqueiro e depois virei morador, aí eu botei uma rocinha pra mim de quatro tarefas e vim campear nas roças. Trabalhei em duas fazendas daqui, uma da Garça e outra aqui mesmo em Queimadinha, aqui era tudo misturado, hoje que dividiram tudo, aqui era um lugar só. Na do Doutor Caio em trabalhei mais de dez anos, lá era grande e bem cuidado, já aqui para esses lados eu trabalhei aqui no Zelão, aquela cancela que você passou vindo pra cá era lá que ficava a fazenda dele, lá eu fui vaqueiro por sete anos, quando saí ganhei de direito essa terrinha aqui, aqui tudo agora é meu de papel passado. Mas como te falei, aqui era tudo fazenda, em tudo que era lugar tinha uma, eu me lembro da de seu avô, a do Zé Chica, e essas que eu trabalhei. Só que agora tem outra nova aí a do Monte Claro. Aqui tudo era perto da outra, era de 3 léguas para trás. (Gracino Ferreira da Silva, 85 anos).

Figura 90- Conversa com Seu Gracino.



Fonte: Acervo autora (2022).

²⁶ Gracino Ferreira da Silva, 85 anos. Entrevista realizada em 18/08/2022.

Nas percepções de seu Gracino, esta fazenda ainda está em funcionamento porque este local sempre foi bem cuidado e já foi reformada diversas vezes. Ele destaca, que das propriedades construídas na década de 1960, a Fazenda Dr Caio é a única que permanece em utilização no presente, pois as demais foram acabando e hoje só tem o ‘lugar’. Naquela época, as terras eram férteis para a criação de gado devido à grande quantidade de pasto que tinha nas imediações dessas propriedades, as chuvas também eram mais intensas o que facilitava muito o armazenamento de água, principalmente nos riachos. De acordo com ele, foram esses os fatores que fizeram de Queimadinha Vêa um território construído e marcado por tais atividades. Seu Gracino diz:

Aqui vivia mais era de criatório, tinha uns poderosos aqui e aquela Fazenda do Zé Chica era quem tinha muito serviço para botar trabalhador para ganhar um dinheirinho, depois chegou o Martin que tinha muito serviço da redondeza. E todo mundo vivia era disso mesmo e de uns tempos para cá tudo ficou melhor, e todo mundo tem filho e neto para ajudar nas roças e cuidar dos bichos. Foi acabando e só ficou o lugar. Aí só ficou mesmo desse tempo antigo a do Caio porque lá é bem cuidado, pagam as pessoas para cuidar, agora tem outras fazendas por aí por perto, e tem a do Monte Claro que é perto e fica aqui na Queimadinha. Essas chapadas aqui sempre foram boas para gados, por isso muita gente sempre criou e ainda cria porque aqui não tem outro meio de vida não, ou é plantar ou cria bicho mesmo. Outra coisa, aqui a gente se virava para dar água os animais, sempre teve muito riacho aqui perto aí a gente não se preocupava tanto, no tempo da seca a gente pegava e fazia as cacimbas, cavava nos riachos e cobria para durar mais tempo e ir se virando enquanto não chovia (Gracino Ferreira da Silva, 85 anos).

Conforme as experiências de seu Gracino com a terra, a ocupação desses locais se deu a partir dessa disposição para o criatório. Logo, a razão da existência de tantas fazendas nesta região, se explica pela maneira que os terrenos eram ocupados em detrimento as necessidades que o gado tinha de permanecer em locais com fácil acesso a água e Queimadinha-Vêa sempre foi um ambiente com tal disposição. Dessa forma, os proprietários construíam essas edificações onde tivesse muitas pastagens e água, pois desejavam e necessitavam de grandes extensões fundiárias para deixar os animais soltos pela caatinga. Tais argumentos se articulam nas palavras ditas por Mott (1975), quando ele ressalta que ‘criar gado solto’ eram uma característica exclusiva do Piauí, pois não haviam cercas que estabelecessem seus limites de ocupação. Logo, a região de São Raimundo Nonato foi constituída a partir dessas particularidades. Ainda de acordo com o autor, escolhiam estes lugares para a instalação das fazendas, certificando-se da existência de boas aguadas, construía-se primeiro o curral onde pudessem ser abrigados os animais, e as demais instalações vinham com o tempo, junto com os progressos das criações.

Seu Gracino ressalta que no tempo da ‘seca’ que era o período em que as chuvas na região eram escassas para obter água era necessário cavar cacimbas para ajudar na lida com o

gado. Dessa forma, “o riacho do Doutor Caio” era um desses locais que eram abertas as tais fontes de água. Para os trabalhadores locais, esse córrego era essencial para a labuta do cotidiano, pois era desses espaços que obtinham água para o uso e afazeres domésticos bem como para os animais (Figura 91). Seu Gracino narra:

Aqui no tempo da seca, o lugar que passa água nos riachos era tudo cavado para minar e poder dar água os bichos, o riacho sempre foi importante para nós porque ajudava nas coisas em casa, como também para os animais. No caso das fazendas, o riacho era o principal porque nós o vaqueiro soltava o gado ou então ia guiando eles até no riacho para poder beber água, uma coisa era certa todo fazendeiro ou criador de gado tinha que ter a casa ou a roça próxima de um lugar com água porque facilitava demais a criação deles, ou então eles mandavam cavar um poço ou fazer cisterna (Gracino Ferreira da Silva, 85 anos).

Figura 91- Riacho do Doutor Caio.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Nas imediações desse riacho foram realizadas caminhadas em seu entorno e foi evidenciado alguns vestígios materiais. Entre esses está: um forno artesanal todo confeccionado em tijolos, pedras e barro, havia também telhas e blocos espalhados pelo entorno. De acordo com os moradores, era usado para a produção de carvão vegetal local que serviria para o cozimento dos alimentos, que na ocasião se usava os famosos fogareiros e fogões a lenha. Ao lado dessa fornalha, tem um local onde o pessoal costuma descartar e queimar lixos de suas casas (Figuras 92 e 93).

Figura 92- Fornalha (forno artesanal).



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 93- Área de descarte.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Próximo ao riacho, foi construído uma cisterna para ajudar nos afazeres diários dessa fazenda, a mesma foi feita no ano 1968, possuindo a profundidade de 14 metros. Os materiais

usados na sua fabricação foi tijolos e massa de cal, essa água era usada para lavar roupa, cozinhar. Nos dias atuais, a água desta cisterna é exclusiva para abastecer a caixa de água que é ligada ao banheiro da propriedade (Figura 94). Seu Solimar explica:

Essa cisterna tem 14 metros de fundura, e no tempo antigo a gente usava para lavar roupa e fazer comida, hoje a gente usa é no banheiro da casa porque ela mina muita água. Daqui a água vai para caixa para poder tomar banho, essa hora aqui já tá caindo água lá. Fizeram a cisterna redonda e usaram tijolo e massa de cal porque na época não usava cimento. Quem fez essa cisterna foi o finado Cazé pai da Vanda, porque os filhos do Cazé foram tudo criado aqui do outro lado do riacho. Aqui a água da cisterna quem usa é só a família do caio e quem trabalha pra ele (Solimar Ferreira de Oliveira, 70 anos).

Figura 94- Cisterna do Doutor Caio.



Fonte: Acervo da autora (2023).

As narrativas das pessoas que compõem as comunidades locais, demonstram que no decorrer dos anos, o território foi se estabelecendo a partir dessas unidades produtivas e dessas atividades criatórias e agrícolas que se organizaram por ali. Dessa maneira, ao direcionar o olhar sobre o território de Queimadinha Véa, é possível compreender a concepção de território indicada por Zedeño (2008), que ressalta a importância entre os diversos usos desses espaços, constituído por paisagens significativas, e espaços ocupados, indicados pela presença humana e suas relações com a terra em um ambiente semiárido que foram caracterizados pelo processo

e constituição de fazendas e pequenos currais, que ao longo dos anos, conformou-se nas atuais configurações territoriais das comunidades rurais dessa região.

Desta forma, entender como se deu todo esse processo de formação da comunidade a partir desses recursos, se fez necessário nessa pesquisa para compreender suas formas de vida e suas histórias. Nesse sentido, para alguns colaboradores a materialidade se faz presente por meio de ressonâncias que se conectam entre os objetos e as pessoas. Outros acreditam que os objetos e esses espaços se relacionam entre si, compreendendo o que foi dito por Ingold (2010), os objetos e as coisas materiais devem ser entendidas como ‘coisas’, cujas relações se estendem para além das relações humanas, já que os seres se relacionam entre si. Assim, as coisas constituem e incorporam um emaranhado de elementos que se transformam e movimentam-se constantemente. Dessa maneira as experiências e as memórias se conectam nesse meio a partir da conjuntura de quem viveu, e os lugares e as coisas de quem habitou aquele espaço.

5.1.6 Fazenda Zé Chica

Esta fazenda está localizada na parte do território que os moradores chamam de Queimadinha Véa, entre as coordenadas 23 L 0762170 UTM 9004431. Essa propriedade pertencia ao casal José Ribeiro, que era conhecido por Zé da Chica e sua esposa Luíza Teresa Ribeiro. As terras que compõem essa fazenda pertenciam a família Negreiros, e os moradores locais compraram essas glebas no ano de 1954, quando vieram de São Lourenço do Piauí para resistir nesta comunidade. Seu Zé da Chica, foi um vaqueiro muito conhecido na região devido seu trabalho que sempre foi admirado por todos ao seu redor. Nesta localidade, o mesmo constituiu uma imagem heróica associada ao passado do vaqueiro, ressaltando sempre as suas habilidades com o gado no contexto da caatinga (Silva, 2019) (Figura 95).

Figura 95- Área da Fazenda Zé Chica.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Seu José Chica (*in memória*), fez muitos serviços para fora, trabalhava em muitos lugares e segundo informações de sua família o mesmo tocava o gado até Pernambuco para a venda. Seu Zé Chica faleceu em 1978, durante seu trabalho onde foi atropelado por um trator que estava trabalhando em uma ladeira²⁷ da comunidade. Colaboradores desta pesquisa, relatam que o sujeito foi um vaqueiro valente e o mais conhecido da região, pois realizava as atribuições de fazendeiro, vaqueiro e boiador, inspirando as pessoas ao seu redor (Silva, 2019).

Dessa maneira, o local onde ficava localizada essa fazenda, hoje pertence aos seus familiares e estão sobre os cuidados de sua filha Ana Teresa que cuida dessas terras juntamente com seu esposo Manoel Simplício. Logo, procurei conversar com essas pessoas para entender melhor esta propriedade e suas particularidades. A visita a este local aconteceu no dia 21 de agosto de 2022, era um dia de domingo e eu passei o dia todo por lá, fui pela manhã e voltei a noite. Ao chegar no local, seu Manoel Simplício tinha chegado a pouca hora de sua roça, pois o mesmo todo dia pela manhã vai dar ração e comida os animais que eles criam. Na primeira vista, a primeira coisa que observa é um espaço amplo que concentra uma grande quantidade de plantação de palmas que servem de alimentação para o gado. A varanda de sua residência é

²⁷ Uma espécie de elevação do solo.

rodeada por indumentarias dos vaqueiros, pois seu Manoel gosta de pendurar suas vestimentas na frente de sua casa (Figuras 96 e 97).

Figura 96- Casa do Manoel (onde ficava a fazenda Zé Chica).



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 97- Antiga casa sede da Fazenda Zé Chica.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Seu Manoel Simplicio²⁸, me contou que desde muito cedo trabalhou em atividades de roça; e ressalta que começou a criar gado quando se casou com dona Ana que é filha de seu Zé Chica, pois aprendeu com seu sogro a trabalhar nessas ocupações, desde então nunca mais deixou de criar. Ele ressaltava, que a propriedade que eles residem hoje, era a casa sede da fazenda que pertencia a seu sogro, pois quando o mesmo faleceu deixou de herança para sua filha. Seu Manoel sempre foi vaqueiro e exerceu essas funções na época em que esse curral era maior, pois já são mais de cinquenta anos que ele reside na comunidade e dedica-se a cuidar de tudo (Figura 98). Dessa forma, ele conta um pouco de sua história e relação com esta fazenda:

O negócio da fazenda era assim, o pai da Ana já tinha as terras, tinha o Martin seu avô que também tinha fazenda e trabalhava para ele mesmo. Aqui só vivia era mais nesses serviço de plantar aqui e acolá, e criar os bichos para vender e para comer mesmo. Nesse tempo que ele comprou as terras, não era legalizado igual hoje, era a posse, não se chamava de hectare, dizia era tantos cruzeiros de posse numa fazenda dessa, então foi assim que ele adquiriu as terras, já de moradores daqui os das famílias de vocês, os Negreiros. Eu já cheguei aqui em 1965 e já comecei a trabalhar aqui na fazenda dele (Manoel Simplicio Damasceno, 77 anos).

²⁸ Manoel Simplicio Damasceno, 77 anos. Entrevista realizada em 21/08/2022

Figura 98- Sede da antiga fazenda.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Deste modo, esta fazenda possuía em média 100 cabeças de gado e foi fundada próximo ao riacho da comunidade pois este recurso hídrico foi quem ajudou e favoreceu o desenvolvimento da mesma. A imagem abaixo representa uma cocheira feita de cimento que é usada para armazenar água para os animais (Figura 99). Seu Manoel Simplício, recorda que o território de Queimadinha Vêa sempre foi destinado a essas atividades:

Aqui na Queimadinha vivia mesmo era de plantar, criar gado e tudo que era serviço de roça. A gente levava o gado todo para beber água no riacho, e a gente criou nossos filhos buscando água nas lagoas, no riacho, bebendo água salgada desses riachos aqui. Quando secava a gente cavava as cacimbas para beber, lavar tudo, dar os bichos e fazer tudo. Pegava água nos jumentos, usava os barril, a vida antes era mais difícil. (Manoel Simplicio Damasceno, 77 anos).

Figura 99- Cocheira de cimento.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Nas conversas com Dona Ana, ela relembra que a fazenda de seu pai possuía uma casa de farinha, e ressaltou que esse elemento existia pouco por alí, já que consistia em um atributo de propriedades maiores. Dessa maneira, ela me contou que guarda uma roda que pertencia a referida casa de farinha, os demais componentes foram vendidos pelos seus filhos e hoje guarda de lembrança dessa época e me chamou para ver onde a mesma fica. Em seu quintal, a roda permanece guardada encostada em uma cerca que pertence a sua residência. Ao me mostrar este objeto, dona Ana relembra como que eram organizadas as farinhadas na fazenda de seu pai, de acordo com ela, era preciso 2 arrancadores que eram pessoas que ia até a roça retirar as raízes, 1 carregador, que era responsável por trazer as mandiocas até a casa de farinha e 3 rapadaeira, que eram geralmente mulheres que ficavam responsáveis pela desmancha e trituração da mesma. Tinha também, o forneiro que fazia a farinha e o preneiro que ficava encarregado de prensar a massa e colocar para secar (Figura 100). Dona Ana, descreve este processo:

No tempo da desmancha de mandioca tinha gente demais por aqui trabalhado, porque a gente pegava uma seis carga por dia. Aqui é a roda veia que era da fazenda do papai, a gente botava um mourão do lado do outro, aí pegava essa roda e botava no mourão, aí ela ficava em pé no chão entre o mourão, aí os homens ia rodando e faziam a farinha para colocar nos sacos de tapioca, aí tinha muita mulher danada que ralava as mandiocas. Ai a manipueira que é a água da massa a gente botava nas

cocheiras feitas de pneus, ou então nas feitas de umburana, e as mulheres ao redor delas espremendo (Ana Teresa Damasceno, 66 anos).

Figura 100- Dona Ana mostrando a roda da casa de farinha.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Outro importante item que se usavam nas farinhadas dessa fazenda, era o chamado aió que consistia em um cesto confeccionado artesanalmente. Segundo dona Ana, os mesmos eram usados para armazenar as raízes da mandioca que ficava na casa de farinha, era usado também, para colocar nos animais e ir até a roça pegar as raízes. Em sua casa, ainda hoje esse elemento se faz presente no seu cotidiano, pois para ela significa recordar daquele tempo em que trabalhou nos processos de fabricação das farinhadas (Figura 101). Ela diz:

A gente colocava tudo nos aió, ainda hoje eu tenho um, deixa eu te mostrar menina, o povo fala que o negocio de oió acabou mais eu ainda tenho guardado para lembrar. Os aió era toda vida 2 jumentos para carregar mandioca, dois em cada jumento, aí envolvia muita gente (Ana Teresa Damasceno, 66 anos).

Figura 101- Dona Ana e seu Manoel mostrando o aió.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Nesse sentido, de acordo com os moradores que residem nesse local hoje, está fazenda foi muito importante para o desenvolvimeto da comunidade, pois foi a partir dela e das ativiades que eram exercida nelas que outras pessoas começam a povoar o território vinda de outras regiões da cidade para trabalhar nessas ocupações. Dessa maneira, esse tipo de moradia foi o que favoreceu o estabelecimentos de outros grupos naquele espaço, pois além de trabalhar nesses locais, os mesmos passaram a se fixar na localidade construindo assim suas residencias, baseando-se também no modo de vida local.

5.1.7 Fazenda Monte Claro

Esta fazenda fica localizada na parte do território que os moradores chamam de Queimadinha Véa, entre as coordenadas 23 L 0764649 UTM 9004183. Essa propriedade pertenceu inicialmente a três moradores, o primeiro foi um senhor chamado Carlos Vagner Lopes, que veio de São Raimundo Nonato e construiu essa fazenda em 10 de agosto de 1998, depois passou para os cuidados de Carlos Figueiredo e hoje a mesma pertence ao seu sobrinho Nilo Eduardo Figueiredo Lopes. A área total dessa propriedade compreende cerca de 498 hectares que estão divididas entre os familiares dos mesmos.

Dessa forma, procurei conversar e conhecer um pouco dessa fazenda e das atividades que são exercidas nela através de seus moradores atuais que são o casal: Dinavan dos Santos e sua esposa Vanessa Amorin. Marquei uma visita a este local no dia 9 de dezembro de 2022, foi um dia bastante chuvoso no local, pois estava no período de inverno. Ao chegar neste espaço, dona Vanessa veio me receber logo na porteira e já foi me contando que mora naquele estabelecimento a mais de vinte anos, exercendo todas as atividades que a fazenda necessita. Seu Dinavan estava colocando o cavalo na roça e chegou logo depois (Figura 102).

Figura 102- Sede da Fazenda Monte Claro.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Dona Vanessa, começou me contando que veio da cidade de Brejo do Piauí para morar em Queimadinha no ano de 2002 quando se casou com seu Dinavan, que já era morador do local. Ela ressalta que, já veio direto para morar e trabalhar nesta fazenda, pois os mesmos exerciam a função de vaqueiros, e na época os proprietários estavam precisando de pessoas para trabalhar e cuidar de toda a propriedade, pois os mesmos viajavam muito e não tinha como se dedicar a cuidar do local. Ela diz:

Eu vim lá do Brejo do Piauí para trabalhar aqui nesta fazenda quando eu casei em 2002 com o Dinavan que nasceu e já morava aqui nesta comunidade. Aqui eu faço de tudo, eu costuro, faço parto dos animais, e cuido de tudo. Eu já levanto e vou fazer café e ajudar no curral (Vanessa Amorin Santos, 37 anos).

Em seguida, seu Dinavan começou a contar que as terras que compreendem essa fazenda pertenciam a família Rubens que residia em São Raimundo Nonato, só que a fazenda só foi construída quando venderam essas terras em 1997, antes essas glebas eram caracterizadas por grandes pastos que serviam de alimentos para currais menores que tinham nas redondezas. Abaixo a paisagem do local (Figura 103). Seu Dinavan explica:

Quem começou a construção dessa Fazenda Monte Claro foi o Zé Luiz que o povo conhece por Pereirão. O primeiro vaqueiro e que cuidava de tudo por aqui era o Nego Manuel, e a fazenda tem 498 hectares. Aqui essas terras antigamente eram do povo dos Rubens, até esse baixão aqui era chamado de baixão do vei Rubem. Então o primeiro dono comprou desse pessoal (Dinavan Santos, 39 anos).

Figura 103- Paisagem da Fazenda Monte Claro.



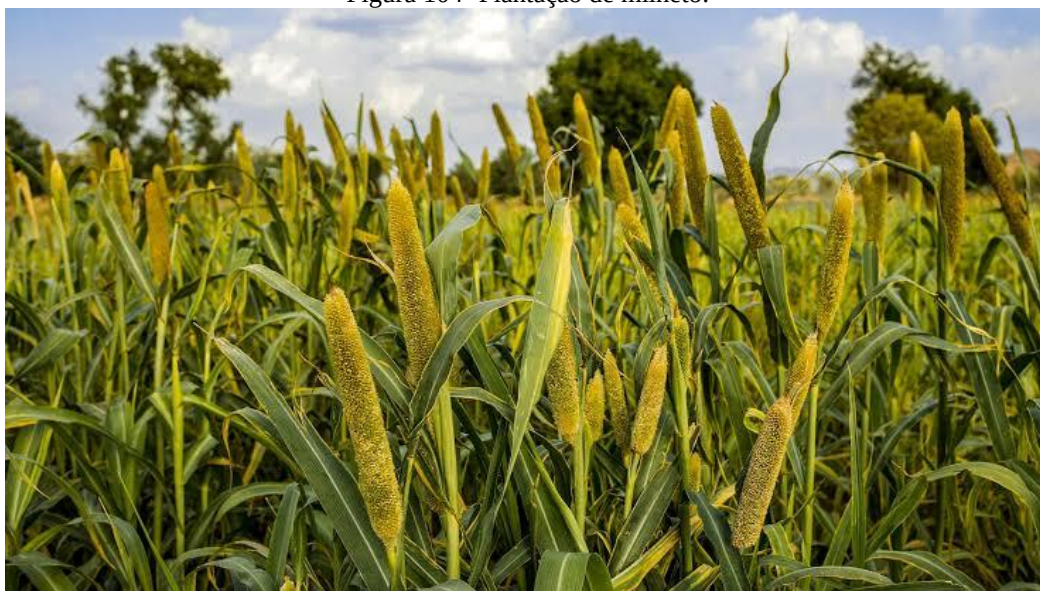
Fonte: Acervo da autora (2023).

Diferente das demais propriedades fundadas na região, esta fazenda é direcionada a outras plantações que favorecem o tipo de animal que a mesma cria. De acordo com os moradores locais, o que se planta é milho e sorgo, que são tipos de cereais muito parecido com o milho que é destinada ao consumo humano e de animais. Dessa maneira, o gado que se cria neste estabelecimento é destinado somente para a venda e para exposições, por se tratar de animais caros e de raças raras. Dessa forma, esse tipo de cultivo favorece o desenvolvimento desses animais. Logo, as estruturas e objetos que compõem essa propriedade são destinados a

esse tipo de tratamento, ou seja, as máquinas presentes ali são responsáveis para a trituração desse tipo de comida (Figuras 104 e 105). Seu Dinavan descreve:

Aqui nessa fazenda o que mais a gente planta é milho, e milheto. O milheto parece uma semente de alpiste e parece bastante com um pé de milho, e a gente usava para fazer Silagem. A silagem é usada para fazer forragens para a alimentação dos animais. A silagem também é conhecida por muitas pessoas de capim de cana ou capim de forrageira, aqui geralmente a gente planta umas 60 tarefas de milheto. Aqui a gente usa o sorgo também nas forragens, o sorgo também é um tipo de milho que ajuda na alimentação dos animais. Aqui a gente vive basicamente da fazenda, aqui tem uma barragem grande que tem bastante peixe para consumo (Dinavan Santos, 39 anos).

Figura 104- Plantação de milheto.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 105- Seu Dinavan carregando rações.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Ao andar e observar o local, seu Dinavan e dona Vanessa me acompanham explicando como é dividido cada repartimento dessa fazenda. Essa propriedade conta com cinco repartimentos, que são divididos em: uma brete que é um curral menor que é usado para embarcar o gado para vacinar, uma carregadeira que é para levar as rações, e um depósito que o pessoal usa para armazenar os alimentos. Já o silo, consiste em um buraco que eles usam para colocar rações. Além de uma casa de motor que fica guardado as máquinas como a forrageira e a siladeira, e a casa sede da fazenda que é onde eles vivem (Figuras 106, 107, 108, 109 e 110). Abaixo o registro desses locais Seu Dinavan diz:

Essa siladeira é uma máquina que a gente usa aqui na fazenda em qualquer momento porque ela serve para triturar, sorgo, milho e tudo que serve para as forrageiras, elas é quem abastecem os silos e ajuda diariamente no processo de triturar os alimentos para os animais. O silo é tipo um depósito de ração e esse que a gente usa tem 6 metros de comprimento, 3 de largura e 4 de fundura. A Vanessa desce por essa escada aqui, enche os sacos e entrega para mim e depois ela coloca a escada para subir novamente (Dinavan Santos, 39 anos).

Figura 106- Espaços que compõem a Fazenda Monte Claro I.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 107- Espaços que compõem a Fazenda Monte Claro II.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 108- Espaços que compõem a Fazenda Monte Claro III.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 109- Espaços que compõem a Fazenda Monte Claro IV.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 110- Espaços que compõem a Fazenda Monte Claro V.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Com relação aos animais criados neste local, eles ressaltam que criam, jumentos da raça Pêga, pois esse animal é bem forte para trabalhar e ajudar na fazenda, e as éguas quarto de milhas que são usadas para a labuta diária com os animais e para as jornadas na caatinga. O gado é destinado ao corte e para as exposições anuais que acontecem no Brasil. Logo, eles ressaltam que a raça desses animais é chamada de Tabapuã, e que seu patrão compra fora esses animais, geralmente nessas exposições. A cada 4 anos, ele trás de um local diferente para mudar a genética desses animais, a última vez que o proprietário trouxe, o mesmo veio de São Paulo (Figura 111). Ele diz:

Os jumentos e as éguas usamos para o trabalho todo dia, já o gado a gente cria é para corte, aqui a gente cria a raça Tabapuã. As vezes o Nilo Eduardo traz esses animais de fora ou compra nas exposições. A cada 4 anos ele traz de um lugar diferente para mudar a genética. Essa última vez ele comprou em São Paulo e trouxe para cá, e esses animais chegam a custar entre 18 a 20 mil reais o touro para a reprodução (Dinavan Santos, 39 anos).

Figura 111- Seu Dinavan mostrando seu cavalo.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Dona Vanessa, ressalta os tipos de gado quem tem nessa propriedade (Figura 112). Ela descreve cada um:

Gados LA, são puros por cruzamento, ou seja, pai e mãe puros e não registrados, o filhote custa em média uns 2500 reais, o valor depende muito da idade e tamanho. Já os gados Puros PO, são registrados pai e mãe e o filho também é registrado, custa aproximadamente 5 mil reais (Vanessa Amorin Santos, 37 anos).

Figura 112- Gados da raça LA.

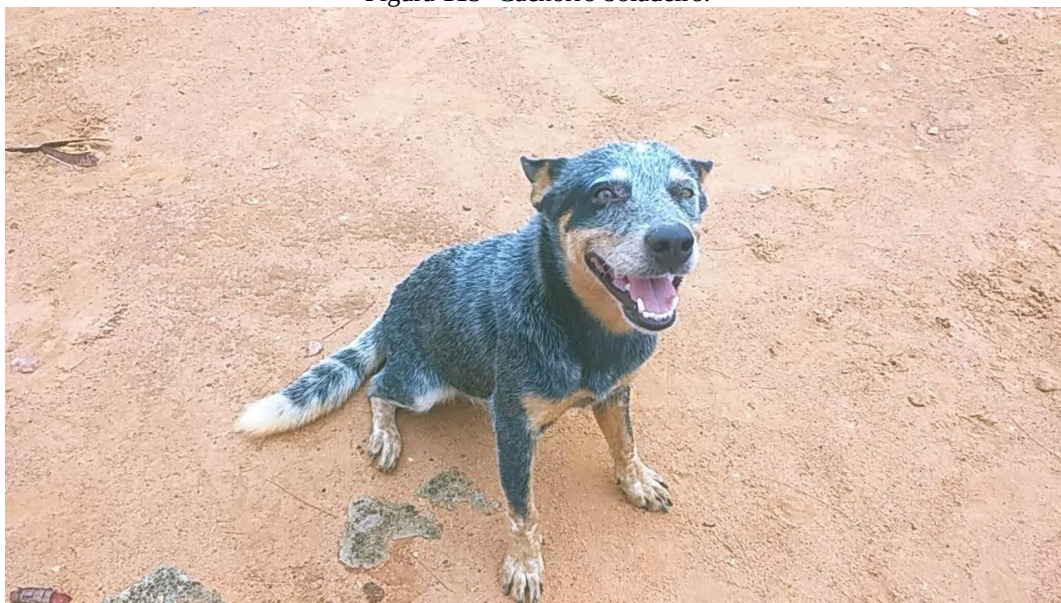


Fonte: Acervo da autora (2023).

Para ajudar, a rebanhar o gado para o curral e para as demais áreas que compõem essa propriedade, os mesmos contam com a ajuda de um cachorro Australiano, conhecido popularmente como cachorro boiadeiro, que acompanha seu Dinavam nas tarefas e lida com os animais na fazenda e em seus arredores (Figura 113). Seu Dinavan, ressalta;

Para ajudar a gente com esses gados, a gente cria um cachorro Australiano conhecido por cachorro boiadeiro, ele é quem rebanha o gado todos os dias, os cachorros puros são azulados e vermelhos. Criamos também galinhas, só que essas a gente cria por conta própria para o nosso consumo mesmo. O jumento se a gente for vender eles custam 100 reais o filhote, mas a gente cria mesmo é para trabalho aqui na fazenda (Dinavan Santos, 39 anos).

Figura 113- Cachorro boiadeiro.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Esta fazenda conta com um espaço bem amplo que favorece o desenvolvimento desses tipos de animais. A barragem que pertence ao local foi construída nos anos 2000 para auxiliar na criação dos mesmos, é a água que provém dela que é usada na casa sede da fazenda para diversas funções, bem como: lavar roupa, louças e para encher os recipientes para animais beber. Esse espaço também, consiste em um lugar de lazer para os moradores locais pois sempre vão nesse recinto para pescar, nadar e se divertir com os familiares (Figuras 113 e 114). Dona Vanessa, conta sua relação com a mesma:

Nessa barragem, eu pego peixe porque a gente cria aqui também, eu venho banhar com o Dinavan e minhas filhas, e trago amigos também. Eu tenho várias fotos nesse lugar vou te mostrar e aí você bota na pesquisa.

Figura 114- Momentos de lazer na barragem da fazenda.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 115- Lazer na barragem da fazenda Monte Claro.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Dessa maneira, as configurações que são dadas ao território que antes era conhecido por Queimadinha véa, são norteadas a partir do estabelecimento desse tipo de construção e dessas relações com a terra. Logo, as comunidades Garça e Queimadinha desenvolveram-se fragmentada na pecuária extensiva e agricultura, marco fundacional da Paisagem Cultural de muitas cidades Piauiense, entre essas São Raimundo Nonato que abriga essas localidades. Dessa forma, a significância desse local, reside nas edificações, conjugando o material e o imaterial, presente e passado, natureza e os diferentes seres existentes.

Portanto, este estudo desenvolvido junto à comunidade, procurou demonstrar como as pessoas por meio de suas experiências e vivências com os lugares e paisagens locais foram significativas para a construção e estabelecimento desse território. Tanto no tocante aos saberes referentes aos processos que se desenvolveram por ali, que envolvem as dinâmicas ambientais, como as relações de parentesco que englobam as suas percepções, olhares, narrativas, memórias, sentimentos e afetividades em contexto contemporâneo e do presente, que se desenvolveram a partir das materialidades e seus significados. Ao adotar essa postura, podemos perceber a arqueologia engajada como ciência social, que busca considerar a história de vida das pessoas sem distinção de religião, gênero ou classe social, e que se propõem em estudar e abordar esse campo de conhecimento. Nesse sentido, segui por esse caminho de pesquisa, que busca valorizar o modo de vida de cada pessoa, não só daquelas populações do passado, mas de populações vivas, como é o caso de Queimadinha Véa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de iniciar as considerações ressaltando a importância dessa pesquisa para a arqueologia, pois a mesma tem buscado maneiras de superar as “barreiras” que foram por muitas vezes colocadas nas dicotomias entre o “passado e presente”. Para mim, a arqueologia é muito mais que isso, é um instrumento capaz de resgatar diversificadas ‘vozes’, essas que por sua vez, foram muitas vezes “silenciadas”. Logo, esse tipo de estudo tem demonstrado resistências e as lutas contra a colonialidade. Dessa maneira, eu concordo com Hamilakes (2012), quando ele diz que a arqueologia é espaço transcultural e transdisciplinar, aberto para a inserção de novas histórias, pontos de vistas e novas maneiras de pensar o mundo, que vai além das práticas sociais, epistêmicas e políticas.

Nesse sentido, quando entrei no mestrado eu tinha uma visão diferente da arqueologia que eu tenho hoje, senti na pele um certo “preconceito” referente ao estudo que eu estava propondo desenvolver, isso me fez refletir sobre a nossa realidade, passei por momentos tristes, pensei em até mesmo desistir, mas foi aí que eu me senti mais forte e decidida a mostrar que a teoria arqueológica pode sim estudar e desenvolver pesquisas voltadas para um passado mais recente. As aulas de teoria que eu tive durante esse processo me ajudaram muito a superar esses “traumas”, ao trazer para nós, novos modelos e perspectivas decoloniais, que demonstraram que os contextos que estamos lidando podem ser abertos pelas afetividades e podem ser também libertadores, sem necessariamente deixar de ser um conhecimento. Como diz Hooks (2013), a teoria nesse caso, pode abarcar nossas experiências e nossas dores.

Trabalhar com a concepção de memória em um contexto recente, como foi o caso do entendimento do território de Queimadinha véa, me possibilitou a experiência de desenvolver um trabalho em contexto afetivo, onde eu mesma faço parte dessa história, e onde pude trocar, contar e compartilhar lembranças com o pessoal da ‘minha comunidade’. Posso relatar, que a medida que as conversas foram se intensificando, os sentimentos tomavam conta das pessoas, eram sorrisos, outras vezes lágrimas cobertas por saudades do tempo em que viveram naquele ambiente, que não se restringia apenas as pessoas, mas ao um conjunto de “coisas” que parecia se conectar entre si, ao se referir os locais evidenciados. Dessa forma, a memória foi um elemento transformador capaz de reconstituir a paisagem desse território através das experiências com o campo, percepções e vivências no presente. Ou ainda, conforme Bosi (1994), a memória é uma referência enraizada no presente, ou seja, poderíamos dizer que é através dela que o passado se faz presente.

Neste estudo, em linhas gerais buscou contar a história e a formação do território de Queimadinha Vêa, a partir das conexões entre pessoas e coisas. Dessa forma, foi possível tecer informações que revelam quem foram os grupos que ocuparam este local e como viviam, além de caracterizar as suas primeiras habitações e espacialidade. Logo, sessão realidades que configuraram no meio rural, empreendendo atividades de subsistência atrelada a essas ocupações, como a criação de animais, o manejo com a caatinga e roçados. Sendo assim, foi produzido um mapeamento que possibilitou registrar todos os espaços que apareciam entre as narrativas dos colaboradores, bem como suas particularidades. Em proposta com os objetivos dessa pesquisa, tornou-se viável a compreensão e distribuição das unidades domésticas e de fazendas que se desenvolveram ao longo desse território, bem como o registro das narrativas presentes nesses locais, que possibilitaram a construção da paisagem. Assim, foi por meio da arqueologia do presente e seus estudos em contextos rurais, foi possível articular inferências sobre as memórias, vivências e histórias que se articulam com o modo de vida local.

Através da Arqueologia Etnográfica, percebi como os marcos de origem da comunidade foram organizados em diferentes temporalidades, pois tinham pessoas que ao se referir a ‘origem dessa localidade’ englobavam a casa dos Negreiros e dos Mirandas como pontos estratégicos para tal desenvolvimento na década de 1920. Outras, já mencionavam as fazendas desenvolvidas na década de 1960 para esse começo. Dessa maneira, muito mais que procurar um ponto de origem para este local, o meu objetivo foi de demonstrar como um único contexto podem conter histórias variáveis, e que não se restringe a um único ponto de vista. Logo, as materialidades evidenciadas como: estruturas das casas, paisagens e objetos se articulam entre si, e são indicados como significados, que podem ser invocados no presente nesse processo de entender as histórias locais. Em vista disso, a memória se tornou uma experiência física e sensorial, que podem ser vistas como sementes de rememoração, colocadas por Halbachs (1990), pois as mesmas podem provocar reações diversas ao se relacionar com esses espaços que ocupamos. Logo elas servem, como estímulos para as pessoas se situarem naquele ambiente e reelaborar inclusive noções de seu passado, pensando em seus cotidianos a partir do presente.

Em Queimadinha Vêa, enquanto realizava esse estudo, comecei a refletir: Será que para essas pessoas pensar nesses locais, significam rememorar os vínculos com a terra, era baseada nas ocupações desenvolvidas? Está aí uma pergunta que eu me fiz várias vezes durante o campo, e foi através desse questionamento que eu pude perceber que sim. Para os moradores locais, Queimadinha Vêa se originou baseada no desenvolvimento da pecuária e da agricultura familiar. Podemos ver ao longo dessas investigações que esses hábitos e modos de vida, tinham

relação com parentesco, geralmente era avô que passou o conhecimento para o filho, ou neto, e assim ia se concretizando.

Outro ponto destacado nas narrativas, era a questão de as terras serem ‘férteis’ para tais designações, ou seja, vemos ao longo do texto, os colaboradores ressaltar que muitas pessoas vieram de “fora” para esta comunidade, com o intuito de muitas vezes conseguir um sustento para sua família, como foi o caso das pessoas que chegaram no dado local para trabalhar, como também de alguns fazendeiros, que apesar de fixar essas fazendas no território e de não ficar morando lá, destinaram as propriedades aos cuidados de funcionários, por perceber que de fato, que localidade tinha elementos importantes que favoreciam a instalações dessas propriedades, como por exemplo, os riachos. Logo, Queimadinha Véa demonstrou ao longo dos anos desde seu desenvolvimento que é fortemente marcada por tais trajetórias até nos dias atuais, pois são cerca de mais de 12 estabelecimentos agropecuários cadastrados no Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE), no ano de 2022. Entre esses estão: fazendas, sítios e pequenos currais destinados a tais finalidades.

Dessa maneira, é interessante perceber como esse passado é enquadrado na história de Queimadinha Véa e de seus moradores. Chamou bastante a minha atenção, essa forma de sua história vir nessa perspectiva de trabalho e na luta pela sobrevivência, na lida com os roçados e criação de animais como bovinos e caprinos, pois parece uma característica bem específica de comunidades rurais que se formaram aqui na região de São Raimundo Nonato. Logo, essa relação com o ambiente demonstra um conhecimento técnico aprofundado, que foi estabelecido através da apropriação e usos de métodos nesse território, tanto em termos da captação de recursos hídricos como foi o caso das construções das cacimbas, cisternas e barragens, como também na matéria-prima que foram usadas na confecção dessas primeiras moradias que eram de taipa, além dos objetos confeccionados em madeiras que faziam parte desse cotidiano, entre esses: os bancos, barril, mesas, cadeiras, pilões, filtros, caixões, entre outros objetos.

Ou seja, os moradores locais transformaram a caatinga em uma fonte de subsistência, pois dela era retirado muitos elementos que foram responsáveis pela fixação desses grupos no território. As madeiras mais utilizadas nessas primeiras moradias consistiam em umburana de cheiro, quebra facão e o angico, árvores ainda muito presentes na comunidade. Ao contrário de uma caatinga que poderia impedir a fixação dessas pessoas, devido aos longos períodos de estiagem. Este contexto mostra na verdade, uma vegetação que está sendo constantemente apropriada e redimensionada por meios dessas estratégias que os moradores locais utilizaram, e que estão presentes hoje, como é a casa de seu Chicão, que é uma referência intacta desse tipo de habitação construída nesse período. Já as construções mais recentes desse território como é

o caso das duas fazendas pressentes nesse território que é a Fazenda do Doutor Caio e a Monte Claro, mostra uma construção muito diferente daquelas que foram construídas no início de formação desse território, pois ao invés de utilizarem a madeira local para a construção do alicerce das mesmas, os materiais utilizados foram em sua maioria comprados por fornecedores da região. Logo, ao invés de utilizar as telhas e tijolos que eram fabricados por moradores da comunidade, os donos preferiram mudar um pouco a arquitetura dessas moradias, utilizando tijolos e telhas industriais na sua confecção.

Dessa forma, as experiências etnográficas em comunidades rurais, me permitiu vislumbrar sobre aspectos relevantes para a pesquisa arqueológica. Por isso, a convivência e envolvimento dos pesquisadores com os moradores locais, possibilita entender que a arqueologia não está restrita ao passado, mas remetem também as experiências do presente, em constantes processos de aprendizado. Assim, o estudo desenvolvido nesse território, coloca a comunidade como participante e construtora de saberes locais, evidenciando suas percepções e lutas do presente. Ao expor esse contexto, a prática etnográfica permitiu descrever coisas e pessoas, mostrando que os lugares históricos podem vivenciados e (re) significados no presente. Nas conversas com os moradores locais, a história de Queimadinha Véa, não aparece atrelada a muitos conflitos relacionados com exploração das pessoas, pois não foi evidenciado nessas narrativas, mas isso não quer dizer que não tenham histórias nesse sentido nessa região de estudo, mas sim que os colaboradores preferiram falar sobre os trabalhos desenvolvidos nesses locais e de suas relações com a terra, e como que essas atividades ajudaram na construção e consolidação deste território. Com esse cenário apresentado, se considera outros caminhos abertos para eventuais pesquisas, e novos objetivos, como por exemplo uma análise aprofundada sobre as técnicas de fabricação dessas moradias e de objetos produzidos pelos moradores locais.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, C. Cultura Material, memória e o lugar do outro na produção de conhecimento: histórias possíveis a partir do trabalho de campo da Arqueologia. *In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL*, 11., 2015. Niterói. **Anais [...]**. Niterói: UFF, 2015.
- AGUIAR, Robério Bôto de; GOMES, José Roberto de Carvalho. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, Estado do Piauí**: diagnóstico do município de São Raimundo Nonato. Fortaleza: CPRM, 2004.
- ALMEIDA, M. B. de. O Público e o Patrimônio Arqueológico: Reflexões para a Arqueologia Pública no Brasil. **Habitus**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 275-295, 2003.
- ALVES, Vicente Eudes Lemos. As bases históricas da formação territorial piauiense. **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 55-76, jul./dez. 2003.
- AMARAL, Daniela M. **Loiceiras, potes e sertões**: um estudo etnoarqueológico de comunidades ceramistas no agreste central pernambucano. 2019. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- ASSIS, Lucas Ribeiro dos Santos. **Só ficou a história no mundo**: arqueologia pública, narrativas colaborativas e patrimônios culturais de comunidades rurais do município de Jurema - PI. 2021. 203 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2021.
- BEAUDRY, M. C.; COOK, L. J; MROZOWSKI, S. A. Artefatos e Vozes Ativas: cultura material como discurso social. Vestígios. **Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Belo Horizonte, v.1, n. 2, p.71-115, 2007.
- BENAVIDES, A. H. O.; LOIOLA, T. S. A.; LEMKE, T. M.; RATTTS, T. A. J. P. Retornando à origem: arqueologia social como filosofia latino-americana. **Revista Terceiro Incluído**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 164–192, 2011.
- BEZERRA, M. ‘Nossa Herança Comum’: considerações sobre a Educação Patrimonial na Arqueologia Amazônica. *In: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. (orgs.). Arqueologia Amazônica*. Belém: MPEG, 2011. v. 2, p. 1021-1036.
- BEZERRA, M. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas, n.7, p. 107-122, 2013.
- BEZERRA, M. Signifying Heritage in Amazon: a public archaeology project at Vila de Joanes, Marajó Island, Brazil. **Chungara**, v. 44, n. 3, p. 363-373, 2012.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1 (3), p. 68-80, 2005.
- BORGES, Cássio de Sousa. **“Para o bem se cumprir” A Lei das Terras**: O processo de regularização fundiária no Centro-Sul da Província do Piauí (1850-1860). 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança dos velhos. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense**: família e poder. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BRIGGS, J. M. *et al.* Why ecology needs archaeologists and archaeology needs ecologists. **Frontiers in Ecology and the Environment**, v. 4, n. 4, p. 180-188, 2006.

BUCHLI, Victor; LUCAS, Gavin. The Absent Present: Archaeologies of the Contemporary Past. In: BUCHLI, V.; LUCAS, G. (eds.). **Archaeologies of the Contemporary Past**. Londres: Routledge, 2001. p. 03-17.

CABRAL, Ivana Campelo. O Vínculo com a terra e as diferentes categorias de trabalhadores no Piauí. **Vozes, Pretérito e Devir**: Revista de História da UESPE, v. 11, n. 1, p. 147-167, 2020.

CARNEIRO, Carla Gibertoni. **Ações educacionais no contexto da arqueologia preventiva**: uma proposta para a Amazônia. 2009. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CASTAÑEDA, Quetzil. E. The Ethnographic Turn in Archaeology. Research Positioning and Reflexivity in Ethnographic Archaeologies. In: CASTAÑEDA, Quetzil E.; MATTHEWS, Christopher N. (Eds.). **Ethnographic Archaeologies**: reflections on stakeholders and archaeological practices. Plymouth: Altamira Press, 2008. p. 25-61.

COSTA, Francielcio Silva da; SANTOS, Francisca Ravenna da Silva. Coronelismo no Contexto Político de Barras-Piauí (1955-1980). **Baraúnas**, v. 1, n. 1, p. 69-91, 2023.

DYKE, R. M. V. Archaeology and Social Memory. **Annual Review of Anthropology**, v. 48, p.207–25, 2019.

ENNE, Ana Lucia Silva, Memória e identidade social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2004, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: INTERCOM, 2014. p. 1-13.

FELICE, Gisele. Contribuição para estudos geoarqueológicos e paleoambientais: proposta metodológica (estudo de caso : Maciço Calcário do Garrincho, Piauí, Brasil). 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006

FERNANDES, T. C. **Vamos criar um sentimento?! Um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil**. 2008. 212f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FRANCO, J. P. **O Município no Piauí – 1761 a 1961**. Teresina: [s.n.], 1977.

FURTADO, Maria Betânia Guerra Negreiros. **Os Jesuítas no Sertão do Piauí**: 50 anos entre fazendas e rebanhos (17110-1760). 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

GAMBLE, Clive. **Arqueología básica**. Barcelona: Arial, 2011.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GNECCO, Cristóbal. Escavando arqueologias alternativas. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 8-23, 2012.

GODOI, Emília Pietrafesa. **O trabalho da memória cotidiano e história no sertão do Piauí**. Campinas: Editora Unicamp, 1999.

GOMES, E. T. A. Natureza e Cultura: representações na paisagem. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro. Editora UERJ, 2001.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. In: SALAZAR, J.; DOMINGO, I.; ASKARRÁGA, J.; BONET, H. (orgs.). **Mundos tribales: una visión etnoarqueológica**. Valencia: Museo de Prehistoria, 2009. p. 16-27.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. G. Arqueologia do passado contemporâneo: uma olhada desde a Península Ibérica. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 3-7, 2019.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. De la Etnoarqueología a la Arqueología del Presente. In: BONET, J. S.; AZKÁRRAGA, J. M.; ROSADO, H. B. (coord.). **Mundos Tribales: una visión etnoarqueológica**. Valencia: Museu de Prehistoria de Valencia, 2008, p. 16-27.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Hacia otra arqueología: diez propuestas. **Revista Complutum**, v. 23, n. 2, p. 103-116, 2012.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. **La experiência del Outro: uma introdução a la etnoarqueologia**. Madrid: ediciones Akal, S. A, 2003.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Supermodernity and archaeology. In: SMITH, Claire. (ed.). **Encyclopedia of Global Archaeology**. Nova York: Springer, 2014. p. 7125-7134.

GUIMARÃES, Carlos Magno; NASCIMENTO, Évelin Luciana M.; VELOSO, Gabriela Pereira. Arqueologia e campesinato: vestígios de uma categoria social. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Belo Horizonte, v. 1. n. 1. p. 95 – 131, 2007.

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HAMILAKIS, Y. Archaeological Ethnography: A Multitemporal Meeting Ground for Archaeology and Anthropology. **Annual Reviews of Anthropology**, v. 40, p. 399-414, 2011.

HAMILAKIS, Y. **Archaeology and the senses: human experience, memory, and affect**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HAMILAKIS, Y.; ANAGNOSTOPOULOS, A. What is Archaeological Ethnography? **Public Archaeology: archaeological ethnographies**, v. 8, n. 2-3, p. 65-87, 2009.

HAMILAKIS, Yannis; ANAGNOSTOPOULOS, Aris. What is Archaeological Ethnography?, **Archaeological Ethnographies: Charting a field, devising methodologies**, v. 8, n. 2, p. 65 – 87, 2018.

HARRISON, R. Arqueologias de Futuros Emergentes. **Vestígios. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 84-104, 2018.

HARRISON, Rodney; SCHOFIELD, John. **Archaeological Approaches to the Contemporary Past**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

HODDER, Ian. Arqueologia como arqueologia. In: Hodder, Ian; Hudson, Scott (eds.). **Reading the past: Current approaches to interpretation in archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p.236-243.

HODDER, Ian. La arqueologia em la era post-moderna. **Trabajos de PreHistoria**, v. 44, p. 11-26, 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IBGE. **São Raimundo Nonato: história e fotos**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/sao-raimundo-nonato/historico>. Acesso: 23 ago. 2023.

INGOLD, T. Anthropology beyond humanity. Suomen **Antropologi: Journal of the Finnish Anthropological Society**, Finland, v.38, n.3, p.5-23, 2015.

INGOLD, Tim. “Landscape or weather-world?” In: INGOLD, Tim. **Being alive: Essayson movement, knowledge and description**. Londres: Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. “Toward an ecology of materials”. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, p. 427–42, 2012b.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012a.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

JACQUES, C. C. Os sentidos da cultura material no cotidiano e na memória das famílias da Comunidade Quilombola de Cinco Chagas do Matapi. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 7, n. 2[8], p. 7–21, 2013.

JOHNSON, Matthew. **Teoría Arqueológica: una introducción**. Barcelona: Ariel, 2000.

JOHNSON, Matthew. **Teoría Arqueológica: una introducción**. Traducción de Josep Ballart. Barcelona: Ariel, 2000.

KNECHTER, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LANATA, José Luís *et al.* La reacción de la década de 1980 y la diversidad teórica postprocesual. In: AGUIERRE, Ana M.; LANATA, José Luís (ed.). **Explorando algunos temas de Arqueología**. Buenos Aires: Gedisa Editorial; UBA, 2004. p. 35-59.

LANDIM, Izamara Sousa. **Arqueologia da Paisagem Rural na cidade de São Raimundo Nonato: Um estudo de caso a partir da planta topográfica da Data Genipapo (1943)**. 2021. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2023.

LIMA, Solimar Oliveira. **Fazenda: pecuária, agricultura e trabalho no Piauí escravista (séc. XVII – séc. XIX)**. Teresina: EDUFPI, 2016.

LIMA, Solimar Oliveira. **Fazenda: pecuária, agricultura e trabalho no Piauí escravista (séc. XVII – séc. XIX)**. Teresina: EDUFPI, 2016.

LIMA, Solimar Oliveira. Tropeadas do Sertão: Transporte e comercialização de gado das fazendas pastoris escravistas do Piauí. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: [s.n.], 2009.

MACEDO, Diolinda Ruben. **Histórico da Praça Comendador Piauilino**. Entrevistada por Washington Ramos dos Santos Junior. São Raimundo Nonato, 10 set 2017.

MACÊDO, Géssika Sousa. “**Aqui, onde cavar acha pote**”: patrimônio arqueológico nos quintais dos moradores de São Braz do Piauí – PI e seus usos e significados no presente. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia e Preservação Patrimonial). Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2019.

MACÊDO, Géssika Sousa. **Retalhos afetivos de tecidos coletivos**: vivências de arqueologias decoloniais em São Braz do Piauí. 2021. 177 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2021.

MAGESTE, Leandro Elias; AMARAL, Aleancar de Miranda. As arqueologias afetivas na produção discente da Universidade Federal do Vale do São Francisco: desdobramentos históricos e interfaces teóricas na construção da Arqueologia no Sudeste e Sudoeste do Piauí. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 17, n. 2, p. 1-33, 2021.

MARCONI, Marina A.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2010. 312p.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. O enigma do passado: construção social da memória histórica. **Textos de História**, v. 15, n. 1, 2007.

MARTINS, F. J. **A lida do vaqueiro da comunidade Boqueirão/ Buriti do Rei, Oeiras-PI**: Cultura material, memórias e saberes. São Raimundo Nonato-PI. 2018. 72 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2018.

MATOS, Shirlene Marques de; MUTZENBERG, Demétrio; CISNEIROS, Daniela. Análise tipológica das lápides do cemitério Nossa Senhora de Lourdes da cidade de São Raimundo Nonato-PI. **Revista Noctua**, v. 2, n. 2, p. 102-139, 2017.

MELLO, Sabrina A.; CASTRO, Viviane Maria C. Memória, Identidade e Patrimônio Arqueológico: Um Estudo sobre as Lembranças dos Velhos da Vila do Catimbau, Buíque-PE. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas, v. 10, n. 3. p. 37-54, 2016.

MELO, Neuza Brito de Arêa Leão. **Paisagem Cultural e as Fazendas do Piauí dos séculos XVII-XX**: Arquitetura, História e Questões Ambientais. 2021. Tese (Doutorado em Ciências, Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2021.

MENESES, U. T. B. de. Premissas para a Formação de Políticas Públicas em Arqueologia. **Revista do Patrimônio IPHAN**, v. 33, p. 37-58, 2014.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A Paisagem como Fato Cultural. In: YÁZIGI, Eduardo. (org.). **Paisagem e Turismo**. São Paulo: Contexto, 2002.

MIGNOLO, Walter D. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v.1, n.1, p. 12-32, 2017.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

MOTT, Luiz R. B. **Fazendas de Gado do Piauí (1697-1972)**. Campinas, 1978.

MOTT, Luiz R. B. **Piauí Colonial**: população, economia e sociedade. 2. ed. Teresina: [s.n.], 2010.

MOURA, Herbert. **As panelas de barro de Pernambuco: do século XIX ao XXI**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

MOURA, Lucas. Regime de Sesmarias no Brasil-Colônia: uma análise comparativa entre as capitanias do Grão-Pará e Piauí. In: SEMINÁRIO GOVERNANÇA DE TERRAS DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, 2., 2017, [Belém]. **Anais [...]**. [Belém]: [Universidade Federal do Pará], 2017.

NASCIMENTO, Flávia B.; SCIFONI, Simone. A paisagem cultural como novo paradigma para a proteção: a experiência do Vale do Ribeira-SP. **Revista CPC (USP)**, São Paulo, v. 10, p. 29-48, 2010. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Texto%205%20%20NASCIMENTO%20e%20SCIFONI.pdf>. Acesso em: 2 de agosto 2023.

NEGREIROS, B. M. Rômulo. **As trilhas da morte no Sertão Pimenteiras-PI (1769-1815)**: caracterização e reconhecimento arqueológico de um território, Recife. 2012. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

NEGREIROS, Nailton. **As primeiras ocupações da Família Negreiros em Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato, Piauí**: mapeamento, materialidades e narrativas. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2023.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **O povoamento Colonial do Sudeste do Piauí**: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros; BUCO, Cristiane; IGNÁCIO, Elaine. “No rastro da maniçoba”: trilha interpretativa da Fazenda Jurubeba. **FUMDHAMentos**, São Raimundo Nonato, v. 8, n. especial, p. 125-132, 2009.

OLIVEIRA, Daline Lima de. **Os lugares de memórias e a carta arqueológica de Brejo Santo, Ceará**. [S.l.]: Brazil Publishing, 2018.

OLIVEIRA, I. L *et al.* Olhar dos Bolsistas do PET Sobre a Colonização do Piauí. In: SIQUEIRA, C. M. B. **Escavando a História de São Raimundo Nonato-PI**. São Raimundo Nonato, PI: UNIVASF, 2013.

OLIVEIRA, J. E. de. (Re)aproximando os campos da antropologia social e da arqueologia no Brasil: etnoarqueologia em laudos antropológicos judiciais sobre terras indígenas em Mato Grosso do Sul. In: OLIVEIRA, J. P. de; MURA, F.; SILVA, A. B. D. (orgs.). **Laudos antropológicos em perspectiva**. Brasília, DF: ABA, 2015. p. 234-261.

OLIVEIRA, J. E. de. Etnoarqueologia, colonialismo, patrimônio arqueológico e cemitérios Kaiowá no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 29, p. 136-169, 2016.

OLIVEIRA, J. E. de. Sistema de assentamento e processo de territorialização entre os Terena da terra indígena Buriti, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Habitus**, v. 9, p. 166-196, 2012.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Da pré-história à história indígena: (re) pensando a Arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 71-86, 2003.

OLSEN, B.; PÉTURSDÓTTIR P. (eds.) **Ruin Memories**: Materiality, Aesthetics and the Archaeology of the Recent Past. London: Routledge, 2014.

ORSER JÚNIOR., C. E. **Introducción a la arqueología histórica**. Buenos Aires: AINA, 2000.

OTAVIANO, M. Z. **Não tem certo, não tem errado**: estratigrafia das vozes, significados e apropriações da cultura material na comunidade da Aldeia da Mina Grande – T.I Kapinawá (PE). 2019. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

OTAVIANO, Mariana Zanchetta. **Não tem certo, não tem errado**: estratigrafia das vozes, significados e apropriações da cultura material na comunidade da Aldeia da Mina Grande – T.I Kapinawá (PE). 2019. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

PÉTURSDÓTTIR, Þóra; OLSEN, Bjørnar. Imaging Modern Decay: The Aesthetics of Ruin Photography. **Journal of Contemporary Archaeology**, v.1, n.1, p. 07-56, 2014.

POLITIS, G. Arqueologia e patrimônio não são apenas sobre o passado: resenha. **Revista Vitruvius**, ano 03, ago. 2004.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

REGO, Herbert Moura. As panelas de barro de Pernambuco – do século XIX ao XXI. 2013. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

ROCHA, Josimar Custódio. **Breve História da Arqueologia no Sertão do Piauí (1970-1993)**. 2019. Dissertação. (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. “**Aquilo que é tirado da terra, às vezes pode matar**”: As relações estabelecidas entre Arqueologia e a comunidade de Carangola, Minas Gerais. 2017. Dissertação. (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

ROSA, Cassia. **Ilusão e paraíso**: história e arqueologia na Amazônia (1948-1965). 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Faculdade de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

SANTOS JUNIOR, Washington Ramos dos. **Geografia, Epistemologia, Política e Meio Ambiente**. São Paulo: Saraiva, 2016.

SANTOS RODRIGUEZ, S. L. **Se eu comprei, então é meu!:** coisas do cotidiano e do prazer sexual para além da heteronormatividade. Rio Grande: CLP, 2019.

SANTOS RODRIGUEZ, S.; GOULART, F. O. O falo nos espaços públicos de Rio Grande, RS, Brasil: falocentrismo e a masculinidade hegemônica. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 45–70, 2002.

SANTOS, A. B. Arqueologia, Sociedade e Poder: Breves Considerações sobre uma Arqueologia do Passado Recente. **Revista Noctua - Arqueologia e Patrimônio**, v. 1, p. 61-76, 2021.

SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher. **Re-Constructing Archaeology: Theory and Practice**. London; New York: Routledge, 1992.

SILVA *et al.* **“História” In Escavando a História de São Raimundo Nonato**. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2013.

SILVA, Deyse Elisa. Sobre “as pedras famosas de Calçoene”: reflexões a partir da arqueologia etnográfica na Amazônia. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SILVA, Fabíola Andréa. **Etnografando a Arqueologia - Dado Etnográfico, Prática Etnográfica e Conhecimento Arqueológico**. 2021. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SILVA, L. P. A. **Conexões entre cultura material e memória social no semiárido piauiense:** a indumentária dos vaqueiros da comunidade de Queimadinha, município de São Raimundo Nonato-PI. 2019. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2019.

SILVA, L. P. A. **Conexões entre cultura material e memória social no semiárido piauiense:** a indumentária dos vaqueiros da comunidade de Queimadinha, município de São Raimundo Nonato-PI. 2019. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2019.

SILVA, L. P. A. **Conexões entre cultura material e memória social no semiárido piauiense:** a indumentária dos vaqueiros da comunidade de Queimadinha, município de São Raimundo Nonato-PI. 2019. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2019.

SILVA, L. S. **Contexto Comunitário e Educação Patrimonial:** Um estudo de Caso em União dos Palmares-AL. 2010. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SILVA, V. V. da; RAMOS, G. M. **Importância e distribuição espacial da pecuária bovina no Piauí**. Teresina: EMBRAPA-UEPAE de Teresina, 1987.

SILVA, Valderi Vieira da; RAMOS, Gonçalo Moreira. **Importância e distribuição espacial da pecuária bovina no Piauí**. Teresina: EMBRAPA, 1987.

SOUSA, M. L. M. **Ex-votos da Toca do Cruzeiro**: Uma análise da memória religiosa e da materialidade da fé na comunidade Sítio do Mocó - Coronel José Dias – Piauí. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2019.

SOUSA, V. V. Piauí: apossamento, integração e desenvolvimento (1684 – 1877). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFG, 1., 2008, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: UFG, 2008. p. 1-26.

SOUTHEY, Robert. **História do Brasil**. São Paulo: Obelisco, 1965, v. 6.

SOUZA R. D. A. Globalização, Consumo e Diacronia: populações sertanejas sob a ótica da arqueologia. **Vestígios**: revista latino-americana de arqueologia histórica, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 36-62, 2015.

SOUZA, R. D. A. E. Novos paradigmas à cultura material sertaneja e a Arqueologia do século XX nos sertões do Pernambuco, Ceará e Piauí. In: Semana de Arqueologia, 1., 2013, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: LAP/NEPAM, 2013.

SOUZA, R. D. A. **Um lugar na caatinga**: consumo, mobilidade e paisagem no semiárido do Nordeste brasileiro. 2017. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

SOUZA, R. de A. Pixações sob a ótica da arqueologia urbana. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 7, n. 2[8], p. 135–156, 2015.

SOUZA, Rafael de Abreu e. Arqueologia e a guerrilha do Araguaia ou a materialidade contra a não narrativa. **Revista de Arqueologia Pública**, São Paulo, v. 10, p. 213–230, 2014.

SOUZA, Rafael de Abreu e. Contribuição da Arqueologia Urbana à compreensão dos desastres naturais paulistanos: enchentes e impermeabilização do solo urbano. **Revista História e-História**, v. 1, p. 1, 2013.

SOUZA, Rafael de Abreu e. Globalização, consumo e diacronia: populações sertanejas sob a ótica arqueológica. **Vestígios**: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 36–62, 2015.

SOUZA, Rafael de Abreu e. **Um lugar na Caatinga**: consumo, mobilidade e paisagem no semiárido do nordeste brasileiro. 2017. Tese (Doutorado em Ambiente e Sociedade) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

THIESEN, B. V. Antes Da Poeira Baixar: Reflexões Sobre Uma Arqueologia Do Passado Recente. **Revista Memore**, v. 1, n. 1, p. 222–226, 2013.

THIESEN, B. V. As paisagens da cidade: Arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [Porto Alegre], 1999.

THIESEN, Beatriz Valladão; COSTA, Vanessa Avila. Existimos e resistimos: arqueologia como ação política e a valorização de memórias subalternizadas. **VESTÍGIOS**: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 152-170, 2023.

TILLEY, C. (org.) **Reading material culture**. Oxford: Blackwell, 1996.

TRAMASOLI, F. B. “Haja hoje p/ tanto ontem”: apontamentos sobre Arqueologia e o contemporâneo. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 186-209, 2017.

- TRIGGER, B. G. **História do pensamento arqueológico**. 2. ed. São Paulo: Odysseus, 2004.
- VIANA, Nyanne Magna Ribeiro. **Traquejos e labutas**: trabalhadores escravizados no sertão do Piauí (São Raimundo Nonato, segunda metade século XIX). 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.
- VIEIRA, F. V. B. **Era no tempo do Coronel... “Eu não concordo muito com isso não”**: Arqueologia Pública e interpretações colaborativas sobre a Fazenda São Victor, Piauí. 2017. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017.
- ZEDENHO, M. I. The Archaeology of territory and territoriality. *In*: THOMAS, J; DAVID, B. (ed.). **The Handbook of Landscape Archaeology**. California: Left Coast Press, 2008.

ANEXO I - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Nome: José Herculano de Negreiros; **Profissão:** Padre; **Idade:** 79 anos; **Data da entrevista:** 20 de dezembro 2022.

Veja só Amanda a história de Queimadinha tem muito a ver com a família Negreiros, os Negreiros essa família ela é oriunda da Bahia, desde o século atrasado que já os Negreiros, vindo daquela região de Jacobina que era onde eles moravam, eles impulsionaram aqui a nossa região na forma de cacheiros viajantes, eles saiam da Bahia, atravessando o São Francisco onde é hoje Casa Nova, descia ali pela Serra Dois Irmãos e então entraram aqui no antigo povoado chamado de Jenipapo. Percorria toda essa área aqui até as Confusões. Isso em 1832 já havia essa movimentação toda dessa família nossa, a família Negreiros percorrendo esse chão aqui na forma de vendedores ambulantes, o tempo foi passando e como lá no garimpo a situação deles favorecia justamente por trabalhar na garimpagem de extrair pedras preciosas, eles passaram a comercializar com os coronéis aqui da região, esse material de riqueza que eles traziam de lá.

Aqui em São Raimundo Nonato já era habitada pelos famosos coronéis cuja as descendências são muito conhecidas em São Raimundo. Posso citar: Coronel José Dias, Desembargador Menezes, os Menezes, os Dias, os Ferreiras, e os Castros, etc. Então foi dessa forma de viajantes ou viajantes ambulantes e vendedores que a família Negreiros penetrou aqui essa região, com o tempo já por volta de 1860 e 1870 do século atrasado, então eles já resolveram vir morar aqui, e não se interessava porque traziam produtos de lá para vender aqui nessas redondezas, como também levavam daqui gado para vender lá naquela região da Bahia, do lado do São Francisco, então na verdade eles terminaram fazendo uma tratativa de compra e venda e vierem portanto comprar uma boa parte da região de São Raimundo Nonato, que aliás é pela Casa da Torre que seria uma dessas determinadas famílias latifundiárias da região, mas eles fizeram trocas mais concretamente com os Menezes, e ocuparam as terras justamente que ficam da saída de São Raimundo Nonato, de onde tinha o antigo Povoado da cidade chamado de Jenipapo lá em baixo no Rio Piauí como o Baixão da Vereda.

Então de lá para baixo na beira do Rio Piauí, eles adquiriram e compraram aquelas terras em mais ou menos 1866 e em 1875 eles resolveram vir em tropa já o grupo todo da Negreirada que morava em Jacobina e se alojaram por ali. Então o início é esse, na década de 60,70, 80 que eles vieram de lá já de maneira definitiva para ocupar essas terras que ficam ladeando o Rio Piauí naquela direção justamente começando ali da saída da cidade, Junco, já entrando

praticamente na Garça, desci para Queimadinha e sobe mais e vai até lá onde fica as Margens da Petrônio Portela, conhecida como barragem da Onça. Então foi por aí que eles começaram a habitar essa região toda, de tal maneira que os ascendentes mais próximos, como nossas bisavós meu e da sua mãe Aurení, etc, todos eles já nasciam por aí. O velho Serapião que ocupou a região que fica ali saindo justamente da margem do Rio Piauí, subindo lá para dentro já na direção do Sul, onde hoje fica as famosas Lagoas, a Lagoa de Fora, Lagoa de Cima, Lagoa do Canto, Lagoa da Seriema, e outras tantas lagoas. O Serapião habitou para lá e outros ficaram justamente nessa região que é essa que você falou da Garça e da Queimadinha. De tal maneira que são os primeiros habitantes dali, são os primeiros, não significa que não houvesse, já havia algumas fazendolas e fazendinhas pequena de moradores daqui de São Raimundo Nonato que viviam por lá.

Contudo, os Negreiros vinheram e já se apossaram daquilo, já de maneira mesmo de posse e de possessão de terra, a partir daí já começaram os Negreiros a prosperar naquela região e lógico como acabei de dizer por aquela área eles estenderam bem mais para o Sul, inclusive passando agora atravessando o riacho que vinha de São Lourenço, ocupando aquela região que hoje é da Ingazeira que fica no município de São Lourenço e penetraram muito mais até chegando lá onde tem os povoados de Teobaldo que fica dentro do Município de Dirceu Arco Verde que já fica longe daqui, penetraram também para o lado onde é hoje D. Inocência.

Já aqui mais próximo de nós, saindo também na direção do Sul, porém nesse, nessa linha onde hoje está o aeroporto internacional de São Raimundo Nonato, aí foi ocupado por os Negreiros também advindos da Bahia e que ocuparam essa região toda aqui onde hoje fica o Baixão dos Negreiros, Lagoa do Canto, Lagoa do Cubico, Lagoa das Vacas, Lagoa Feia e penetrando também muito a região de São Lourenço até também alcançando muito o Dirceu Arco Verde, nesse gancho que estou falando que fica também para o Sul porém mais Oeste da outra que vem pelo Rio Piauí. Então foram três riachos, São Raimundo Nonato, São Lourenço e Dirceu Arco Verde que ocorreu todo esse processo de povoamento. Na verdade, os que vieram da Bahia os primeiríssimos chamado Manoel Vicente de Negreiros esse era pai de uma prole de 8 filhos, cada um ganhou sua porção de terra para que foi misturando-se e se espalhou de tal maneira que de repente se misturou e uns ficaram aqui e outros para lá para o lado de Remanso, e outros ficaram no nascente que é o que eu falei que é a Garça e Queimadinha, etc, e outros subiram lá pra cima da Serra Vermelha para aquelas bandas, de tal forma que foram se misturando os dois segmentos de duas dessas famílias de dois desses troncos. E dessa forma você é de um tronco, e eu de outro, mas todos descendentes de Manuel Filipe de Negreiros.

Nome: Gracino Ferreira da Silva; **Profissão:** Vaqueiro; **Idade:** 85 anos; **Data da entrevista:** 18 de agosto 2022

Eu cheguei aqui em 1994, eu vim para trabalhar por aqui e logo comecei a trabalhar para o Martin Zelão que tinha uma propriedade por aqui e criava gado e eu fui vaqueiro para ele logo quando eu cheguei e trabalhei para ele durante 7 anos. Eu morava lá no Canário, me casei em Itauera e vim para o Canário, aí do Canário eu vim ali pro Valdemar alí na Garça, e da Garça eu vim para aqui. Quando eu cheguei aqui tinha a Veia Braula, o Chicão e o Manuel Simplício e essa família aí do Martin. Aqui tinha fazenda demais só que acabou um bucado de fazenda, tinha lá no Inharé, que seu pai sabe onde fica, tinha a fazenda Crumatá, tinha a Fazenda Barreiro que era da veia dona do povo do Urucan, que era conhecida como Cazuza também, aqui tudo era perto da outra, era de 3 léguas para trás.

Aqui para essas bandas, tinha muitas fazendas, o povo não tinha do que viver era só nesses serviços mesmo. Aqui tudo era fazenda, a vida aqui não era fácil não, era difícil as coisas aqui. Eu cheguei desconhecido e cheguei fraco de recurso, eu morava em outro lugar, cheguei por volta de 70 aqui, vim trabalhar como vaqueiro e depois virei morador, aí eu botei uma rocinha pra mim de quatro tarefas e vim campear nas roças. Trabalhei em duas fazendas daqui, uma da Garça e outra aqui mesmo em Queimadinha, aqui era tudo misturado, hoje que diviram tudo, aqui era um lugar só. Na do dr Caio em trabalhei mais de dez anos, lá era grande e bem cuidado, já aqui para esses lados eu trabalhei aqui no Zelão, aquela cancela que você passou vindo pra cá era lá que ficava a fazenda dele, lá eu fui vaqueiro por sete anos, quando saí ganhei de direito essa terrinha aqui, aqui tudo agora é meu de papel passado. Mas como te falei, aqui era tudo fazenda, em tudo que era lugar tinha uma, eu me lembro da de seu avô, a do Zé Chica, e essas que eu trabalhei. Só que agora tem outra nova aí a do Monte Claro.

Essa terra aqui que eu moro foi eu que ganhei trabalhando ali na fazenda e o dono me pagou com esses direitos. Alí no Zé Roco ele ganhou os direitos do Nili e para acolá e as outras terras aí é de morador que não são donos de terras não, de morador clandestino mesmo. Aqui só quem é dono de terra aqui e tem escritura é eu, o Manuel Simplício, Zé Roco, e o povo aí de seu avô, os outros tudo é agregado. Aqui onde moro que ficava a fazenda do Zelão era essa rocinha minha aqui, aí eu trabalhava lá e plantava aqui e fiquei lá por 7 anos, e disse olha Gracino, aí eu me operei, não deu mais para andar em campo e hoje que eu ando menos e é mais com os meninos meus filhos. Ele me deu 20 héctares aí depois tomou 5 hectares e eu tenho 15 que eu tenho a escritura dele aqui, e aí eu fiquei por aqui mesmo e só tinha essa rocinha aí, e essas casas próximas de meus filhos, que tudo foi eu que dei, aquela casa eu mandei fazer,

essa outra eu mandei fazer, quer dizer mandei levantar, e os filhos acabaram de cobrir, mais quem levantou foi eu, e ainda hoje estou por aqui que é meu, todo ano pago os direitos delas tudo, agora mesmo vou mandar pagar o INCRA e o ITR dela.

Eu sei que essa terra aqui era do povo do Zé Miranda e dos seus parentes os Negreiros, que era parente do Chicão aí, tanto de um lado como pelo outro. Mas eu não cheguei a conhecer todo mundo não, quando eu cheguei aqui já tava desse jeito aí, os moradores já tudo aqui esses mais velhos eu não conheci quase, mas essa terra aqui era deles aí foi ficando para os filhos e para os netos, e ta aí. Alí esmo tudo é morador, tudo é agregado ninguém tem escritura de terras, só esses que falei mesmo e mais ninguém aqui nessa região da Queimadinha aqui e na Garça tem mais aqui não. Lá na Garça quase tudo são donos mesmo, seu pai mesmo é dono da pra plantar o que quiser.

Aqui vivia mais era de criatório, tinha uns poderosos aqui e aquela Fazenda do Zé Chica era quem tinha muito serviço para botar trabalhador para ganhar um dinheirinho, depois chegou o Martin que tinha muito serviço da redondeza. E todo mundo vivia era disso mesmo e de uns tempos para cá tudo ficou melhor, e todo mundo tem filho e neto para ajudar nas roças e cuidar dos bichos. Porque a vida naquele tempo não era fácil não e eu plantava 4 tarefas de roça de mandioca e ainda era vaqueiro. Depois eu fui trabalhar para o Dr Caio lá na fazenda, e passei mais 10 anos lá, essa terra aqui que eu moro pertencia o povo do Zé Chica, depois foi do Zelão e eu ganhei de direito.

Aqui tudo era fazenda, o Martin era fazenda, Alí para baixo tinha o Gerson Batista, e mais pro lado da Onça tinha o Cazuzza, aqui tinha um bucado de fazenda, os donos só vinha uma vez no mês ou nos finais de semana. Mas acabou tudo ainda tem a do Dr. Caio e outros acabaram porque foram partindo e os donos foram morrendo e aí ficou para os filhos, e para o pessoal mais novo. E aí foi ficando só os vaqueiros nas fazendas e os da famílias foram vendendo as terras e foi até que acabou tudo. Mais era tudo fazendas grandes que botavam de 100 a 150 boi no capim. Alí no Gerson Batista foi acabando e só ficou o lugar. Aí só ficou mesmo desse tempo antigo a do Caio porque lá é bem cuidado, pagam as pessoas para cuidar, agora tem outras fazendas por aí por perto, e tem a do Monte Claro que é perto e fica aqui na Queimadinha. Essas chapadas aqui sempre foram boas para gados, por isso muita gente sempre criou e ainda cria porque aqui não tem outro meio de vida não, ou é plantar ou cria bicho mesmo. Outra coisa, aqui a gente se virava para dar água os animais, sempre teve muito riacho aqui perto aí a gente não se preocupava tanto, no tempo da seca a gente pegava e fazia as cacimbas, cavava nos riachos e cobria para durar mais tempo e ir se virando enquanto não chovia. Aqui no tempo da seca, o lugar que passa água nos riachos era tudo cavado para minar e poder dar

água os bichos, o riacho sempre foi importante para nós porque ajudava nas coisas em casa, como também para os animais. No caso das fazendas, o riacho era o principal porque nós o vaqueiro soltava o gado ou então ia guiando eles até no riacho para poder beber água, uma coisa era certa todo fazendeiro ou criador de gado tinha que ter a casa ou a roça próxima de um lugar com água porque facilitava demais a criação deles, ou então eles mandavam cavar um poço ou fazer cisterna.

Nome: Hanorata Josefa da Silva; **Profissão:** Benzedeira; **Idade:** 84 anos; **Data da entrevista:** 15 de dezembro 2022.

Aqui na Queimadinha eu cheguei em 1975, já tenho 47 anos que moro aqui para esses lados. Eu era de São Lourenço e me casei com Raimundo Pereira da Silva e viemos morar aqui para cuidar da roça. Essa terra aqui pertencia o pai dele e eu depois comprei mais 20 hectares para poder plantar. Era eu e ele trabalhando nas roças e criando bode, cabra, porco, carneiro e galinha. Aqui todo mundo se ajudava na hora da precisão porque não tinha outro meio de vida não, era só plantar mesmo, eu plantava milho, feijão e mandioca. Aqui em minha casa nunca faltava gente porque eu benzia muita gente, aprendi as rezas com minha mãe e sempre que alguém precisava de mim eu ajudava. Eu rezava de arca caída, quebranto, problemas de umbigo e tanta outras coisas. Aqui nessas redondezas eu conhecia muita gente de todo lugar vinha gente, principalmente alí da Onça, o pessoal vinha até de noite para se benzer. Hoje eu parei mais, só benzo quando vem algum conhecido ou algum parente, desde que fiquei viúva.

Naquelas épocas antigas existia fazendas demais, aqui para todo lugar que a gente ia tinha fazenda e curral grande sabe, era muitas vacas que tinha, mais de 100 cabeças. Os moradores mais antigos eram esses das famílias desses que ainda estão por aqui, era a família dos Mirandas, dos Negreiros que eu cheguei a conhecer. Esse povo desde sempre tinha fazenda tanto aqui na Queimadinha como no Garça depois porque os filhos se misturaram e foram se mudando para lá, aqui tudo para nós era Queimadinha a gente sabe que nos papel ta dividido em Queimadinha e Garça, mais para nós que se misturava trabalhando junto aqui sempre foi e será para nós um lugar só. Eu lembro demais na época que nós tudo ia lavar roupa ali no riacho, ficava de um lado uns e do outro outros mas a gente se misturava muito e ia conversando e o tempo ia passando, tem muita história aquele lugar ali.

Nome: Ana Maria de Miranda; **Profissão:** Vaqueira e Lavradora; **Idade:** 79 anos; **Data da entrevista:** 04 de dezembro 2022.

Sou esposa de Adelino Inocência de Miranda, ele era lavrador também e nós morava aqui na Queimadinha perto de vocês, onde tinha o Martin, homem trabalhador. Eu vim do Paraná, cheguei aqui em 1961 que vim morar aqui na Queimadinha pro Gerson Batista, um fazendeiro que tinha lá. Eu e meu esposo trabalhava na roça plantando milho, feijão e mandioca. O Gerson Batista tinha um curral era perto do Martin seu avô, eu morei 10 anos por lá, criei minha família lá e depois saí de lá e fui para a Boa Vista que é aqui perto. Aqui não é meu, hoje eu moro aqui com minha filha que é quem cuida de mim. Eu morei mesmo foi lá na Queimadinha, e era agregada do Gerson Batista. Ele era fazendeiro e foi candidato a prefeito. Ele morava era na cidade e passava as férias na Queimadinha onde tinha a fazenda dele, eu cheguei para trabalhar aqui porque meu cunhado Francisco já morava aqui e ele arrumou com o Gerson Batista para eu morar lá.

Mais tarde depois de muito trabalho alí na fazenda, meu marido comprou um sítio aqui na Boa Vista e eu vim morar aqui. Quando a Luzinete nasceu eu já tinha comprado aqui, ela veio para cá em 1972, e era uma área de 50 hectares. Esse negócio de hectares era medido, e 1 tarefa é que vale a 25 braças que é medido com uma vara de 2 metros. Essa terra aqui era do Zé Malaquias do Santos, quando eu cheguei aqui ele já estava aqui. Lembro da Fazenda do seu avô, da do Gerson Batista e não tinha muitos moradores não, eles botavam gente para trabalhar. Já o Monte Claro que lá é fazenda era desse povo antigo que era chamados Menezes. Na Fazenda do Gerson era um lugar grande, a casa era grande tinha 3 quartos grandes e uma área grande também. As terras da fazenda dele era mais de 80 hécates e criava muitos animais, era eu e meu esposo que cuidava de tudo para ele.

Nome: Francisco Miranda; **Profissão:** Marceneiro; **Idade:** 87 anos; **Data da entrevista:** 22 de dezembro 2022.

Sou filho de Inocência José de Miranda e Maria Rosa de Miranda eu nasci ali onde fica a fazenda Monte Claros hoje em 1934 e tenho 87 anos. Aqui tinha 2 Queimadinhos de primeiro. O povo perguntava Queimadinha de quem? E a gente ia dizer Queimadinha é para cá, mais para cima é a Queimadinha do Manoel do Gino dos Negreiros que era seu tataravô, e também falava Queimadinha do Zé Miranda que ficava aqui mais para baixo. Zé Miranda era morador daqui nesse tempo antigo e meus pais trabalhava era pra ele como vaqueiros. Quando eu

comecei a trabalhar para os Miranda eu tinha 11 anos de idade juntamente com meu pai, aí eu trabalhei na roça por aqui, por acolá, e tudo era serviço de roça. Aí quando foi em 1950 Zé Miranda foi embora para São Paulo com tudo, mulher e filhos. Aí ficou só o Raimundo casado com a Ester, a Ester falaram no rádio que ela completou 100 anos, e moravam por aqui numa casinha só, onde era a Fazenda do Gerson Batista.

Eu cheguei aqui e casei com a Fiinha aí ela morava alí, aí a gente se casou em 1958 e ficamos morando aqui nessa casinha, o pai dela já tinha as terras de herança da família Negreiros, aí fizemos essa casa aqui. Ela morava bem ali do outro lado de primeiro onde é a casa do Dira, a casa do velho pai dela era ali quando passa do umbuzeiro e aí tudo era do Martin e Iracema seus bisavós, e depois a casa caiu e só ficou o lugar. Lá nessa casa onde eles nasceram era bem pequena e era de taipa, foi o pai dela e os filhos que construíram, lá ainda tem umas coisinhas e o lugar onde a casa ficava. Aqui o povo comprava as terras mais não tinha demarcação, aí o João Menezes trouxe em 1944, o demarcador e os coisos tudo. E só nesse tempo que todo mundo começou a demarcar aqui, e não falava em hectare, era cinco mil réis de terras, em dez mais não falava hectare. Aí no tempo eu comprei 20 conto de terra e tantos metros e aí demarcava, essa demarcação foi o João Menezes que trouxe e veio de Goiânia para demarcar primeiro as terras ali do Monte Claro. João Menezes foi nascido e criado na Serra Nova, próximo ao Novo Horizonte.

Eu trabalhei nessas caatingas tudo tirando madeira. Eu nasci ali no Monte Claro onde fica a fazenda hoje, próximo a Boa Vista, próximo da casa da Ana do Sindô. Aí quando eu vim para cá onde eu tou hoje foi em 1946 e até hoje estou aqui. Nós não tinha terras não, meu pai nasceu no cavaleiro e veio para cá porque lá não tinha serviço aí nós tudo correu e lá. Cavaleiro fica alí no Município de São Lourenço onde tem o padroeiro lá o Santo Antônio. Alí onde fica a Garça hoje era chamado de Terrenos dos Padres, ou Capoeira dos padres. E de uns tempos para cá dizem que do riacho para o lado de lá é Garça e para o lado de cá é Queimadinha. Os moradores mais antigos era a Maria Francisca e família e o Manoel do Gino meu sogro, o Zé Miranda e o Zé Chica.

Eu sempre fui carpinteiro, eu fiz isso tudo aqui, banco, primeiro eu comecei tirando linha de casa pro Zé Miranda e botava tudo numa carroça e os bois puxando. Aí quando eu tinha 14 anos comecei a invocação de trabalho de carpino, aí eu fui vendo os outros, e eu comecei tirando linha de angico e daqui eu fui ganhando a vida, trabalhei na Boa vista, Monte Claro, São Bento, Carretão e tudo isso puxando boi. Esse povo tudo trabalhava com esse negócio de roça e criar coisa e criava tudo. Aqui tinha muita fazenda, e o Zé Miranda também tinha fazenda, mais ele criava coisinha pouca. Só a família do Manoel do Gino dos Negreiros tinha para cá

mais de 380 hectares, e uma parte ele vendeu e outra ele dividiu com os filhos e ficou tudo morando para cá. Ele vendeu em 1963 para outras pessoas e aí com isso foi chegando mais gente, esse povo novo por aqui. Eu que fiz tudo nessa casa que moro, até hoje tá do mesmo jeito porque eu gosto assim, nunca mandei reformar e nunca deixei meus filhos mexer também, as paredes o piso da tudo do jeitin que era porque eu gosto assim, eu fiz tudo desde a linha da casa até os moveis, bancos e tudo. Eu sempre fiz essas coisas para vender, fazia mesa, cadeira, cama, banca de pote e até caixão de madeira, quando alguém morria aqui na comunidade o pessoal mandava eu fazer os caixões. Eu fiz também um filtro de madeira e tenho ele ainda, vou pedir o Raimundo para mostrar.

Nome: José Luiz Jesus Silva; **Profissão:** Lavrador; **Idade:** 52 anos; **Data da entrevista:** 8 de dezembro 2022.

Eu nasci aqui e me criei aqui, e aqui eu ainda estou. O seguinte é esse eu nasci aqui e eu sei que o povo chama esse local de Queimadinha, ali pra baixo e é aqui que é Queimadinha mesmo, aqui é a Fazenda Gerson Batista. Eu sou o quarto filho da mãe e nasceu aqui, aí tem quatro mais velho que eu e quatro mais novos, e eu sou o do meio deles. Aí a vida aqui da gente era assim, meu pai morou aqui desde novo e sempre foi vaqueiro do Gerson Batista e tinha outros vaqueiros dele por aqui. Meu pai se chama Manoel Rodrigues da Silva, minha mãe é Dagmar de Jesus, minha mãe trabalhou na fazenda de roceira, enxada, plantava feijão, essas coisas de roça.

Nessa fazenda tinha gado, ovelha, carneiro, só não criava porco o resto tudo tinha. Minha mãe trabalhou aqui para criar a gente, nós os mais velhos trabalhava para ajudar os pais a criarem os mais novos. Os vaqueiros era meu pai, e o Sabino Vieira, mas o Sabino foi embora daqui, foram morar na rua e meu pai ficou aqui. Aqui nessa fazenda tinha 100 cabeças de gado. Aqui todo mundo que trabalhava ou era lavrador, agricultor e os vaqueiros para gado. Eu já nasci aqui na fazenda e me criei também. Aqui nessa terra nós só somos posseiros, nós não tem documento dessa terra aqui não, nós só mora aqui mesmo, ainda tá no nome do Gerson Batista a terra, ele morreu e nunca chegou a mudar.

Eu ouvi dizer que essa terra aqui era de um tal Zé Miranda mais eu não cheguei a conhecer a família dele não. Dos Miranda hoje aqui tem o Chicão que mora ali em baixo. Só sei que essa fazenda do Zé Miranda é essa mesma aqui, onde tem os torrões ali. Aqui nesse terreno onde tem o campo hoje era uma roça de caju, fazia canto naquele baixo lá, e vinha até o pé de pitomba que tinha aqui, e tinha pé de ata nos arredores dessa fazenda e um umbuzeiro,

que ainda tá ali perto da antiga casa velha, e minha casa agora tá bem dentro da antiga roça onde era a roça de caju. Aqui a gente plantava palma também que era para dar os animais. Quando o velho era vivo eu pedi ele para construir a casa aqui, e ele disse que eu podia escolher o lugar. O Gerson Batista era uma pessoa que não botava vaqueiro para ir embora não, ele sempre incentivava os trabalhadores a ficar, e ajudava muito nós e deu essas terras para a gente morar e aqui mesmo eu moro, trabalho e ganho a vida. Fiz esse campo de futebol aqui onde tinha a roça dele e aqui eu faço torneio direto com muita gente, aqui o povo conhece como campo do Pereirão, mandei até botar uma placa ali na entrada para o povo saber onde fica.

Nome: Carlino de Negreiros Silva; **Profissão:** lavrador; **Idade:** 64 anos; **Data da entrevista:** 30 de maio 2023.

Nome: Marlene da Silva Miranda; **Profissão:** Professora; **Idade:** 60 anos; **Data da entrevista:** 30 de maio 2023

Marlene: O dono da Fazenda lá na Queimadinha era meus avós, Manoel Eginio da Silva e Maria Firma de Negreiros Silva. Já a fazenda do José Miranda que depois foi do Gerson Batista, os vaqueiros era meus avós por parte de pai que era meu avô Inocêncio e minha avó Rosa. Desse povo mais antigo morava o Zé da Chica, o povo da Braula e meus avós. Quando eu nasci minha avó Rosa morava lá no Zé Miranda e meu avô Manoel também, depois foi que vendeu. O senhor Zé da Chica era sogro do Manoel Simplício, e o Zé da Chica era vaqueiro e cuidava de tudo na fazenda dele. Ele sempre teve muito trabalhador lá, bem como no tio Martin na época das desmanchas de mandioca e na época de plantar e capinar. Das fazendas ali na Garça tinha a do tio Martin e mais para cá o Manezinho e o Dr. Caio mais para frente.

Carlino: A Garça meu pai comprou ali dos padres. Eu sempre via minha mãe dizer o seguinte: meu avô todo domingo ele botava sela no jumento ou então no cavalo e vinha assistir a missa pela manhã. E na época dos festejos vinha com mais frequência.

Marlene: Quando o tio Martin casou eles moravam naquela casa que fica perto do Dira, que foi onde ele nasceu. Aí só depois é que ele comprou a fazenda ali na Garça e ficou por lá.

Carlino: Aí é o seguinte ali bem na terra nossa, ali tinha só uma latadinha desse tamanho dessa sala aqui, coberta de palha de milho e de gergelim e nessa época quem morava lá era o Pedro Grilo. Eu trabalhava com o papai na fazenda dele só que eu não era vaqueiro não mas fazia a função de vaqueiro quando precisava, ele tinha na base de 100 cabeças de gado.

Carlino: A cisterna foi assim o meu pai arrumou um marcador e ele foi quem marcou naquele lugar ali. Quem ajudou ele a marcar foi o velho Telisto, que foi quem indicou onde tinha água. E quem cavou foi seu avô Orlando e o Afonso e tinha muita pedra bruta. Para fazer as paredes dela aí a gente pegava laje de pedra lá no riacho quem tem muito, aí foi levantando as paredes de lajes de pedra. Na hora que eles terminaram de levantar, eles largaram e foram almoçar e quando voltaram as paredes tinham caído toda, e não ficou nenhuma pedra no lugar. Aí lá se foi outra cavagem de cacimba, aí para construir ela foi cavado duas vezes. Aí o Jandaia bateu os tijolos e queimaram. Aí eu lembro que ela primeiro foi feita redonda aí quando ela caiu eles decidiram fazer quadrada. Eram 2 cisternas que pertencia a fazenda de meu pai, e foi cavado em anos diferentes. A primeira foi a de cá, que é a quadrada, ela cavada em 1972. Na fazenda, usava as duas cisternas mas maior potência era o riacho porque as cacimbas não davam tanta água e minavam pouco.

Carlino: A cisterna quadrada minava 7 latas de água por dia. A água da cisterna não servia para as pessoas beber não, só para os animais porque era muito salgada. Todas as duas eram salgadas, mais a redonda ainda era melhor. Aí essa cacimba redonda foi cavada dentro da roça de milho em 1979 e foi reformada várias vezes já a de cá a quadrada tá no jeito que era. Ela não tinha parede, depois foi que fizeram, a última reforma feita nela tem uns 4 anos. Era sempre bom ter as cacimbas e os riachos perto da fazenda porque facilita o acesso a água para os animais e para o consumo da gente. A água para a gente beber era cavada a cacimba mais era na areia do riacho quando ele secava, que a água era boa.

Carlino: A Garça começa bem ali nessa casa do Solimar e passa pela fazenda do Caio, passa pelo riacho do Dr Caio e por detrás de lá fica o São Pedro, e a Garça termina lá na casa de sua avó Alcione, bem dentro do riacho, e do outro lado já é Queimadinha.

Marlene: Amanda deixa de falar uma coisa, eu fui alfabetizada lá na escolinha, foi seu avô Orlando que me alfabetizou. Antigamente não existia escola no interior, os fazendeiros contratavam professores temporários para alfabetizar os filhos e as crianças da comunidade. Nesse tempo, tinha a escola Isolada da Garça e a sua bisavó Iracema foi a primeira professora, juntamente com seu avô Orlando. Eu tinha 8 anos de idade quando fizeram está escola e o salão ficava apregado na casa da fazenda. Foi fundada em mais ou menos 1972, a escola tinha 4 m de frente por 10 m de fundo. No tempo foi o Valdemar Macêdo que conseguiu essa escola para lá, e ficou funcionando na fazenda do tio Martin.

Nome: Maria Alcione Paes Landim Silva; **Profissão:** Lavradora; **Idade:** 74 anos; **Data da entrevista:** 13 de dezembro 2022

Aqui é a cisterna de meu sogro, quando a seca era grande, ele fez essa cisterna para poder dar água o gado porque a fazenda dele é bem aqui encostado nela. Aí aquele pau alí com a corda era o carritel de tirar a água, ela é feita toda de pedra até chegar embaixo e o beijo é de tijolo, ela é 7 metros de fundura. Logo quando ele fez essa fazenda, demorou um pouco, ele fez essa cisterna para amenizar a seca. Ela também tem um pau embaixo até chegar no fundo para puder o pessoal trabalhador descer para limpar todo ano, limpava para poder criar água de novo. Eu peguei muita água nela e ainda pego, meus filhos, e tinha gente que pegava. O carritel era um balde que você bota na corda aí vai rodando o pau para poder o balde subir até encima. Pegava tanto água aqui como no riacho. Mas para ele mesmo, o mais importante foi o riacho, aqui tinha as cocheiras para botar água. Quando secava cavava as coisas, as cacimbas e botava os bichos para o outro lado, mais para longe, nesse tempo que era de muita chuva não precisava de cacimba, a água do riacho garantia, ele criava muito gado dentro do riacho. Essa cacimba tem uns paus embaixo até no fundo para poder as pessoas descer e limpar todo ano, aí quando chovia descia muita terra para dentro dela aí tinha que limpar todo ano por isso tinha esses paus para o pessoal descer e limpar.

Cheguei aqui em 70, quando eu cheguei aqui o Martin Negreiro era um grande fazendeiro, e tinha vaca, ovelha, cabra, e tocava as roças dele, plantava feijão, milho, mandioca e tinha os trabalhadores dele. Ele tirava o dinheiro no banco para construir as roças dele, para poder pagar os trabalhadores aí quando ele vendia aquelas coisas que ele panhava nas roças ele ia pagar o banco. Ele vendia carradas para o povo da rua, e tinha uma cisterna aquela que tá lá, quando secava ele usava o riacho e botava os bichos para o outro lado. Na casa de farinha eu trabalhava com a Elvira e nós era as rapadeiras de mandioca, cada uma fazia uma coisa, rapava mandioca, espremia e fazia tudo junto. Minha fia assunta, essa casa dele da fazenda tinha 5 quartos bem grandes, e tinha redes armadas para todo lado. Seu avô pegou umas coisas de lá porque tava tudo se acabando, do dia que ele pegou, ele deixou aqui em casa, eu nunca joguei fora, tão aí até hoje, ele mostrava todo mundo que vinha aqui, dizia que era a história.

A casa da fazenda era grande assunta filha, essa casa tinha 5 quartos bem grandes e os trabalhadores dormia na casa de farinha com suas redes armadas. Uns ia para casa os que era de perto, e os outros ficava. Tinha um pessoal de fora assim de São Raimundo que vinha, mas a maioria era sempre os irmãos dele, vinha uns do Garrincho e do Baixão da Serra para

trabalhar. Eles só voltavam para a família de 8 em 8 dias, dormiam na casa de farinha e embaixo do umbuzeiro.

Nome: Francisco de Negreiros Silva; **Profissão:** Vaqueiro; **Idade:** 82 anos; **Data da entrevista:** 8 de novembro de 2022.

Aqui quando eu me entendi, era tudo Queimadinha véa, esse negócio de dividir as terras foi depois, não tenho bem lembrança de quando, só que aqui nós tudo que morava pra cá era tudo Queimadinha. Aqui a metade das terras de uns foi comprada, mas não de dizer de quem, que naquela época eu escutava o papai dizer que aqui era nosso. Outras pessoas eu sei que ganharam um pedaço de terra, porque trabalhou muito por aqui e ganhou de direito, mas os primeiros donos eu não sei dizer quem era. Agora essas terras aí da “Garça”, antes era tudo Queimadinha, só sei que agora mudou tudo menina, tem muita comunidade nova pra cá, mas naquela época não existia não, para nós tudo era Queimadinha véa ou Queimadinha do Zé Miranda, que morava aqui bem antes desse povo todo chegar.

Ali tinha uma casinha que é a do manezin que a gente ficava nela, eu morava ali perto mesmo, só que tinham as mulher que iam cozinhar lá e nós almoçava e jantava por lá mesmo. Essa casa do manezin tinha uma latada e uma rocinha de umas quatro tarefas, num tinha outro serviço por ali era só campear ou plantar mesmo, só tinha essas casas por ali não tinha outras. Nos arredores dela tinha boi, ovelha, cabra, de tudo se criava, lá era um curralinho pequeno, só que trabalhava muita gente por conta das roças que se plantava muita coisa, tinha milho, feijão e as vezes mandioca.

Aqui não tinha outro meio de vida não. Aqui era tudo difícil, o povo trabalhava era nos roçados, campeando nos matos como vaqueiro e plantando. Aqui a terra sempre foi boa para plantar, dava muito feijão, milho e mandioca. Veja bem, seu bisavô era meu irmão, vivia era disso, aprendeu a profissão de vaqueiro e começou a criar gado, montou um curral onde sua avó Alcione mora e ali mesmo ele ganhou a vida. Era muito gado que ele tinha, eu cheguei a pegar boi com ele, só que a vida toda eu trabalhei foi para mim, só que eu ajudava ele também quando precisava. O curral dele era grande e tinha também na fazenda uma casa de farinha, ele sempre plantou nas roças dele a mandioca para fazer farinha e tapioca, era uma farinhada muito grande, e tinha um pessoal que trabalhava para ele e que ajudava a fazer também.

Nome: Dinavan da Silva Santos; **Profissão:** Vaqueiro; **Idade:** 39 anos; **Data da entrevista:** 9 de dezembro de 2022.

Nome: Vanessa de Aguiar Amorim Santos; **Profissão:** Lavradora; **Idade:** 37 anos; **Data da entrevista:** 9 de dezembro de 2022.

Vanessa: Eu vim lá do Brejo do Piauí para trabalhar aqui nesta fazenda quando eu casei em 2002 com o Dinavan que nasceu e já morava aqui nesta comunidade. Aqui eu faço de tudo, eu costuro, faço parto dos animais, e cuido de tudo. Eu já levanto e vou fazer café e ajudar no curral.

Dinavan: Quem começou a construção dessa Fazenda Monte Claro foi o Zé Luiz que o povo conhece por Pereirão, a fazenda foi construída em 10 de agosto de 1998, e o seu primeiro dono era o Carlos Vagner Lopes, depois passou para o Carlinho e agora pertence ao Nilo Eduardo Figueiredo Lopes. O primeiro vaqueiro e que cuidava de tudo por aqui era o Nego Manuel, e a fazenda tem 498 hectares. Aqui essas terras antigamente eram do povo dos Rubens, até esse baixão aqui era chamado de baixão do vei Rubem. Então o primeiro dono comprou desse pessoal.

Vanessa: Aqui nessa fazenda o que mais a gente planta é milho, e milheto. O milheto parece uma semente de alpinista e parece bastante com um pé de milho, e a gente usava para fazer Silagem. A silagem é usada para fazer forragens para a alimentação dos animais. A silagem também é conhecida por muitas pessoas de capim de cana ou capim de forrageira, aqui geralmente a gente planta umas 60 toneladas de milho. Aqui a gente usa o sorgo também nas forragens, o sorgo também é um tipo de milho que ajuda na alimentação dos animais. Aqui a gente vive basicamente da fazenda, aqui tem uma barragem grande que tem bastante peixe para consumo. Aqui antigamente tinha 488 gados e agora tem 276 gados atualmente, e hoje eu que sou o vaqueiro daqui.

Dinavan: Essa fazenda é composta de um curral com 5 repartimentos e uma brete que é um curralzinho para embarcar o gado para vacinar, tem também uma carregadeira para levar as rações, e um depósito que a gente usa para armazenar as rações. Tem também 1 silo que é um buraco que a gente usa para colocar rações, tem 1 casa de motor que fica a forrageira e a siladeira, e essa casa grande que a gente mora. Essa siladeira é uma máquina que a gente usa aqui na fazenda em qualquer momento porque ela serve para triturar, sorgo, milho e tudo que serve para as forrageiras, elas é quem abastecem os silos e ajuda diariamente no processo de triturar os alimentos para os animais. O silo é tipo um depósito de ração e esse que a gente usa

tem 6 metros de comprimento, 3 de largura e 4 de fundura. Eu desço por essa escada aqui, encho os sacos e entrego para o Dinavan e depois eu coloco a escada para subir novamente.

Aqui a gente cria gado, jumentos da raça pêga, que esse animal é bem forte para trabalhar e ajudar na fazenda, e as éguas quarto de milhas. Os jumentos e as éguas usamos para o trabalho todo dia, já o gado a gente cria é para corte, aqui a gente cria a raça Tabapuã. As vezes o Nilo Eduardo traz esses animais de fora ou compra nas exposições. A cada 4 anos ele traz de um lugar diferente para mudar a genética. Essa última vez ele comprou em São Paulo e trouxe para cá, e esses animais chegam a custar entre 18 a 20 mil reais o touro para a reprodução.

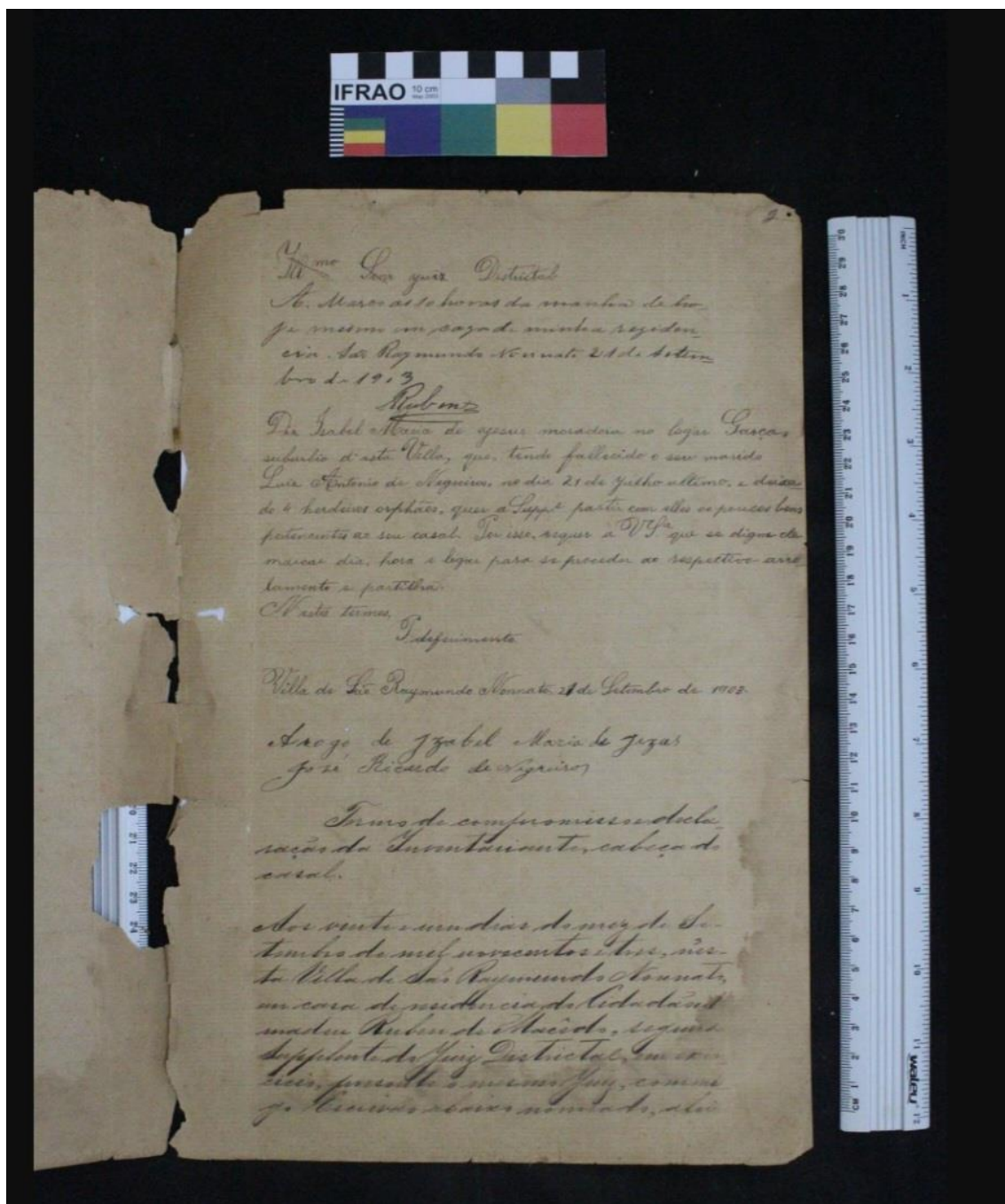
Tipos de gado que a gente tem aqui nesta fazenda:

Gados LA, são puros por cruzamento, ou seja, pai e mãe puros e não registrados, o filhote custa em média uns 2500 reais, o valor depende muito da idade e tamanho.

Gados Puros PO, são registrados pai e mãe e o filho também é registrado, custa aproximadamente 5 mil reais.

Para ajudar a gente com esses gados, a gente cria um cachorro Australiano conhecido por cachorro boiadeiro, ele é quem rebanha o gado todos os dias, os cachorros puros são azulados e vermelhos. Criamos também galinhas, só que essas a gente cria por conta própria para o nosso consumo mesmo. O jumento se a gente for vender eles custam 100 reais o filhote, mas a gente cria mesmo é para trabalho aqui na fazenda.

ANEXO II - DOCUMENTOS ACESSADOS





Mandado de avaliação.

O Doutor Celso Vas de Oliveira, Juiz de Direito desta comarca de São Raimundo Nonato, do Estado do Piauí, por título e nomeação legal, etc.

Mando ao avaliador judicial desta comarca Manoel de Almeida Sobrinho, que em cumprimento desta, indo por mim assinado, avalie os bens deixados por falecimento de Isabel Guerra Deusdará, os quais são os seguintes: Quatro glebas de terras no lugares Malhada Alta, Chapada da Ladeira da Serra, Queima-d'Alma e Conjunto do Morro do Barricho, todas na mata de ciparó, deste município, com uma área total de quinhentos e dezesseis hectares sessenta e seis ares e sessenta e centiares, correspondentes a trinta e um cruzeiros (cr\$31,00) de posse, na referida fazenda, defendidas em ação judicial de demarcação e divisão, registradas no registro de imóveis desta comarca sob número dois mil quatrocenta e nove (2.049), estimadas em três mil e cem cruzeiros (cr\$3.100,00); Uma gleba de terra encravada na fazenda Várzea deste município, com uma área de trezentos vinte e um hectares e cinquenta ares, correspondentes a trinta e dois cruzeiros e quinze centavos (cr\$32,15) de posse na citada fazenda defendida em ação judicial de demarcação e divisão, transcrita no registro de imóveis desta comarca sob número dois mil cento e cinquenta e quatro (2.154), estimada em mil novecentos vinte e nove cruzeiros (cr\$1.929,00); Uma casa de residência, de alvenaria coberta de telhas, com cinco (5) janelas de frente, de construção própria, sita nesta cidade, na Praça 7 de Setembro, valia a em vinte mil cruzeiros (cr\$20.000,00) um terreno com seis metros de frente, e quarenta de fundos, ligado a casa de residência, com frente construída

MEMORIAL DESCRITIVO DA DATA "GENIPAPO", DO MUNICIPIO DE SÃO RAIMUNDO
NONATO, COMARCA DO MESMO NOME, DO ESTADO DO PIAUÍ.

A data "GENIPAPO", do município de São Raimundo Nonato, do Estado do Piauí, faz parte das concessões de Sesmarias, na época do Brasil Colonial, a título de sesmaria, para desbravamento, cultura, fomentação e povoamento, como era o costume, não se tendo, entretanto, conseguido obter sua carta concessionária, nem tem acontecido com muitas outras, em vista das diversas transferências administrativas do Piauí, se achando, talvez, em arquivo ignorado, assim como não se encontrou os autos da sua primitiva demarcação, se porventura houve, como cláusula obrigatória ao Sesmeiro concessionário. Todavia, para o fim de que o imóvel demarcando se acha no domínio particular, temos far documentação de domínio e posse instruída por títulos de transferência diversas, como se vê do que instruído o pedido que autoriza esse feito e os demais que se acham junto aos autos respectivos, onde se verifica ter sido sucessões e alienações desde datas seculares. Conforme a inicial, a data demarcando se confina ao NORTE, com as datas "SERRA", "VEREDA" e parte da "BOQUEIRÃO SINHO"; ao SUL, com as datas "SÃO LOURENÇO" e "CANÁRIO"; ao LESTE, com as datas "CURIMATÁ" e "SERRA NOVA", e ao OESTE, com a data "SANTO ANTONIO", todas deste município. Em audiência especial foi escolhido e determinado como ponto de partida dos seus trabalhos de Demarcação e medição, o marco denominado MARCO DO MORRO DO GARRINCHA, que serve de divisão das datas "GENIPAPO", "SERRA" e "BOQUEIRÃO SINHO".

ROTEIROS E ALINHAMENTOS

PRIMEIRO ALINHAMENTO: - Como foi determinado em audiência especial, iniciei os trabalhos de medição perimetral da data em referencia, do marco do MORRO DO GARRINCHA, marco construído de pedra e cal, representando uma pequena torre, com setenta (70) centímetros de altura, aproximadamente, por quarenta e quatro (40), nas suas quatro faces, situado no ponto culminante do Morro do Garrincha, no canto da data "SERRA", que deu lugar o seu assentamento háis de trinta anos, quando foi demarcada. Partindo deste ponto, seguí pela linha perimetral da data "SERRA", já demarcada e homologada por sentença, como fiz menção, com o azimuth setenta e um (71º) graus SUDOESTE (SW) e com cem (100) metros chegado á base do referido Morro do Garrincha; continuando por terrenos de matas e caatingas, com a extensão de sete mil e novecentos (7900) metros, atingi ao marco do Alto dos Veados, situado no canto SUDOESTE da data "SERRA", tendo neste alinhamento atravessado a estrada de São Raimundo Nonato para a Serra dos Gringos.

SEGUNDO ALINHAMENTO: - Do marco do Alto dos Veados, prossegui dividindo com a data "VEREDA", por terrenos de igual natureza, com o azimuth setenta e quatro graus e trinta minutos (74º30'), SUDOESTE (SW), e com a extensão de mil e duzentos (1200) metros, atravessei o Baixão do Caboré; com dois mil e novecentos (2900) metros, atravessei o Baixão da Acauan; com quatro mil e novecentos (4900) metros, atravessei o Baixão da Vereda; com cinco mil e trezentos e oitenta (5380) metros, atravessei a estrada comum de São Raimundo Nonato á Santo d' Buítá; com cinco mil e oitocentos (5800) metros, subi uma pequena elevação de caatingas; com sete mil novecentos e vinte (7920) metros, atravessei a estrada carroçavel de São Raimundo Nonato á Caracol; e com oito mil novecentos e trinta (8930) metros, total deste alinhamento, alcancei o canto da data Demarcando, onde foi colocado um marco de pedra tosca, formado por duas testemunhas de igual natureza, formando um angulo agudo, indicando os rumos das linhas, cujo marco denominei "MARCO DO NÉCO".

Foram colocados, no correr dos alinhamentos, numa media de quinhentos (500) em quinhentos (500) metros, bem como em todos os angulos e passagens de estradas importantes, marcos de pedra tãca e de madeira de lei. Cultiva-se nos terrenos desta Data, a mandioca, o milho, o feijão, o algodão e em pequena escala, o arroz, variando a produção de cereaes, de acordo com o inverno. Na parte Noroeste, desta Data, existem maniçobaes, de regular produto

MARCOS, CULTURAS E PRODUÇÕES

As industrias existentes nesta Data, são pequenas, sobressaindo-se a pastoreio, cujos rebanhos já foram importantissimos, achando-se, porem, consideravelmente reduzidos, devido aos maus invernos e consequente falta de agua para seu abastecimento. A maniçoba, de industria extrativa, vem sendo extraída, ainda pelo processo corriqueiro, do maniçobeiro, sem noção tecnica.

INDUSTRIAS

A data Genipapo, onde tem sede o municipio de São Raimundo Nonato, está servida por estradas carroçaveis, para Remanso, Estado da Baía, Caracol, neste mesmo municipio e São João do Piauí, cidade vizinha, seguindo ainda para diversos outros pontos do Estado. Existe na cidade Agencia Postal-Telegrafica, que muito contribue para o desenvolvimento comercial, não só ao meio local, como para o intercambio com os demais Estados do Brasil.-----

VIAS DE TRANSPORTE E COMUNICAÇÕES

Foi posto em pratica para as operações geodesicas, o TRANSITO DE GUERLEY, depois de bem examinado e retificado. Para medição, corrente de aço, com vinte (20) metros, aferida e fichas, tambem de aço, para auxilio e para os alinhamentos, balisas de madeira lavrada, desempenadas e pintadas. O valor mecanico onde fica situada a Cidade, applicando-se o processo usual de observação ao Sol, depois de escolhido o ponto mais descoberto, em tres dias seguidos, ás primeiras horas da manhã solar, foi encontrado uma media de dezesseis grãos e trinta minutos (16º30') NOROESTE (NW).-----

METODO APLICADO E DECLINAÇÃO MAGNETICA

INFORMAÇÕES GERAES

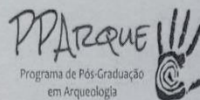
A data Genipapo, tem mais ou menos, quarenta por cento (40%) de suas terras que se destinam á cultura de cereaes; cincoenta por cento (50%), destinadas á pecuaria e dez por cento (10%), de produções estrativas naturais, que é a maniçoba. A cidade de São Raimundo Nonato, sede do municipio do mesmo Nome, fica situada quasi no centro da Data em referencia, tendo ottimo clima e agradabilissimo, gosando os seus habitantes de um estado sanitario correspondente á salubridade de que desfrutam da natureza do local. Na distancia de cem (100) quilometros, aproximadamente, está a cidade de Remanso, do visinho Estado da Baía, onde é o maior intercambio comercial.-----

ESCALA E PLANTA

Junta-se ao presente memorial a copia da planta, confeccionada, do seu levantamento perimetrico, com todos os accidentes encontrados-estradas, baías, planaltos, serras, colinas, rios e lagôas, orientada pelo valor mecanico da declinação acima constatada, formada na escala de um por vinte mil (1x20.000), em vista da sua extensão, tornar-se impossivel, adapta-la ás usuas escalas recomendadas pelo artigo quatrocentos e trinta e quatro (434), do Código de Processo Civil Brasileiro. São estes os informes que-liguei necessarios e com fundamento na Lei, apresento este MEMORIAL.---

São Raimundo Nonato, 29 de Novembro de 1.943.

Joaquim Gomes Calado
 Joaquim Gomes Calado
 Agr.Cart.Prof.Nº 056-P

ANEXO III - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**UNIVASF**
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
etnográficos**

Por meio do presente documento eu

Francisco de Negreiros Silva,
resido em Garça,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela
discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paes Indim Silva,
e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem
para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

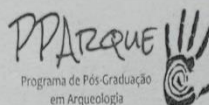
São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Autorização dada verbalmente
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
etnográficos**

Por meio do presente documento eu

Carline de Negreiros Silva,
resido em São Raimundo Nonato-PI

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela
discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paes Landim Silva,
e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem
para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

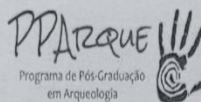
Carline de Negreiros Silva

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
etnográficos**

Por meio do presente documento eu

Graciano Ferreira da Silva,
resido em Queimadinho,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela
discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paes Lindim Silva,
e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem
para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

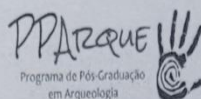
São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Autorização dada Verbalmente
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
etnográficos**

Por meio do presente documento eu

Marlene da Silva Miranda,

resido em São Raimundo Nonato - PI,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela
discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paes Landim Silva,

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem
para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

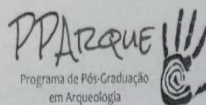
Marlene da Silva Miranda

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
etnográficos**

Por meio do presente documento eu

Aurélius Paus Landim Silva,

resido em Garça,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela
discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paus Landim Silva,

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem
para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

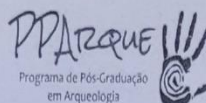
Aurélius Paus Landim Silva

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Maria Alcione Paes Landim Silva,
resido em Garça

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paes Landim Silva,
e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

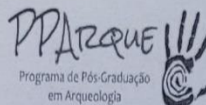
São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Maria Alcione Paes Landim Silva
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
etnográficos**

Por meio do presente documento eu

José Luiz de Jesus Silva
resido em Queimadinho

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela
discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Pais Landim Silva

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem
para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

José Luiz de Jesus Silva

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Henrieta Josefa da Silva,
resido em Queimadinha,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paes Indim Silva,
e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

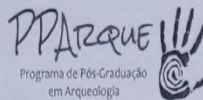
São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Autorização dada verbalmente
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Soliman Ferreira de Oliveira,

resido em Garça,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paes Landim Silva,

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

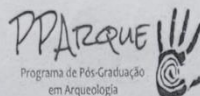
Soliman Ferreira

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Dinerson da Silva Santos,
resido em Queimadinha

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paes Landini Silva,
e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

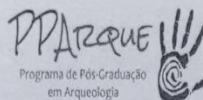
Dinerson da Silva Santos

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Francisco de Miranda,
resido em Queimadinho,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paus Tondini Silva,
e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

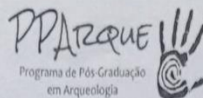
São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Autorização dada verbalmente
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Ana Tereza Ribeiro Damasceno,
resido em Buenos Aires,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paes Lindim Silva,

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

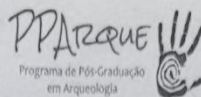
Ana Tereza Ribeiro Damasceno

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Manoel Simplicio Damasceno

resido em Bui-madinho

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paes Lindim Silva

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Manoel Simplicio Damasceno

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia

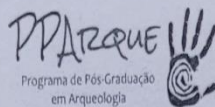
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP: 64770-000

Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>

E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
etnográficos**

Por meio do presente documento eu

Ara Maria de Miranda,
resido em Queimadinho

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela
discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paes Lindem Silva,
e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem
para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

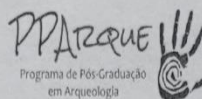
Autorização dada verbalmente

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu

Vanessa de Aguiar Amorim Santos,

resido em Queimadinha,

reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente do programa de Pós-Graduação em arqueologia da UNIVASF

Amanda Paes Lordin Silva,

e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Vanessa de Aguiar Amorim Santos

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br